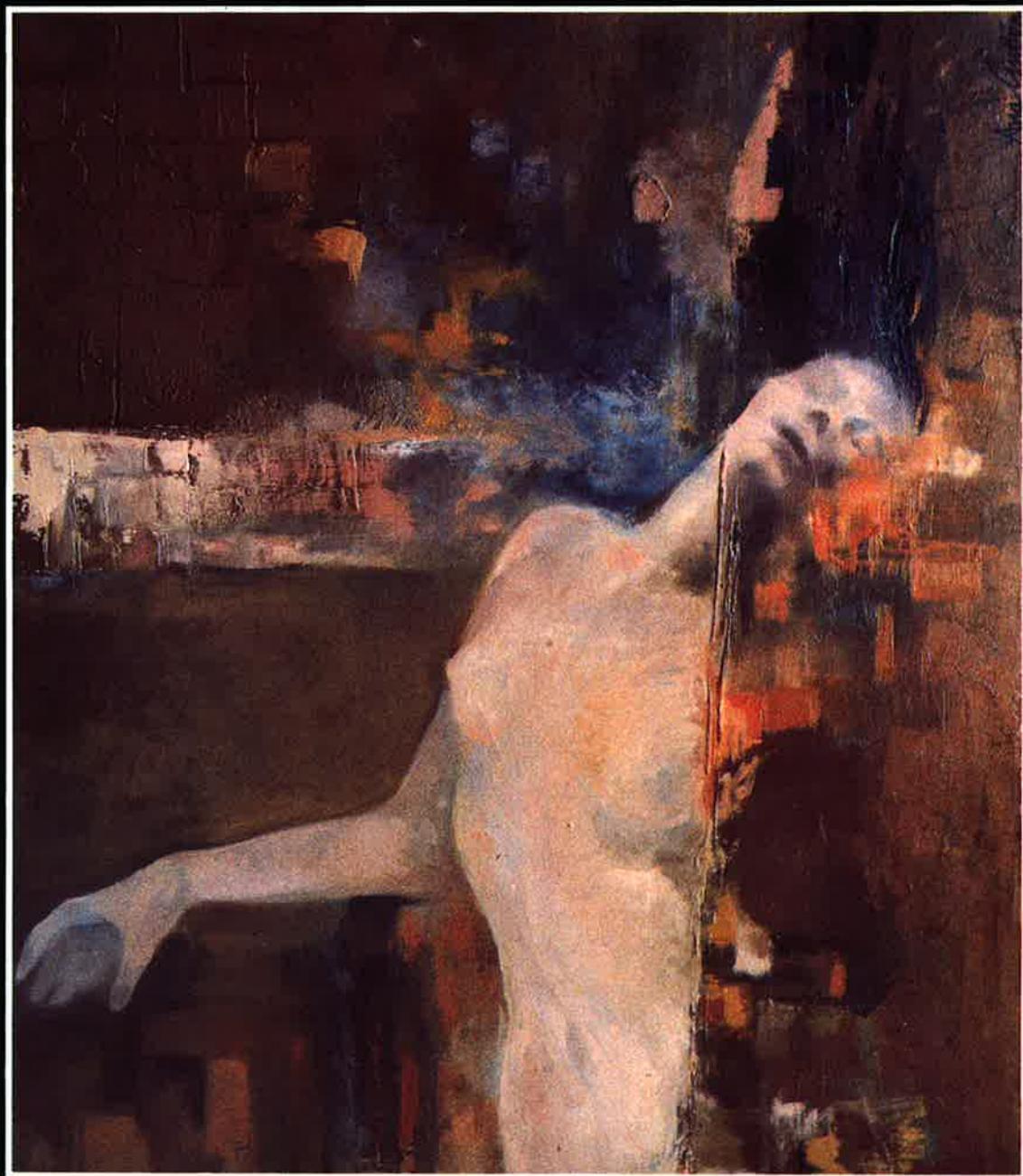


Boca Bilingüe



Revista de cultura en español y portugués

Boca Bilingüe

REVISTA DE CULTURA EN ESPAÑOL Y PORTUGUÉS

10-11

octubre
1994

DIRECTOR:

José Planells Puchades

CONSEJO DE REDACCION:

Fernanda de Abreu * José Bento *
Francisco Faraldo * Juan J. Fernández *
Manuel López * Luis Moliner * José Luis
Parga * Alberto Quintana * Elías Serra

COORDINACION GRAFICA Y DISEÑO CUBIERTA

Juan A. López

MOTIVO DE LA PORTADA:

Ana Gullón: *Sueño Roto* 1992
Oleo sobre Tabla, 70 x 50

REDACCION:

Instituto Español de Lisboa
Rua Direita do Dafundo, 40
1495 Lisboa

EDITA:

Consejería de Educación
Instituto Español de Lisboa

B.B. no comparte, necesariamente, las opiniones expresadas por sus colaboradores.

Han colaborado literariamente en este número doble de Boca Bilingüe:

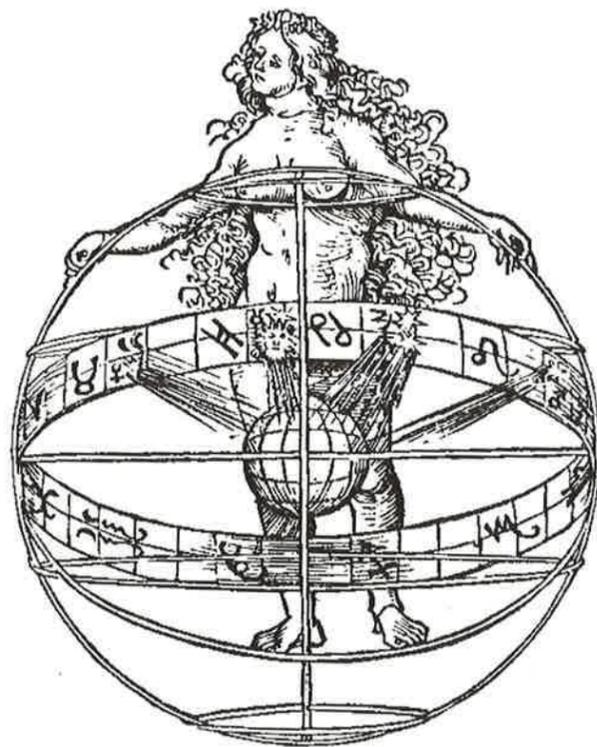
Teresa Rita Lopes, César Simón, João Rui de Sousa, Jaime Siles, Luis Moliner, Alejandro Duque Amusco, Joaquín Sánchez Vallés, Ignacio Cartagena Núñez, Mario de Carvalho, José Angel Cilleruelo, José Manuel Capêlo, Javier Tomeo, Ignacio Sanz, Agustina Bessa Luis, Vera Felicidade de Almeida Santos, Luis Antonio de Villena, Julia Manzano, Pedro J. de la Peña, Fernanda de Abreu, Manuel López, Felipe Gutiérrez, Elías Serra, Luis Parga, José Planells, Pedro Santa María de Abreu, Juan Piñeiro Joaquín Rubio Tovar.

COLABORACION GRAFICA:

Pura Arca, José António Cardoso, António Charrúa, Joaquín Escuder, Jacinta Gil, Ana Guyón, Álvaro Lapa, Domingos Rego, Daniel Sahún, Angelo de Sousa, Juan Vera

REALIZACION GRAFICA:

Manuel Barrero Acedo



BOCA BILINGÜE

2

SUMARIO

EDITORIAL

ENTREVISTA

Fernando Assis Pacheco, por Manuel López y Luis Parga. 6

POESIA

Teresa Rita Lopes: *Os ciganos do Mar* 17

César Simón: *Poemas* 21

João Rui de Sousa: *Paul Klee, Alguns Encontros* 25

Jaime Siles: *Recordada Belleza; Color en Fuga* 27

Alejandro Duque Amusco: *El Baúl de Lisboa* 31

Luis Moliner: *Parque Océano* 32

Joaquín Sánchez Vallés: *Sonetos* 34

Ignacio Cartagena Núñez: *Aguamarga* 36

NARRACION

Mario de Carvalho: *Un Vaso con Agua* 41

José Angel Cilleruelo: *Síloba* 48

José Manuel Capêlo: *Em Lisboa, pelo atardecer...* 54

Javier Tomeo: *Las ballenas arquetípicas* 56

Joaquín Rubio Tovar: *El caballero del cisne* 58

Ignacio Sanz: *Belinda Abad* 60

ENSAYO

Francisco Márquez Villanueva: *Brinde a Portugal* 69

Agustina Bessa Luis: *A Mulher e o Desejo* 75

Vera Felicidade de Almeida Santos: *Paixão e Razão: Vivencia e Significado* 80

Luis Antonio de Villena: *Roland Barthes: del Yo de Hielo al Yo Incendiado* 84

Julia Manzano: *Eugenio Tries y Marcel Duchamp: Los latidos del Corazón de Cristal* 91

Pedro J. de la Peña: *Escribir, Publicar* 98

TEXTOS RECUPERADOS

Alexandre Herculano: *Murillo e Cervantes* 106

BALCON ABIERTO

Crónica de vientos y casamientos (3), por Manuel López 117

El tratado de Tordesillas: quinto centenario, por Felipe Gutiérrez Ilerena 122

Reseña: Elías Serra, José Planells, Luis Parga, Pedro Santamaría de Abreu 127

BOCA BILINGÜE

3

EDITORIAL

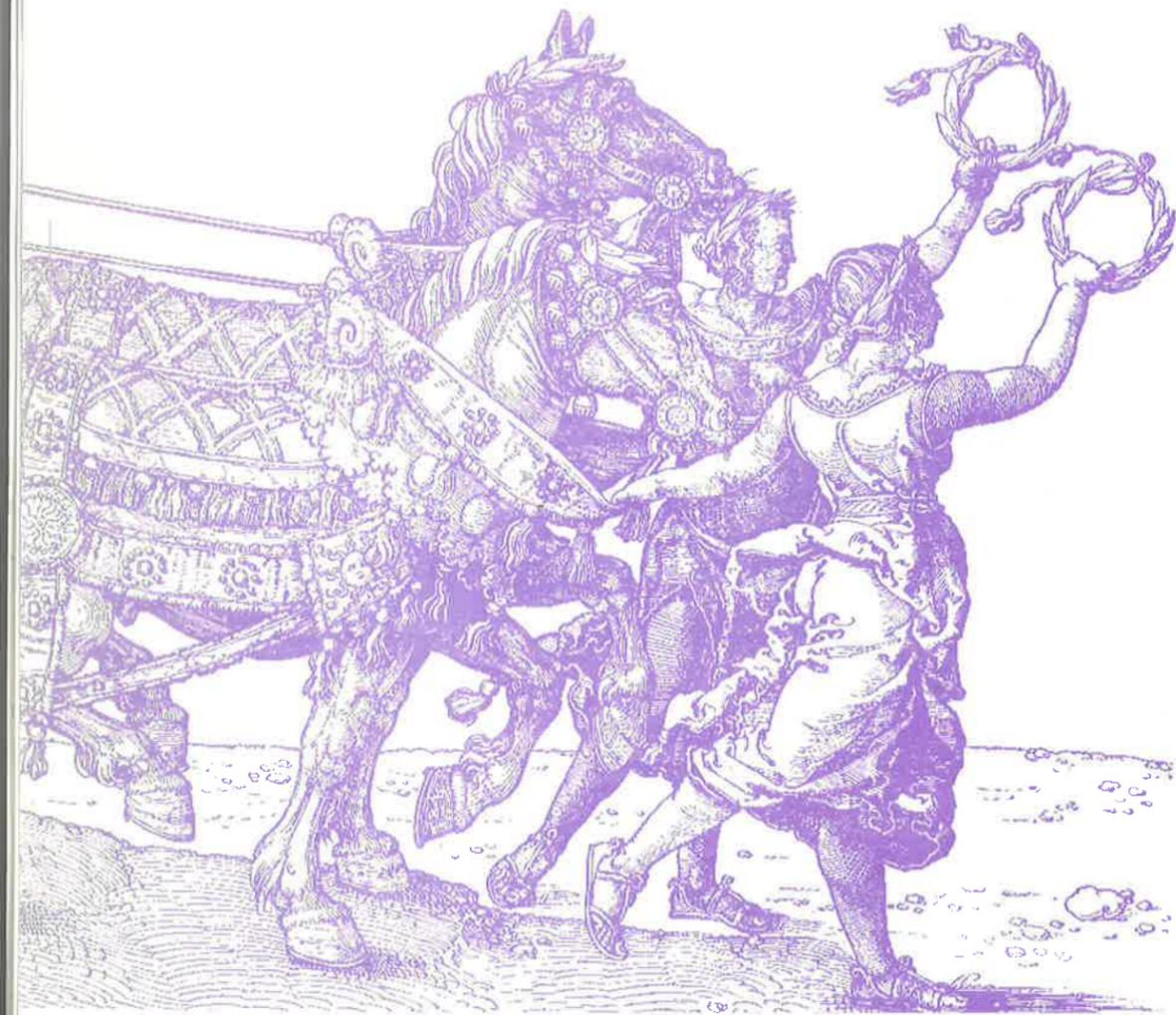
Boca Bilingüe ha experimentado una lenta pero continua transformación en sus casi 6 años de existencia. El presente número doble, 10 y 11 de la colección, introduce de nuevo algunas modificaciones que esperamos aumenten la calidad de la revista.

Lo primero que el lector observará es sin duda una concepción gráfica diferente. En primer lugar, las ilustraciones dejan de ser obra en su mayor parte de un solo autor y diversifican ampliamente su procedencia. Del mismo modo que nuestra revista se empeña en mostrar obra escrita de autores representativos de la península ibérica, ya sea su lengua el portugués o el español, hemos considerado conveniente aprovechar el espacio de Boca Bilingüe para mostrar también aspectos de lo que se produce en las artes visuales de España y Portugal en la actualidad. Tanto las páginas a todo color como las ilustraciones en dos colores que jalonan las páginas de la revista, brindan ahora la oportunidad de apreciar obras representativas de creadores portugueses y españoles, consagrados en unos casos y menos conocidos en otros, pero autores todos ellos de una obra singular. En segundo lugar, mientras que la obra gráfica hasta este momento servía básicamente de ilustración al texto, podemos afirmar que a partir de ahora se independiza del mismo y adquiere sustantividad

Por lo que se refiere a las secciones de la revista, conocemos bien la artificiosidad de establecer fronteras entre el texto poético, el texto narrativo y el texto consagrado a la exposición abstracta de una idea o al estudio de un autor o momento literario. También la distinción entre texto creativo y ensayístico hace aguas en numerosos casos. Precisamente este número constituye un buen ejemplo de entrecruzamiento entre los géneros y el lector tendrá ocasión de observar en sus páginas al poeta que teoriza sobre la naturaleza del texto, al narrador convertido en analista de ideas y al ideólogo que se aventura por el sendero de la creación poética o narrativa. Hemos decidido a pesar de ello mantener nuestras habituales secciones de poesía, narración y ensayo por mor de una estructuración más perfilada y clara de la revista. Una nueva sección, *Textos recuperados*, que inauguramos con una fantasía de Alexandre Herculano sobre Murillo y Cervantes, pretende aportar textos, sino inéditos al menos de difícil localización, de clásicos portugueses y españoles con la mirada puesta en algún aspecto cultural del país vecino.

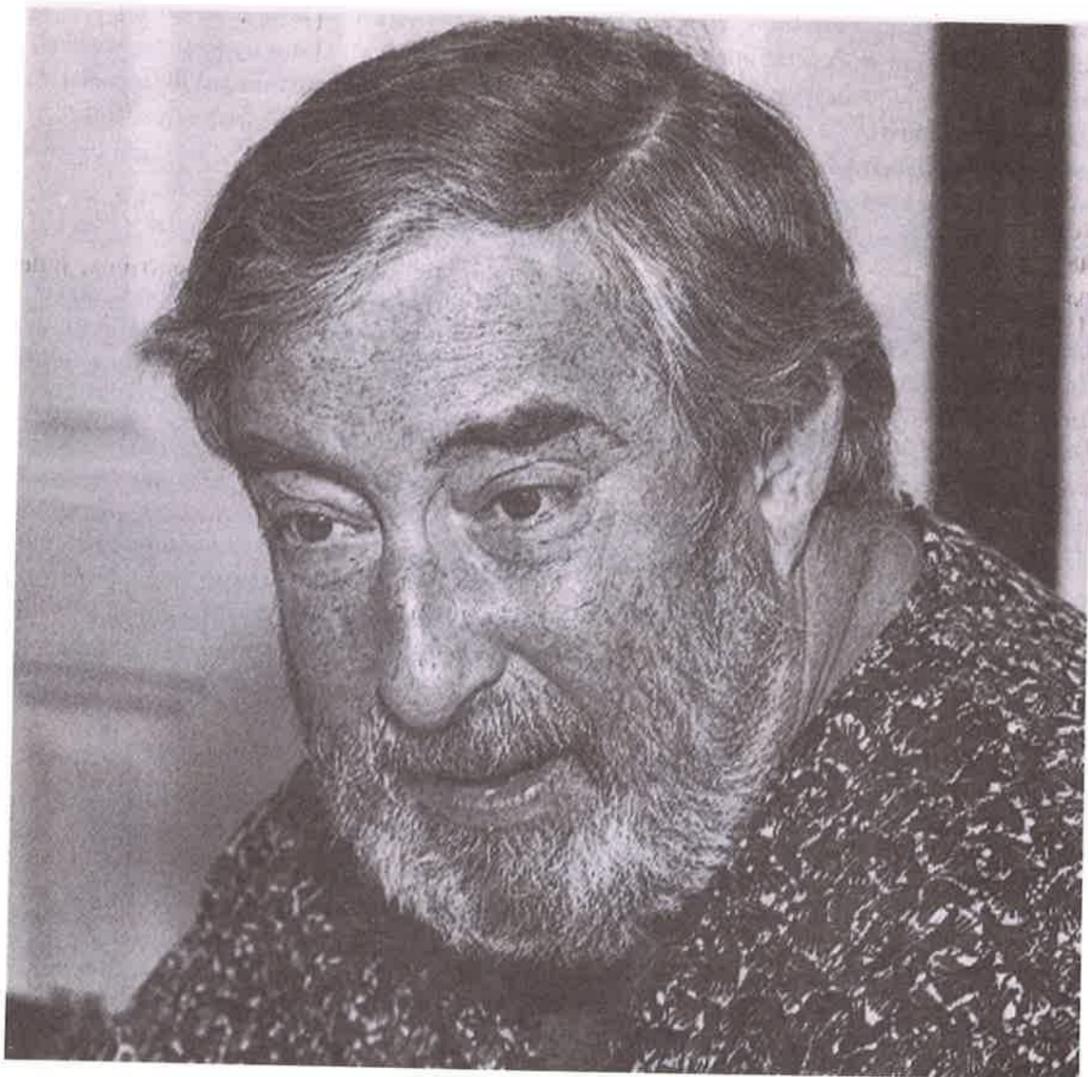
Generalizamos también en este volumen el procedimiento, ocasional en los números anteriores, de acompañar cada colaboración de una breve bio-bibliografía del autor. Pues aunque algunos de nuestros colaboradores son escritores consagrados que apenas necesitan de presentación alguna en el propio país, juzgamos que al menos para numerosos lectores del país vecino no siempre resultará superflua una nota introductoria y orientativa sobre figura y obra del autor.

Boca Bilingüe quiere agradecer, por último, la colaboración desinteresada de tantos autores y artistas que nos han prestado su confianza y se han sumado a esta empresa de abrir vías de conocimiento y diálogo entre las dos culturas ibéricas de mayor magnitud.



F E R N A N D O ASSIS
P A C H E C O

Por Manuel López y Luis Parga



**Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no oceano. (Lus.)**

Portugal tem uma avó galega esquecida no recanto onde guarda as origens, tão esquecida que já em Camões, que tinha avô galego — um tal Vasco Pires de Camões que veio a Portugal em meados do século XIV e plantou o seu clã pelas terras de Chaves—, a Galiza fica como um “quase” sem nome, uma sensação de privação sem causa, matéria prima de que aliás estão também feitos os rasgos que compõem o ser orfão do português de sempre: saudade, sebastianismo..., estes com nome para serem falados. Daí a nossa surpresa ao ler uma novela, “Trabalhos e paixões de Benito Prada”, onde Fernando Assis Pacheco vem-nos falar do avô galego.

...Eu sou neto de um galego da província de Ourense. Este meu avô, Santiago Loayo Alvarez, era um galego como muitos que vieram para Portugal. Creio que veio no final do século passado, e estabeleceu um negócio de panos, um negócio de feirante. Vendia panos com uma carroça e uma mula, e mais tarde, como sucedeu a vários galegos, enriqueceu com esse negócio e transformou-se num industrial têxtil. Quando eu o conheci já era um homem rico, estabelecido em Coimbra, sócio de uma fábrica de fazendas, um homem muito curioso. A primeira língua que ele falava era às vezes incompreensível, um “castrapo”, uma mistura: nos dias em que estava calmo e repousado e lhe apetecia falar, falava um galego serrano puro; falava também muito bem o espanhol, o castelhano. Mas a maior parte dos dias, cansado pelos seus trabalhos, cansado por aquilo que chamamos em português “a porca da vida”, falava um castrapo pouco compreensível, e talvez de todos os

seus netos, o único que era capaz de entender o que havia por detrás deste linguajar, fosse eu. A primeira vez que fui a Espanha fui à Galiza, e concretamente aquela entrada por Tuy, Tuy-Ribadavia-Ourense. A terra do meu avô foi a minha primeira introdução em Espanha, e foi uma introdução para mim muito confusa, ao mesmo tempo no mundo da língua castelhana, que eu ouvia falar em Ourense, e na língua galega. Na terra de meu avô falava-se um galego serrano cerrado, difícil à audição, do qual eu não entendia mais de dez por cento. Curioso é que não foi o meu avô que me levou à terra dele, foi o meu pai, que achou que era um ponto de honra levar os netos à terra do avô. Eu achei a terra, por um lado, muito bonita, porque é uma terra serrana: Melias, Sta. Maria de Melias. Eu sou o neto de um galego de Melias, por cima de Casdemiro. Muito probrezinha, creio que em galego se chama probiña, mas muito bonita. Já na altura notava-se que havia uma emigração para outros lados que não fosse Portugal. A emigração durante muito tempo naquela terra foi uma saída para Portugal, porque estava perto, tarda uma hora da fronteira portuguesa. Mas houve certamente emigração para a América latina. A minha é uma família que se espalhou por muitos sítios. Os irmãos de meu avô foram para Ourense. Outros ficaram ali na aldeia; outros foram para Madrid, México... A parte da família a quem correu melhor a vida, foi ao meu avô que veio para Portugal. E teve sorte. Os galegos são muito aplicados no trabalho, e meu avô meteu-se na hora certa, nos negócios certos. Quando o conheci era um senhor rico, muito simpático, sempre muito bem vestido. Primava pela elegância. Até porque era industrial têxtil tinha que luzir os seus tecidos, as suas melhores fazendas. Este avô de quem se esperaria que a certa altura, sabendo dum mínimo

interesse dos netos pela coisa espanhola, me tivesse dado livros espanhóis, não mos deu, mas estimulava uma compra ou outra. A segunda vez que fui a Orense e já fui com o meu avô comecei a comprar livros. Fui para a rua do Passeio e disse ao meu avô: "Continua que eu vou comprar livros". E ele disse: "Não te esqueças de comprar Rosalía de Castro". Era o máximo que aquele meu avô podia intuir do interesse que tinham as letras galegas. E comprei não só a Rosalía, comprei nessa altura Manuel António, Curros Enríquez e um bocado de Castelao, enfim... Mas ao mesmo tempo fui comprando também literatura espanhola em castelhano. O primeiro livro que li deste país do lado chamado Espanha, a primeira obra literária, que me deixou uma impressão imorredoi-ra, foi "El Lazarillo de Tormes". E comprei porque era muito barato, aquela ediçãozinha pobre de Austral, que conser-vo, e tive dificuldades na leitura. Esse exemplar ainda o tenho todo sublinhado a lápis, e algumas vezes a tinta, com a tradução portuguesa ao lado. Por exemplo, não sabia que houvesse longaniza. Longaniza durante muito tempo foi um dos maiores mistérios do vocabulário castelha-no. Até que percebi que talvez quisesse dizer linguíça e comecei a descobrir essa coisa lindíssima das línguas contíguas, o português e o castelhano, o português e o galego. E porque não às vezes o portu-guês e o catalão.

O Lazarillo foi para mim um livro de texto. Ainda hoje, quando penso que O Lazarillo continua a não ter autor conhe-cido, eu ofereço-me. É um livro que é uma vida, que leio e releio, um livro que já dei às minhas filhas todas. E eu estou a fazer com elas aquilo que meu avô não teve nem tempo nem imaginação para fazer comigo: estimulá-las para entrarem nas letras espanholas. Primeiro por esta contiguidade das culturas e das línguas,

depois pela contiguidade geográfica: quei-ramos ou não fazemos parte daquele mesmo bloco de terra que os franceses descobrem quando atravessam os Pire-néus. E depois, acho que a pior maneira de os vizinhos se relacionarem é não se conhecerem, ainda por cima se falam um dialecto familiar...

A matriz da figura de Benito Prada é evidentemente este meu avô. Inventei muitas histórias, mas a figura matricial é de facto este meu avô. Se eu não fosse seu neto, não me teria munido, de matéria espanhola em geral, e galega em particular, até ao ponto de me atrever a este romance. Tive que regressar a Ou-rense mais duma vez porque descobri, como todos os jornalistas que querem fazer uma obra de ficção, que têm que andar nos sítios, ouvir pessoas. O nosso conhecimento do mundo é muito visual e auditivo. As histórias dos jornalistas estão muito ligadas sempre a pequenas histó-rias que se passam nos locais, a figuras in-teressantes, picarescas ou não, que vão encontrando. Mas desta vez fiz as coisas a sério, fui um pouco rato de biblioteca. E andei também pela hemeroteca provin-cial, aborreci muita gente. Fiquei com uma ideia andarilha de Ourense. Percorri bastante da província, e hoje devo ser dos portugueses que melhor a conhece.

Não é que seja uma província lindíssi-ma. Não tem grandes belezas naturais, mas tem uma riqueza humana que é muito evidente. Há muitos pontos de con-tacto entre um serrano de Ourense e um serrano de Trás-os-Montes.

A minha é uma crónica de sessenta anos da história portuguesa e galega, com o pretexto de uma personagem em que coexistem os dois espaços. É o romance possível de um leitor da picaresca; pensei tantas vezes na pícara Justina e no Lazari-llo. Eu gosto muito de viver em 1993, mas teria sido um honesto trabalhador da

prosa em 1580, 1620. Ter-me-ia dado muito bem com os meus colegas picares-cos, com toda a certeza. Mas o que mais me interessou nesta experiência de prosa, e só me dei conta à medida que o roman-ce ia crescendo, é que em toda a vida nos últimos vinte anos, estive a aperceber-me disso, estive a ponto de iniciar esta expe-riência, que é uma experiência de interpe-netração linguística. Um leitor do espaço espanhol, seja galego, seja castelhano, que conheça razoavelmente o português, ir-se-á dar conta muito rapidamente disso: este autor português gosta de cruzar a sua lín-gua natal, o português, a língua que eu bebi com o leite materno, com duas lín-guas provençal e rural, o castelhano e o galego. Eu passo a vida com o Corominas diante, gosto de saber donde vêm os míni-mos detalhes da língua portuguesa. E quando vejo que vêm das mesmas raízes etimológicas, do galego, do catalão, do castelhano, não deixo de maravilhar-me. De facto, somos um espaço linguístico tão cruzado, é uma rede tão cruzada a desta terrível e bonita mistura, que é a mistura de portugueses, galegos, catalães, castelha-nos, andaluzes, asturianos: é tudo a mesma tropa. O que é que um leitor meio galego, meio ilustrado, um colega meu de 50 anos dirá dum livro destes? Vai achar uma experiência frustrada, uma experiên-cia enriquecedora para ele? A experiência falhou desde este ponto de vista do cruza-mento dos territórios linguísticos? Sinto curiosidade em sabê-lo.

A minha vontade seria controlar de perto uma eventual tradução para Galiza. Por outro lado, acho que não devo meter-me no território do tradutor: o tradutor deve ser livre. Devo dar-lhe o apoio que ele quiser. Mas suponho que ele vai ter muitas dificuldades e vai pedir mais apoio do que aquele que eu estou em condições de dar-lhe. Enfim, posso explicar algumas coisas que são do português, que são da

vida e da toponímia, dos usos e costumes de Melias, que dessas coisas eu sei. Mas, por exemplo, um tradutor deste romance não pode deixar de consultar o vocabulá-rio de baralhete de Ben-Cho-Sei, o baral-hete de afiador.

Falamos duma história que saiu há pouco nos jornais: uns bandidos ourensanos que se metiam em Trás-os-Montes para roubar vacas, estavam-nos esperando, mataram um homem e depois tinham medo de que viessem outros e se vingassem..., histórias fronteiriças, do farwest...

Mas estamos cheios dessas histórias: aliás durante a Guerra Civil, a Guarda Re-publicana de cá colaborava com a Guar-dia Civil, ao ponto de fazer batidas com os "fugidos" e os "agachados" do outro lado. E houve gente galega que sobrevi-veu em Portugal. Há uma certa convivên-cia das populações. Essas histórias estão todas por apurar. Mas o interesse portu-guês não vai a tal ponto...

A relação com Espanha foi sempre um pouco com Castela. O nosso receio histó-rico, o nosso pavor é de Castela, não temos receio de mais nada. Os aconteci-mentos de 1380 e tal marcaram-nos muito. São as primeiras incursões castel-hanas. Mas toda essa história é mal conta-da aos meninos portugueses. Nas histórias que se contam são omissos os imensos apetites, imensos, reiterados, diuturnos apetites da monarquia portuguesa pela governação espanhola. Quantos reis não deram infantas portuguesas a casar para depois tirarem algum proveito histórico no futuro próximo? Essa história toda anda embrulhada, e claro, há sempre o lado mais forte, o lado mais forte era Ma-drid e Madrid ganhou, ganhou também por uma questão de timing. Felipe II teve a sorte histórica de na altura de começar a maratona da sucessão portuguesa, ser um concorrente mais fresco, com mais quilómetros nas pernas. Mas cinquenta

anos antes eram os portugueses que queriam, que sonhavam com o domínio da Península, assentando praça em Madrid. Depois, não posso esquecer-me, que durante sessenta e tal anos a corte portuguesa foi absolutamente bilingue. Quando digo corte, falo também dum segmento ilustrado deste país, que falava indistintamente português e castelhano, como já tinha falado e escrito uma língua comum galaico-portuguesa. E a situação bilingue atacou como doença, doença benigna, alguns dos nossos escritores do século XVI e até do XVII. Aliás, se vocês quiserem conhecer a poesia culterana, têm de se defrontar com umas boas dezenas de poetas menores portugueses, um no entanto de qualidade: Don Francisco Manuel de Melo. É muito confuso, mas esse período bilingue é um período vasto que depois não deixou grandes sequelas, nem deixou um grande rasto, porque a mosca francesa entrou rapidamente nas obras e infectou este país durante muito tempo. É claro que nós vemos sempre morrer uma mosca e aparecer outra. Hoje é um moscardo pesado, que se fosse um moscardo inglês eu aceitaria. É o moscardo americano.

Um homem como eu, que deveria por influência familiar conhecer bem a história da Galiza e ter um interesse mais profundo que aquele que tenho manifestado até hoje, tem que confessar que a Galiza é uma das últimas preocupações dos portugueses, a não ser os portugueses em situação fronteiriça. A Galiza desvaneceu-se, por causas históricas, porque se perdeu a irmandade galaico-portuguesa, porque já não faz sentido... Hoje só faz sentido reler os cancioneros, se se tiverem alguns rudimentos daquela língua que foi comum. A Galiza desvaneceu-se, é uma pena. Eu quando chego à Galiza não chego com nenhum intuito de hegemonia, nem de integracionismo da Galiza em Portugal. Não tenho nada que meter-me na polémi-

ca da língua galega. Há galegos que gostariam, sobretudo os galegos reintegracionistas, de receber um apoio não tão remoto como é o apoio normal dos portugueses. Gostariam de receber um apoio mais caloroso, mais informado, e que chegasse ao ponto de proporcionar intervenções a favor da reintegração linguística em Portugal. Mas eu acho que é um problema, que não pode ser abordado pelos portugueses de um modo fútil. Eu, por exemplo, acho que careço de informações para uma avaliação deste problema. E há um outro factor que inclina um pouco o meu modo de enfrentar este problema: é que eu chego à Galiza e reparo que há um fraccionamento, como se fossem reinos de Taifas. A língua galega também está partida em galegos. Eu passo por Rivadavia e lá não se fala o mesmo galego que eu vou encontrar meia hora depois em Ourense. Devo dizer, para ser totalmente franco, que a Galiza, vista de Portugal, algumas vezes é um sítio nebuloso para nós. Nós gostamos quando vamos à Galiza, é evidente. E em alguns casos deixamo-nos surpreender por coisas que são uma continuação geográfica do Minho português, de Trás-os-Montes. Mas no fundo, os portugueses conhecem apenas da Galiza O Corte Inglês de Vigo, as ostras de Arcade, a rua do Passeio de Ourense, Tuy. Eu tenho amigos galegos que mostram uma visão das coisas portuguesas, uma lucidez que vai até ao ponto da predição política. Os galegos, quando são galegos atentos às coisas portuguesas são mais atentos que os mais atentos portugueses à coisa galega. O nosso apetite por Espanha é muito colonizado por Madrid. É preciso dar um salto para essa realidade linguística galega, que às vezes é impenetrável ao português, é deveras impenetrável.

Mas querias falar também de gastronomia. Há um mistério em Portugal. Nós toda a vida, hoje já quase não, recebemos

emigrantes galegos. E muitos desses emigrantes vêm a normalizar a nossa vida culinária: as galegas foram das melhores empregadas domésticas que jamais entraram neste país, houve excelentes cozinheiros galegos e, sobretudo, empresários galegos que montaram de raiz extraordinários restaurantes, e continuam a haver. Mas eu pergunto onde está uma boa empanada galega? Onde está um bom polvo à feira num restaurante português? Vêm os cozinheiros, vêm os empresários, vêm os pinches de cozinha..., mas a culinária galega quase não entrou. Não há receita portuguesa, que possa competir com o polvo à feira, na sua tábuca, cortado com aquelas tesouras velhas de que fala Dom Alvaro Cunqueiro, comido com pão e com uma boa taça de vinho... Não há em Portugal nada disso. Mas continua a ser para mim um mistério a reticência da parte dos portugueses, dos gourmets, dos gastrónomos. Há uma resistência qualquer, para mim inexplicável, porque é uma cozinha muito fina, e muito parecida com a portuguesa. Serve-se basicamente dos mesmos géneros. E é que o português não se atrevia a comer a mesma comida que um criado galego. Eu, quando falava da visão dos portugueses com respeito aos galegos, falava também que o galego foi sempre um homem que era um trabalhador... Os portugueses deveriam lembrar-se de que se há vinhos do Porto, deve-se ao trabalhador galego. Era um trabalho mal pago, de sol a sol, a cava das vinhas. Mais um facto: se hoje somos bons bebedores de vinho à taça, também o devemos aos tasqueiros, em boa parte galegos, alguns deles enforcados pelas autoridades da cidade do Porto. Quando o marquês de Pombal proibiu a venda de vinho a retalho no Porto, atirava para a ruína, centenas de famílias galegas que viviam disso, os tasqueiros. E os galegos revoltaram-se. Vários desses homens foram enforcados, e

mortos. É uma parte da história do vinho português. Os galegos que estavam tão vinculados à história do vinho português como à história da água, o abastecimento domiciliário da água em Lisboa. Era preciso fornecer água aos andares altos e aos pagos de periferia. Ali era o galego, que ao mesmo tempo servia de correio sentimental: o galego dava as cartas das namoradas aos namorados e trazia as cartas dos namorados às namoradas. Os portugueses estão em dívida para com os galegos, quanto aos gostos básicos da pessoa, como é a bebida, a comida e o amor... E não só. Os afiadores trouxeram língua, trouxeram argot. Por exemplo, em Coimbra, na minha cidade, todo aquele habitante que não pertence ao mundo escolar é um futrica. Futrica vem dum barallete dos afiadores de Ramuín. O galego foi um elemento capital em Portugal, um forasteiro muito introduzido na vida doméstica portuguesa: como criado, como empregado, como aguadeiro, como correio sentimental, como trabalhador agrícola. Depois teve importância para a fixação do lirismo português, não para a fixação da língua portuguesa: a língua portuguesa fixa-se ao tornar-se independente do tronco comum galaico-português.

Já no final é tempo de falar da maneira de trabalhar, de como arranjar tempo para escrever, de projectos.

Eu atribui-me seis meses de vida para este romance. Tirei uma licença por seis meses. Eu tinha que fazer de corrida este livro em seis meses. Tinha que ser muito severo quanto ao ajuste do tempo; E inclinei-me por esta estrutura fácil que é o episódio. E o episódio aprendi-o com o Lazarillo e com o Buscón... Aquele capítulo curto que mantém o leitor em suspense quanto à continuação da acção, mas uma certa brutalidade no jogar das situações, essa é uma técnica que se aproxi-

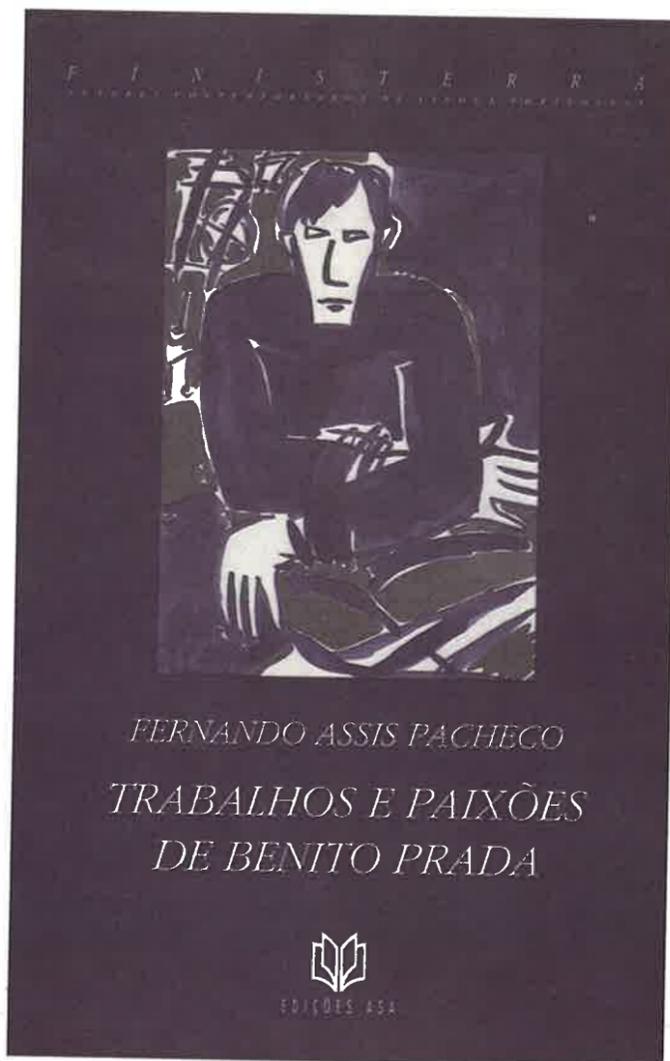
ma francamente da técnica jornalista, da técnica da reportagem.

O que quero agora é tratar doutra figura matricial, outro avô que viveu na ilha de São Tomé, produtora de cacau. Isto leva-me inevitavelmente a ter que investigar alguma coisa sobre a ilha de Fernando Pó, por onde ele terá passado. Era um avô que percorria meio mundo, um tarambainas. Não vou com certeza à Guiné Equatorial.. Não me dou muito bem com Teodoro Obiang. Mas terei que ir a São Tomé, terei que repetir a viagem, e vou ficar com essa ilha de Fernando Pó atravessada. Gostaria de saber que é que por lá se passa. Só se passam coisas hediondas, eu sei. Mas, mesmo assim, gostaria de saber. Porque creio que a actividade caqueira naquelas duas ilhas foi similar. Os

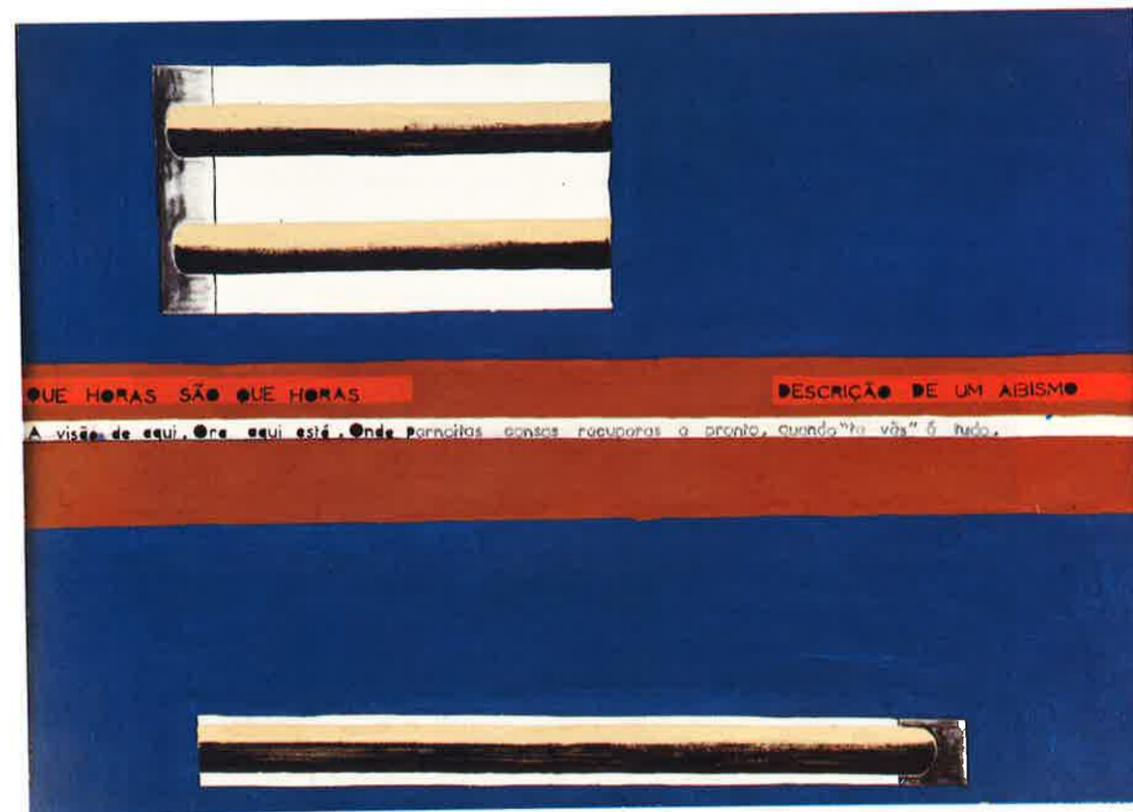
meus próximos dois anos vou vivê-los in-crustado na aventura africana. Interessame porque fiz o serviço militar em Angola, e será talvez uma oportunidade de fazer alguns ajustes de contas com a minha experiência militar como alferes miliciano.

Fechamos esta entrevista sobre avôs galegos, descobrindo no autor um avô desta mesma revista.

...No tempo de José María Martín Valenzuela, falámos muito sobre esse tema. Foi a primeira pessoa que teve a ideia no Instituto do Dafundo de publicar uma revista. Mas disse-me logo nessa altura: seria mais fácil se eu tivesse um título para a revista. Eu sugeri *Boca Bilingue*, que era o título de um livro de versos de Rui Belo.



Boca Bilingue



ÁLVARO LAPA Sin título. Sin fecha. Esmalte acrílico. 58 X 81,5 cm
Fotografía: Gustavo de Almeida Ribeiro.



JOAQUIN ESCUDER
ROSTRO 60F/VENTANA I 130 X97 cm
Dispersión acrílica y vinílica sobre lienzo



JOAQUIN ESCUDER
ROSTRO 60F/VENTANA IV 130 X97 CM
Dispersión acrílica y vinílica sobre lienzo



MARIA GABRIEL
NAVEGADOR E SAN SEBASTIAO
Pastel sobre papel



MARIA GABRIEL
NAUFRAGOS ENCONTAM AS PAISSAROS AZUIS
Pintura sobre tela 100x81 cm

Maria Teresa Rita Lopes

OS CIGANOS DO MAR

Muito mar pouca terra
 dizem estes motores
 dos barquinhos de pesca
 ao largo afadigados.
 E os ciganos do mar
 seus amos e senhores
 cavalgam-nos sem sela
 e riem descarados.
 Muito mar pouca terra
 umas árvores de fruto.
 Secam polvos e figos
 na açoteia caiada.
 Quando o vento assobia
 a casa é como um búzio
 E a chuva quando cai
 vem do mar e é salgada.
 O barco no quintal
 a égua na ramada
 conquilhas temperando
 umas papas de milho.
 No mar nunca almareiam
 em terra nunca param
 a cavalo; ou a pé
 a vida é um sarilho.

Até seus santos gostam
de mudar de lugar.
E uma vez por ano
em barcos enfeitados
lá vão em procissão.
Respiram fundo o mar
abrem um pouco as vestes
e riem consolados.
E depois já em terra
no meio da multidão
o Santo Padroeiro
de coração em chamas
ao passar pelas moças
dá-lhes um beliscão
como quem quer a coisa
apalpa-lhes as mamas.
São horas de voltar
ao degredo da igreja.
Já leva a sua conta
para o resto do ano
no bafio do altar.
Resigna-se: "assim seja!"
E sua alma ausenta-se
do seu corpo cigano.
O Mordomo da festa
dá o ritmo a função
do entrar do andor
como um barco pesqueiro:
"Eh Toino! Toma conta!
Agacha-te, cabrão!
Inda partes os cornos
ao Santo Padroeiro!"



Muito mar pouca terra!
a vida é uma nora
alcatruzes descendo
alcatruzes subindo.
O verão já lá se foi.
Vem o inverno agora.
Tudo é viver, deixá-lo!
E o cemitério é lindo
na espuma do asseio
qual salinha de estar.
Oiço por todo o lado
vozes a convindar
"Então não dá de vaia?
Sente-se aqui com a gente!
Descanse uma migalha!
Não se vai sem provar
esta rica mexama
e um copo de aguardente!"
Muito mar pouca terra!
Hoje verão já inverno
Alcatruzes rodando
Ontem quem hoje sou
quem foi? e quem será?
De quem é este terno
sorriso? de que rosto?
que em meu ser assomou?
Minha avó era apátrida
de uma aldeia submersa
Que um dia foi levada
raptada pelo mar.
E eu vi na maré vaza
e até pus isso em verso
um muro um poço um forno
restos desse lugar.
Por que feiras andei?
Que cavalos montei?

Segura a suas crinas
suando maresia
em que praias dormi?
Qual foi a romaria
em que te conheci
e pra sempre te amei?
Vulto a pé a cavalo
ausente ou embarcado
sem saber te persigo
sem saber onde vou
sem saber onde estás
meu cigano encantado
quantos és? quantos foste?
E eu quem fui? E eu quem sou?

Maria Teresa Rita Lopes, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa doutorou-se em Paris na Sorbonne (tese sobre Pessoa) onde leccionou de 1969 a 1982. Além da tese *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création* (Paris, 1985, 2a ed.) destacamos outras obras suas sobre Pessoa *Le théâtre de l'être* (Paris, 1985, 2a ed); *Pessoa Por Conhecer* (Lisboa, 1990, Prémio Pen Club); *Livro de Versos - uma edição crítica de Álvaro de Campos* (Lisboa, 1992) e uma recente publicação de mais inéditos (obra colectiva) *Pessoa Inédito*. Também estuda Miguel Torga desde há muito: o recente ensaio: *Miguel Torga: ofícios a um Deus de terra*, recebeu o Prémio Unicer - Letras e Letras.

Escreve poesia desde sempre de que apenas publicou, além de poemas dispersos em publicações várias, *Os dedos, os dias, as palavras* (Lisboa, 1977 - Prémio Cidade de Lisboa) e *Por Assim Dizer*. Tem peças de teatro publicadas, (*Três Fósforos*, *Sopinhas de Mel* e *Rimance da mal Mariada*), muitas outras escritas e algumas bastantes, representadas em Portugal e no estrangeiro. O *Rimance da mal Mariada* foi escolhido por um júri alemão para representar Portugal no Festival da Autores de Teatro em 18-6-1994, em Bona.

César Simón

INVOCACIÓN

Somos nosotros los que pasan.
Y son también las nubes,
los vientos y los árboles,
las criaturas fraternales.
Todos hemos ardido,
todos, cuerpos sensibles,
pechos desnudos, asomados
al azul esplendente
del agua y de la vida.
Cuando las horas me reclaman
para que diga nombres,
para que mire el alto trecho
de los caminos celestiales,
yo os invoco, pasiones que volasteis,
afanes que seguisteis
por las veredas del poniente
hacia los pantanos oscuros,
donde la muerte.

Hoy, en esas estelas
que sólo una vez pasan,
este ardor perpetúa
no sé qué extraña fiebre
que en las nubes vivimos
y en las nubes amamos,
como en busca
de quién sabe qué mundo,
qué amor, qué otro universo.

NOCHEBUENA

Era la nochebuena.
Yo volvía del mundo,
dejaba el mundo, ajeno casi
a mí, como yo a él, sin pretenderlo.
Entré en mi cuarto.
Atravesando los cristales
de la ventana, la luz llegaba al suelo,
misteriosa, azulada,
la luz de luna llena.
Qué silencio.
Qué profunda, en el tiempo de mi vida,
aquella la luz, que me tornaba
espectral y remoto. Cerré entonces la puerta
y estuve quieto un rato.
Estuve quieto lejos,
tan lejos, que no pude
saber en dónde y cuándo.

SIESTA DE OTOÑO

Sentí que era un otoño
tan antiguo,
que me incorporé lentamente.
El toldo, fuera, aleteaba
y, dentro, en la pared, se repetía.
El viento, ese lenguaje
de las hondas palabras.
Oí bajo, en la calle,
una distante voz de niño.
¿Cómo puede una tarde ser tan clara
y tan oscura,
tan vivida y tan muerta,
tan de entonces y nunca?
Y ¿cómo puede haber pasado
y latir en la carne todavía?
Me incorporé y estuve quieto,
quieto, encogido, sin pensar en nada.



Ana Gullón: *El Beso*. Grabado

MEDIA NOCHE

Al llegar a este cuarto,
he entrado en él despacio,
he encendido la luz, esa luz fría
de una bombilla amarillenta.
Al sentarme en la cama,
qué sombra sobre el suelo,
y en los oídos y el cerebro
qué música lejana,
qué voces de los años
ya remotos.

César Simón, es poeta nacido en Valencia, en 1932. Por su edad, pertenecería a la llamada *Generación de los cincuenta* —los también llamados *niños de la guerra*— o *Segunda generación de la posguerra*. En realidad, por su aislamiento valenciano y su propia trayectoria literaria, dicha pertenencia no deja de ser relativa, aunque, como es lógico, comparte con dicha generación experiencias históricas comunes. César Simón comienza a publicar tarde. Su primer libro de poemas, *Pedregal*, 1971, aparece cuando ya la generación llamada *los Novísimos*, posterior a la suya, se había dado a conocer. Desde entonces, ha publicado *Erosión*, 1971, *Estupor final*, 1977, *Precisión de una sombra*, 1983, *Quince fragmentos sobre un único lema: el tema único*, 1985, y *Extravío*, 1991. Ha publicado también dos novelas, *Entre un aburrimiento y un amor clandestino*, 1979, y *La vida secreta*, 1994; un breve diario, *Siciliana*, 1989, y un ensayo sobre Juan Gil-Albert, *Juan Gil-Albert: de su vida y obra*, 1984. Algunos de sus poemas han sido traducidos al portugués por José Bento. César Simón es profesor de la Universidad de Valencia.

João Rui de Sousa

PAUL KLEE, ALGUNS ENCONTROS

I

(Ártico mobilado)

Para que serve a mobília no Ártico?
Para que serve o Ártico à mobília?
Em que ponto do infinito nascem
a mobília e o Ártico — o frio
do continente e o discreto ardor
do conteúdo?

Pelo brônzeo verde do horizonte
bastante nós leríamos:
os pratos e os barcos,
os vasos e as cadeiras,
as mesas e os flutuantes dias
onde se confundiam assombros
e vagidos, magnânicos tapetes.

Sabendo-se que no Ártico as flores
congelam e a mobília esfria,
estas cinzentas linhas dirão só
(e pouco não será)
que é preciso dar uso ao imaginário.

II

(Angústia detrás de uma janela)

Por detrás de múltiplas cortinas
é que a angústia existe.

Ela descobre-se no ar invisível:
nos macerados fundos esbatidos,
quase só cor — a cor do sofrimento.
Ou no verde que um rosto deixa entrever
e prolongar por vidros e caixilhos.
Ou nas paredes onde nada encontra
quem ali passe e, atónito,
permaneça.
Ou na terrível (afrontosa) dor
de presumíveis filhos.

Por detrás de um véu sujo de penumbra
toda a espectral escassez dum vulto
desolado.

III

(Porta do jardim abandonado)

Quem abandonou o paraíso
e apenas lá deixou tão imprecisos
cardos?
Quem pelo chão espalhou tanta pobreza
distribuída em pés tão cadavéricos?
E quem, por tristes heras,
decidiu que aquele jardim secasse?

Olaias, plátanos, ulmeiros,
bungavílias – tudo o sol queimou
ou (sobretudo) o jardineiro esqueceu.
Apenas resta o esboço dos canteiros,
o vago sombrear de antigos muros
e o adeus final da porta ao abandono,
escancarada.

João Rui de Sousa. Nasceu em Lisboa, em 1928. Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa. Para além de estar presente em diversas antologias e de ter colaborado em numerosas publicações (jornais, revistas e volumes colectivos), deu a público os seguintes livros de poesia: *Circulação* (1960), *A Hipérbole na Cidade* (1960), *A Habitação dos Dias* (1962), *Meditação em Samos* (1970), *Corpo Terrestre* (1972), *Respirar pela Água* (1983) —este último incluído em *Fogo Repartido* (1983), que também integrava os livros anteriores—, *Palavra Azul e Quando* (1991), *Enquanto a Noite*, *A Folhagem* (1991) e *Sonetos de Cogitação e Êxtase* (1994). Publicou, igualmente, os seguintes volumes de natureza ensaística: *Fernando Pessoa — Empregado de Escritório* (1985) e *Este Rio de Quatro Afluentes* (1988). Co-dirigiu (com António Carlos, António Ramos Rosa, José Bento e José Terra) a revista *Cassiopeia* (1955). Organizou diversas edições, entre as quais a *Fotobibliografia de Fernando Pessoa - 1902/1935* (1988).

Jaime Siles

RECORDADA BELLEZA

Cristales, hielos, deshojas
en las arboledas rojas.
Y, en la nieve de marfil,
la muerte con el perfil
dibujado entre sus hojas.

Para que tú la recojas
o la dejes por ahí,
la muerte viene hacia ti
en el temblor de sus hojas.

Para ella o para ti
las horas que tú deshojas
en las arboledas rojas
que sientes dentro de ti.

Para ella o para ti
y en el líquen de sus hojas
la tinta del tiempo arrojas
la tinta, que es sangre en ti.
Primavera de las cosas,
todas las rosas son rosas;
todo jardín, el jardín.
Próximo, pero no afín,
prisionero de sus ramas,
el pino esquiva las llamas
del sol que suena en su fin.

La reja de la ventana
ya no se viste de grana:
se disfraza de jazmín
y la noche a noche llama
cerrada ya en su confín.

El confín de la mañana
dibuja sobre el jardín

la aviación del jazmín
que dispara la ventana
sobre el tapiz de la grama
y el césped cerca del fin
del punto en el que el confín
del alféizar se derrama
en una sombra de rama
y en un río de rubí
que hace girar sobre sí
el resplandor de la llama
de la luz que fuera llama
sin despertarse de sí.

Adioses de las mañanas
que atraviesan las ventana
y atraviesan el jardín
donde me olvidé de ti.
Una rima esta mañana
me devolvió a la ventana
pero no estabas allí.
Allí sí estaba el jardín,
el jazmín y la ventana
en medio de la mañana
como un oasis de sí.
Pero no tú ni la grana.
Estabais lejos de allí:
estabais en la enramada
de aquella otra mañana
y de aquel otro jardín
del que queda sólo aquí
el resplandor de la nada,
la belleza recordada
desde el olor de un jazmín.

COLOR EN FUGA

Ante un cuadro del pintor Pepe Lucas

Por todo el cuadro, coruscante, crece
un limo vegetal, una figura
que vierte al lienzo de la luz la dura
sombra de soles que en su sí se mece.

En su verde de musgos veo trece
aves galvanizadas por la altura:
picos y patas, plumas, partitura
de otro viento interior que no decrece.

En el azul cobalto suenan trece
vocales de vidrieras biseladas,
grutas de gotas grises desplegadas
por un pincel que púrpura parece.

Es el color en fuga que florece
en fondo de finísimos corales
mojados por los labios litorales
de la líquida lengua que lo ofrece.

¿Qué es lo que dura; qué, lo que parece
dentro del aire: las aves o la altura?
¿qué sonido imanta la pintura
y qué volumen su velar acrece?

Es un brillo de espumas y de peces,
lo que veo brotar de su lisura:
una lluvia de láminas, fisura
en la llaga del tiempo. ¡Cuántas veces
quieren los ojos elevar sus preces
y el iris choca con la nada y duda,
y encuentra el hombre la respuesta muda
que el mundo otorga a quien lo sigue! A veces

—¡cuántas veces, Dios mío, cuántas veces!—
ante la sombra de la nada pura
quise lanzar mi voz a la espesura
y me encontré con tu mirada a creces.

Hoy te he visto surgir desde los ejes
del evangelio griego de San Lucas
en este cuadro donde Pepe Lucas
interpreta los signos que tú tejes.

De pétalos de luz pasión emerge,
palmeras se disuelven en timbales
de sales y de sedas siderales
donde el cuarzo, del calcio, no diverge.

La plata en el cinabrio se sumerge.
Y el oro, en la membrana del membrillo.
Y craquela la lava el amarillo.
Y el espacio en el tiempo me converge.

Ya soy el cuadro sin que nada fuerce
la ley que rige su fugaz lectura:
soy el velamen de la arboladura
que otra retina, con su red, retuerce.

Adivino la forma sola, inerte,
que unifica mi ser con mi destino;
que disuelve mi voz en difumino
y me traza con trazo firme y fuerte.

He venido hasta Murcia para verte
para posar, espectador y sino,
para pasar el cruce del camino
y vivir un momento de mi muerte.

Murcia-Alicante 28 de noviembre de 1991

Jaime Siles. (Valencia, 1951). Doctor en Filosofía Clásica por la Universidad de Salamanca. En 1983 obtuvo la cátedra de Filología Latina de la Universidad de La Laguna (Tenerife). Ese mismo año fue nombrado Director del Instituto Español de Cultura en Viena y Agregado Cultural en la Embajada de España en Austria, donde cesó —a petición propia— en noviembre de 1990. Catedrático Honorario de la Universidad de Viena (1984-1986); *Gastprofessor* de la Universidad de Graz (1985); *Gastprofessor* de la Universidad de Salzburg (1986); *Visiting Professor* de la Universidad de Madison-Wisconsin (1989); Profesor Visitante de la Universidad de Bérnago (1990); Profesor de la Universidad de Berna (1990); *Ordentlicher Professor* de la Universidad de St. Gallen (1989) y Catedrático de Filología Latina de la Universidad de Valencia (1990). Ha sido secretario de redacción de la *Revista de Occidente*, y Asesor de Cultura en la Representación Permanente de España ante la Oficina de la Organización de las Naciones Unidas. En 1973 obtuvo el *Premio Ocnos*; en 1983, el *Premio de la Crítica*; y, en 1989, el *Premio Internacional Loewe de Poesía*.

Alejandro Duque Amusco

EL BAÚL DE LISBOA

Volví del trabajo a media tarde.
El rutinario oficio daba paso
a otro universo libre y poderoso.
El rito comenzaba.
Encendía despacio un cigarrillo
en el húmedo cuarto de alquiler,
y ante unas cuartillas, en la desoladora
mesa del comedor, sentábase
a entretener el tiempo.
Allí escribía
sin detenerse apenas a pensar
en la verdad de aquellos rápidos renglones.

Lo que más le importaba era huir,
y aquel singular modo
era el suyo.
Quizás nada añadía
amenidad al curso de su vida.
Ni los paseos por los bulevares
y las lentas callejas, ni la charla
ligera en las *terrasses* de los cafés

podían aliviarme de ese peso
agotador: el tedio
El balcón a la calle
¿Curiosidad? ninguna. Los mismos tejados, repetidos,
con sus gatos enfermos,
las mismas aves del cercano puerto,
las barcazas y grúas, el mismo laberinto
de comercios y gentes
bajo la llama oscura de la tarde.
Tarde espaciosa, hueca, igual a tantas otras...
Él no mira. Escribe. El tedio crece.
Es la perfecta trampa
de la que nadie sale
(no valen contra ella estratagemas).
Él escribe. Escribir es su único consuelo,
ágil la mano, el corazón ardiente,
los ojos llenos del mayor olvido,
esperando del mundo una visión secreta,
esperando la palabra
lo que no da la vida.

Alejandro Duque Amusco. Sevilla, 1949. Estudios de Farmacia y Filología Románica. Profesor de Literatura en Barcelona. Fundó los "Pliegos de Poesía", de la revista *El Ciervo*, que ha dirigido durante diez años. Se dio a conocer con *Esencias de los días* en 1976, libro al que han seguido, entre otros, *Del agua, del fuego y otras purificaciones* (1983) y *Sueño en el fuego* (1989). Tiene en la actualidad un nuevo libro, *Donde rompe la noche*, concluido e inédito.

PARQUE OCÉANO

En cruz quebrada
nace la luz del mar:
arterias rotas:
a los ojos sedientos
seca, qué seca llega.

La piedra negra:
una mínima hoguera:
la barca húmeda:
el pez que se desliza
y nada, mana, nada.

En su oleaje
la piedra: en su canto
albar la barca:
no hay deseo ni saben
qué boca las alienta.

Es este océano
hoja recién caída
de madrugada:
acidulada espera
ciega, la barca al filo.

Afiladores
de la noche: la rosa
abierta toda
de cuchillas heladas
de Pan al suave silbo.

Azul azul
es la noche del lirio
prieto. La barca,
las aguas de cinabrio,
el pulso de su sangre.

La ceremonia
de la lluvia: los peces
multiplicados:
los cálices, los cánticos:
alguien sobre las aguas.

Consagración
de las aguas: no cesa
de llover: tibia
entre la lluvia sangre
ninguna boca sacia.

Son silenciosas
aves cheias de abismo
con mucha noche
entre sus alas plenas.
Pena suman: se sumen.

Ennegrecer
como este negro océano:
surcar lo seco
del corazón: aquí,
la inminencia del vuelo.

¿Traerá la barca
un corazón de fuego
que con las manos
puedas llevarlo al labio,
con las llamas rozarlo?

Con su ala más
tenebrosa rozó
la flor oceánica
mi boca. Tintos quedan
signos de no sé qué

Luis Moliner. Lumpiaque, Zaragoza, 1949. Ha publicado varios libros de poesía: *Los cuerpos en el límite* (1987), *Balada de la misericordia* (1989), *Bethel y Música* (1992) y *Círculo de tierra* (1993).

Joaquín Sánchez Vallés

LUAR

Las horas van cayendo una tras una
en el silencio verde de las cosas:
una tras una se hundan temblorosas
entre la blanca sangre de la luna.

No crece el tiempo ante esta luz que acuna
rumor de bosque, estremecer de rosas:
aguas y tierras duran, silenciosas,
a la luz de la noche y la aceituna.

En el azogue de la fría hoguera
el cielo tiembla y el insomnio anida:
¿el mundo es ahora el mundo o su reflejo?

Muy lejos, duele con su lenta herida
la realidad, terrible y extranjera.
¿O es más real este irreal espejo?

EL POETA VIVE EL TIEMPO

Como la gota que rebosa un vaso
y limpiamente el lento cristal rueda
movida por su peso, sin que pueda
mantener la memoria de su paso,

Como el río, despacio y sin retraso,
que atraviesa e inunda la arboleda,
como la nube que se rompe en seda,
sabe la vida su final fracaso.

¿Cómo he de retener el tiempo huido,
si huyo con él, y ocupa el alma entera
dando a mi edad la forma de mi olvido?

Así, hasta que mañana se me muera,
toco mi cara, y su vejez decido,
y hallo bajo mi piel mi calavera.

DECADENCIA

No escribas más. No insistas. No prosigas.
No apures otra vez el viejo vaso.
En el invierno de este siglo escaso
nada puede quedar de lo que digas.

Vano fue tu nacer si en él te obligas
a un tiempo incierto a acomodar tu paso:
derrumbará las rosas el ocaso
o quemará la aurora las espigas.

La decadencia es tiempo repetido:
ya suena a hueco en el silencio cuanto
tu voz aún no fingió. Todo consiste

En avivar la brasa del olvido.
Nada regresa de la nada. En tanto,
dura la ruina y el error persiste.

EL POETA CONTEMPLA LA MUERTE

Cuánto cuesta morir. Pasa la vida
amontonando el grano del momento.
Largos pasan mis años. Pasa el viento
su mano larga por la mies crecida.

Dura el agua en el río sostenida.
Dura en el cielo el sol y el movimiento
del pájaro que frena el vuelo lento
al horizonte en que mi muerte anida.

Qué lejos el final de la aventura.
Siguen en pie mis muros y mis rosas,
restos de mí y olores de mi casa.

Persiste el mundo. Entre mis manos dura
su perfecto perfil. Todas las cosas
avisan de la muerte que se atrasa.

Joaquín Sánchez Vallés. Nace en Huesca (España) en 1953. Licenciado en Filología Románica, es profesor de lengua y literatura españolas en un instituto de Zaragoza. Ha publicado varios libros de poesía, por los que ha recibido algunos premios: *Moradas y regiones*, Zaragoza (1979), *Ruina del aire*. Premio Ángaro, Sevilla (1983), *La invisible memoria del invierno*. Premio Florentino Pérez-Embid, Madrid, (1988), *Cuaderno de ejercicios*. Premio Esquíu, Ferrol (1989), *El tiempo irreparable*. Premio Barajas-Puerta de España, Madrid (1992). Son los que el autor considera más interesantes. Parte de su obra está traducida al francés y al checo. Él desearía que se tradujese al portugués, pero no ha tenido hasta ahora oportunidad.

Ignacio Cartagena

Yo

Este barro celestial que quema,
fruto desbordado de sí mismo
con la mar inmensa de la pena,
reo del absurdo y del abismo
no tiene más huella de su cuerpo
que una pobre sombra de la vida
fruta de una soledad tejida
en la madrugada de su tiempo.

Esta soledad se identifica
con un ser ahogado en su camino
y este ser soy yo. Profundo. Mío.
(Aguamarga)

Transito, transito, transito
sin la fe del caminante
por un callejón vacío.
Y mis ojos, al pararme
me devuelven a mí mismo
siendo, apenas un instante,
camino, camino, camino.
(Aguamarga)

LA HUELLA

Toda la distancia es una herida
cáliz de lejanos movimientos,
carne en la penumbra de la vida,
toda, brevemente, un solo cuerpo.

Queda en las ausencias el esfuerzo
frágil, enterrado por la vida.
Quedan voluntades escondidas
de avanzar en muerte, tras el tiempo.
(Aguamarga)

DÍAS FIRMES

Alma que me pesas y me hundes
déjame sentir, por un momento,
más que marioneta, instrumento;
más que instrumento, herramienta.

Sol que en infinitos me diluyes
siempre con tu densa pincelada
sálvame en tu poso, certidumbre,
antes que mis huesos sean nada.

Días firmes, sombras de una orilla,
tierra en que seremos sepultados,
víctimas de estrechas madrugadas,

antes que la noche en travesía
seréis el camino en la calzada
y siempre quedaremos desterrados.
(Aguamarga)

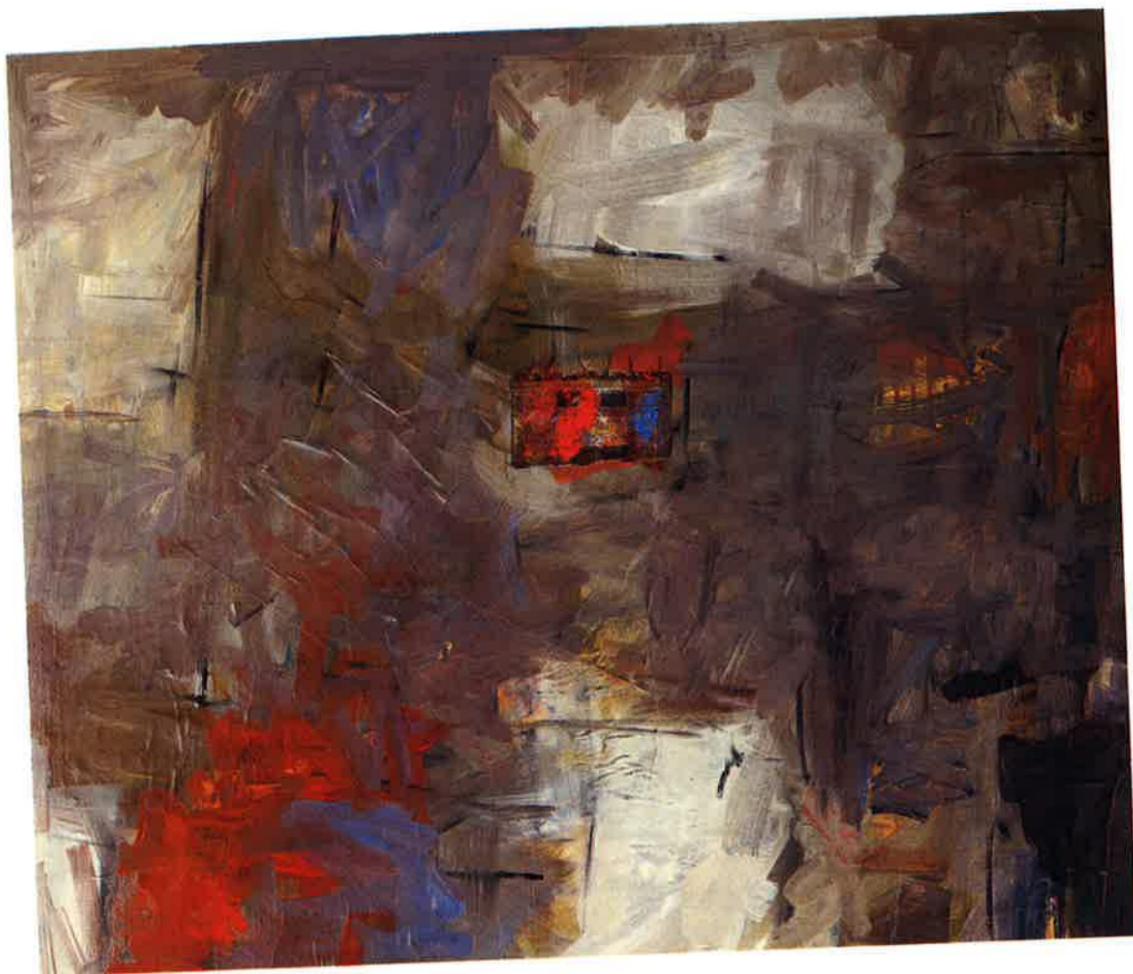
Ignacio Cartagena Núñez, joven poeta alicantino ganador del Primer Concurso Europeo para Jóvenes Poetas (Italia). Ha reunido sus poemas escritos hasta la fecha en los poemarios *Con todo el azul de tu piel*, *Aguamarga*, *Siempre* y *Lo visto y lo encontrado*.



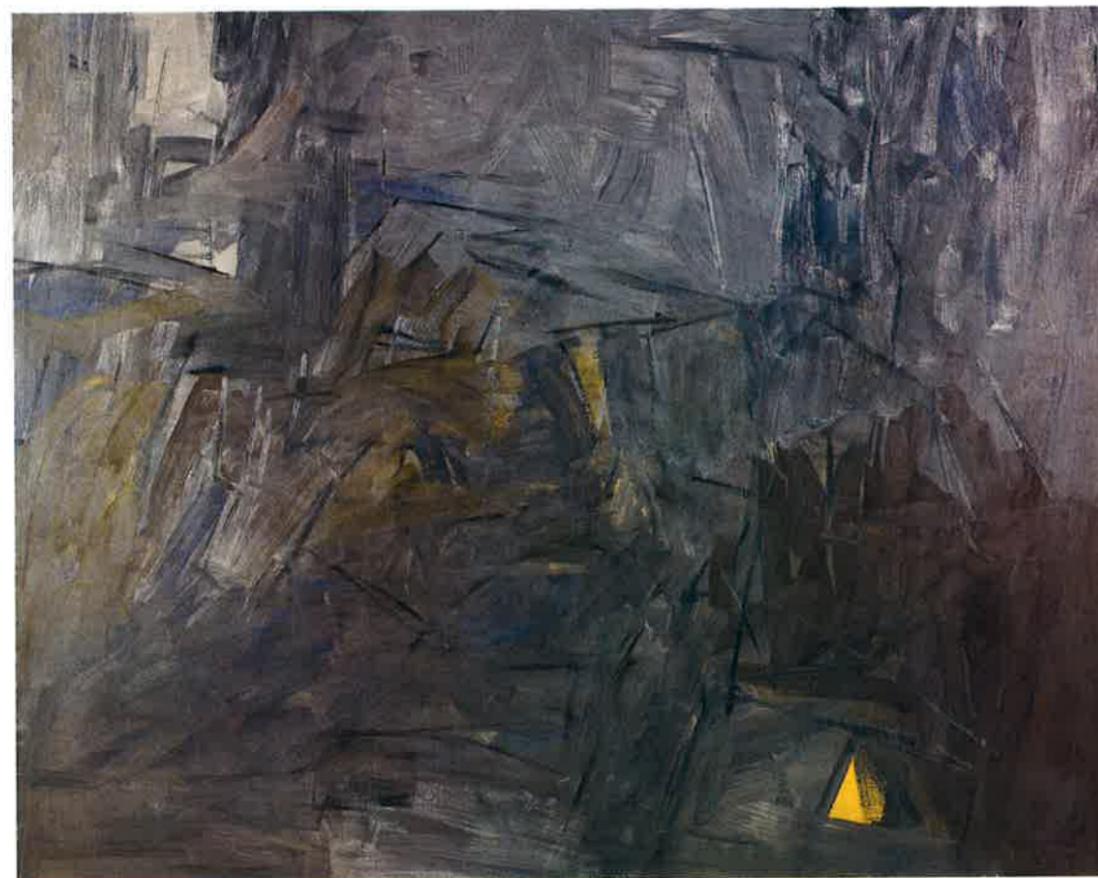
DOMINGO REGO
TEMPESTADE "DAPRÉ DA VINCI" 1993. Acrílico sobre tela. 130 X120 cm
Fotografía: Gustavo de Almeida Ribeiro.



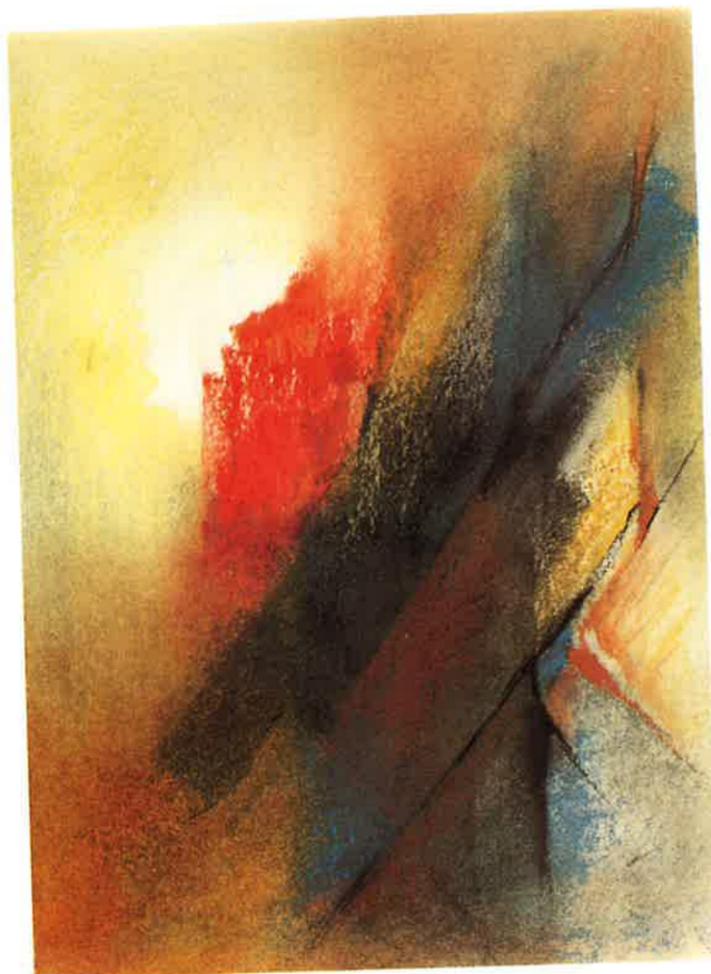
DOMINGO REGO
Sin título 1992. Acrílico sobre tela. 116 X89 cm
Fotografía: Gustavo de Almeida Ribeiro.



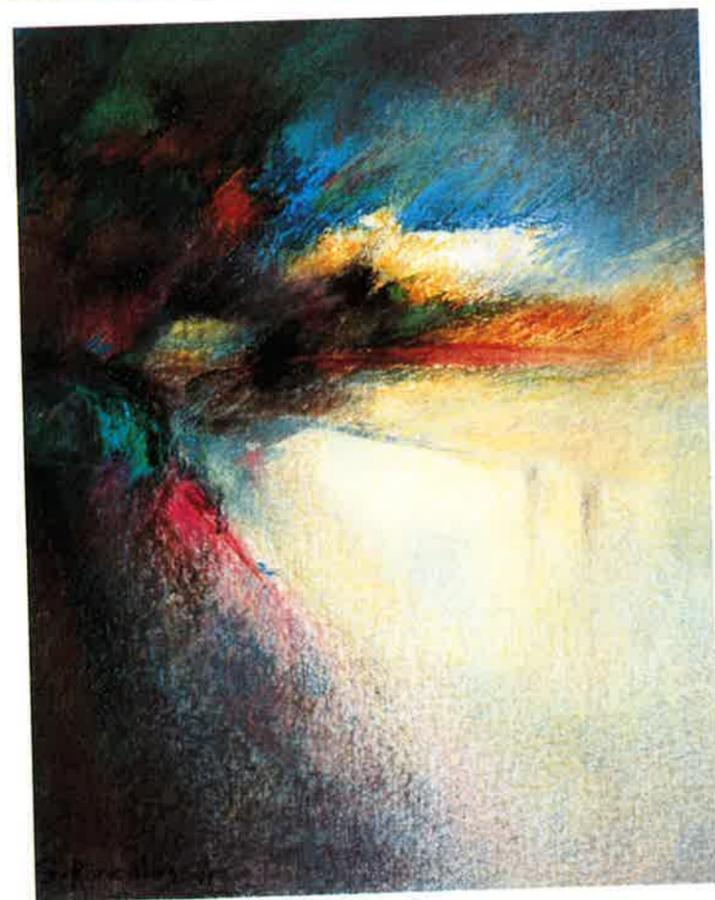
DANIEL SAHÚN
COLLAGE SOBRE LIENZO 1991.
Óleo sobre lienzo 110X130cm.



DANIEL SAHÚN
PASION ESTEPARIA 1989.
Óleo sobre lienzo 130X162 cm.



JACINTA GIL
HOMENAJE AL BARROCO



JACINTA GIL
DINAMISMO CROMÁTICO



dibujo de Ana Gullón

MÁRIO DE CARVALHO
UN VASO CON AGUA

*T*OMEI um táxi e dei uma grande volta pela cidade. Caminhei umas centenas de metros a pé, por ruas pouco movimentadas. A páginas tantas, curvei-me e afeiçoei uns atacadores imaginários, numa boca de incêndio. Nada de suspeito, atrás de mim.

Alguém me conduziu depois até uma vila nos arredores de Lisboa. Era Bucelas, na altura ainda rural. Fiquei à espera no largo, junto a uma paragem de camionetas, passavam camponeses de boné, gente de colete, carroças. A minha mulher, vinda de longe, após um percurso que não lhe era habitual, recolheu-me à hora combinada, no nosso automóvel. Era pelos finais de Novembro. Fazia

cultava-me os movimentos, pouco acostumados a roupagens pesadas.

O próximo destino era um cruzamento para lá de Leiria. Tinha instruções para esperar a certa hora da noite, junto do restaurante tal. Alguém me havia de abordar, com uma senha previamente combinada. Tudo de memória. Não podia haver apontamentos.



dibujo de Aino Gallén

frio e troviscava. Eu trazia uma canadiana comprada para o efeito, que julgava apta a enfrentar os invernos hostis do Norte. Difi-

Foi uma viagem tensa, dolorosa, em silêncio. Uma despedida longa, que demorou o tempo do percurso. Recordo-me que,

a certa altura, na rádio passaram “Venham mais Cinco”, do José Afonso. Soou-me como mais um abraço de despedida, dolente, melancólico. Eu ainda estava cá e já cá não estava.

Cruzávamo-nos raramente com outros carros. Não brilhavam faróis pelo retrovisor. Não éramos seguidos. Conversávamos a espaços, de assuntos correntes, evitando tacitamente o que se relacionasse com a minha partida. Chegámos ao sítio, pouco antes da hora marcada. A Lena deixou-me na noite: “telefona! Escreve! Toma cuidado!”

Segui com o olhar as luzes do automóvel a inverter a marcha, o brilho a perder-se atrás duma lomba distante. O “salto” começava agora, neste ponto. Tinha cortado amarras. Estava por mim.

Para que me reconhecessem, devia levar uma revista (“Flama”?) debaixo do braço. Faltavam uns minutos para a minha hora. Tomei um café apressado no restaurante. Camionistas, gente das proximidades, movimento aparentemente normal. Sem novidade!

“Pode dizer-me como é que se vai para...”. Estas senhas clandestinas começavam quase sempre com uma interpelação topográfica que supunha uma resposta um tanto disparatada, do tipo: “Não sei, porque sou do Algarve”. O homem, muito magro, de óculos e casaco de tweed, com um aspecto de chefe de secretaria judicial, ou coisa assim, tinha feito a pergunta amavelmente, com um sorriso quase mundano. Acenou com a cabeça, aliviado, quando recebeu a resposta. Já não me lembro se confrontámos notas de banco ou bilhetes de futebol cortados ao meio como era de uso, neste tipo de encontros.

— Tenho ali um carro! —disse-me, vou levá-lo ao “passador”.

— Pensava que fosse o amigo...

— Não, não, ainda temos caminho a fazer...

Mais uns quilómetros de estrada. Conversa entrecortada, comedida, o mais vaga possível. Nenhum elemento de identificação. Falámos sobre o tempo? Sobre a paisagem de postes e faróis? Sobre automóveis em geral? Tanto dava. Éramos ambos, um para o outro, homens sem nome, saídos do escuro, prestes a regressar ao escuro. Nunca soube quem era o meu interlocutor e duvido que ele soubesse quem eu era.

O “passador” esperava, numa curva mais adiante, dentro dum Renault 4 branco tão velho e amolgado que o encardido e as mossas se distinguiam àquela pouca luz... Cumprimentos discretos:

— Pronto, é este senhor. Fica entregue. Adeus, amigo.

Nova etapa. Entrei para o Renault e deixei-me conduzir. O homem que me levava, forte, baixote, tinha uma cara morena, enorme, de índio, de nariz dobrado, prognatismo saliente, bastante invulgar nestas paragens. Fato cinzento, completo, de qualidade ruim, sem gravata. Sabia do ofício. Era pouco dado a conversas.

— Está tudo tratado? —preguntei, querendo significar “pago”.

— Tudo em ordem. Não há azar...

Não se metia em políticas. A especialidade dele deviam ser contrabandos, fronteiras, emigrantes e outros expedientes isentos de imposto. Lá seguia ele, muito profissional, em mais um serviço remunerado. Para mim, o conchego da família e dos camaradas ficara para trás.

Alguém tinha feito chegar ao “passador” uma parte do dinheiro e eu devia entregar-lhe o resto no final do percurso. O homem era honrado no negócio. Avisou-me de que todas as despesas estavam por conta dele e não me deixou gastar um tostão enquanto andei à sua guarda. Mais tarde, no Porto, de madrugada, dir-me-ia, convictamente: “quer um bolo? Pode comer um bolo!”

Quando caiu uma bâtega de água, assisti a uma proeza única. Eu estava por tudo, mas talvez preferisse que me fossem dispensadas inquietações complementares. O limpa-pára-brisas não funcionava, as águas borbulhavam no vidro. O homem, enquanto conduzia, abria a porta do seu lado, segurava o volante com a mão direita, soerguia-se no banco e, com a mão esquerda, empurrava as

duros, tismados. A meu lado, o “passador” dormiu todo o tempo, na bem-aventurança de quem cumpria a sua boa acção. Eu fui vendo passar postes...

De Campanhã até aos Aliados ainda é um razoável esticção. O homem achou que eu tinha bom corpo para fazer o percurso a toque de caixa. Amanhecia, pastelarias e tascos abriam (“quer um bolo, ou coisa assim?



dibujo de Ana Collor

escovas. Teria ele trabalhado num circo? Eu afundava-me no banco e encomendava-me aos deuses da aventura.

Pombal. Dois bilhetes de comboio para o Porto, em terceira classe. Bancos de napa,

Veja lá...”). Comemos qualquer coisa à pressa, de olho no relógio. Eu só paguei o tabaco. E ala, que o autocarro partia daí a nada para Chaves.

Zum, zum, estrada e mais estrada, cur-

vas e mais curvas. Por mais que tenha depois passado por aquelas bandas, nunca mais consegui ver um certo rio que saltava lá em baixo, entre fragas —como nos livros— e que formava abismo ao lado da estrada. Devia ser um rio especial só para trânfugas.

Desse percurso ficou-me a fala metálica de um tipo, lá para a frente que perorava olímpicamente, monocordicamente, sem pausas. Tinha uma voz arrastada, de dicção clara, sílaba-a-sílaba, e revelava já não sei o quê (talvez os segredos do universo) ao companheiro de banco. Era explicativo e reaccionarote. Cansava mais que os solavancos do chaveco. Imaginei a hipótese de lhe bater. Ao meu lado, o índio de nervos de aço roncava, mais alto que o motor.

Às tantas, numa paragem qualquer da serra entra no autocarro um grupo de rapariguinhas e logo uma delas, camponesita aí duns quinze anos, deu-lhe para engrajar comigo. Nunca na minha vida me vi tão assediado, como se diz agora. Eram boquinhas, olhinhos de esguelha, risinhos, sinaizinhos, denguiques. Por mais distraído que eu fosse e sou, era-me impossível ignorar aquela exuberância de manifestações. Mantive a gelada impassibilidade que convém a um revolucionário-indocumentado-que-vai-exilar-se-ilegalmente-do-país. Por dentro, estava surpreso e divertido: ora a serigaita! Pois mesmo em Chaves não me prega com uma piscadela de olho, frontal e descaradíssima, que me deixou todo corado?

Almoçar com o “passador” devo ter almoçado, porque nunca fui muito de sacrificar refeições. Não é uma questão de fome, é uma questão de hábito. Lá teve o homem de abrir os cordões à bolsa, lá tive eu de manter uma conversação sobre fumos de nada. Não me lembro.

— Agora —disse-me ele, depois dos dentes bem palitados— vamos tomar um táxi.

— Para onde?

— Prã fronteira.

Achei aquilo um bocado esquisito, ir de táxi, mas, enfim, não estava em condições de contrariar o mestre da música. Ele é que tinha os livros. Táxi connosco e com o destino bem explicadinho ao motorista:

— Siga para tal sítio.

Ao sítio chegados, que não era muito longe, diz o meu “passador” para o motorista:

— Ora espere aí um bocadinho, se faz favor, que eu já venho.

E saímos ambos do táxi. Eu estava perplexo e já um tanto desconfiado. Então aquilo em Chaves era assim? Nem se disfarçava? Um tipo jovem, com ar de vir de longe, todo atabafado e com um grande saco não despertava curiosidade? O motorista arrancava com dois e regressava com um? Tinha-me eu rodeado dos mais intrincados cuidados conspirativos para que agora um fulano descontraído, com o ar mais natural do mundo, desse a entender a um estranho que eu ia para a fronteira?

De facto, aquilo em Chaves era assim. Toda a gente se estava nas tintas. Tanto, que, após andarmos uns metros, o “passador”, ainda com a estrada à vista, me indicou, lá muito ao longe, um renque de verdura que travava um declive imenso, em campo aberto.

— Ali é o rio. Naquela direcção há umas pedras. Atravessa-se bem. Na aldeia espanhola, o amigo pergunta pelo Pepe que já sabe ao que vai.

— E se há azar?

— Se houver azar o amigo desata a correr. Olhe, é mesmo ali. As pedras.

E eu lá fui andando, de saco na mão, por aqueles trezentos metros que pareciam mil, com a pressa que Fernão Veloso trazia na descida. As pedrinhas estavam no sítio, à minha espera. E a mísera aldeia espanhola, com a sua mercearia-drogaria-retrosaria-capelista mai-lo diabo a sete, também.

Ora acontece que, se a aldeia e o estan-

co eram pobres, o Pepe não o era. Por umas escadas tortuosas, atrás do balcão, ia-se dar à ampla sala de estar duma casa moderna, toda alumínios e mármore.

Atendeu-me uma senhora de preto, esfuziante, simpatiquíssima. Logo depois apareceu o Pepe, galego de cepa que compreendia o Português de gingeira. Que sim senhor, estava tudo nos conformes e pronto para a partida. Entretanto, que estivesse à minha vontade. Queria eu um conhaque? um licor?

Lá fui ficando. Julgava que partíamos logo, mas o Pepe tinha outros planos. Fiquei a matar o tempo, sentado nuns sofás de couro descomunais, em que caberia um pelotão inteiro da tropa. Jantei com a alegre família do Pepe que, aos brandes, me chamou de lado.

— Amanhã de manhã, levo o amigo a Orense e meto-o no comboio para França.

— E como é que eu passo a fronteira, sem passaporte?

— Isso, bem vê, é uma questão de sorte. Não há-de ser nada.

A perspectiva de viajar indocumentado num comboio espanhol, sujeito às interpeleções de guardas bigodudos de chapéus esquisitos, ou de ter que me explicar à guarda fronteiriça francesa, bastante mal afamada, não me dava para a euforia. Aliás, não era isso que eu tinha combinado. Queria que me levassem a França.

— Ah, acho que houve confusão, lamentava-se o amável Pepe, muito contristado.

Negociámos. O Pepe queria mais cinco contos. Ficámos nos três contos, mas com a condição de só partirmos na noite seguinte, porque ele, entretanto, tinha negócios a tratar.

Nesse serão, a sala do Pepe enche-se de gente. Muito ruidosos, expansivos e confraternizadores, familiares e amigos jogaram às cartas até altas horas. Eu sentava-me muito

discreto, numa cadeira a um canto, a fazer de conta que não existia, mas, de vez em quando, alguém perguntava:

— Quien és?

E, invariavelmente, alguém respondia:

— El señor que se vay a Paris.

No que toca a discrição estávamos conversados. Era pior que Chaves. Mais tarde, a dona da casa levou-me a um quarto em que havia uma cama cheia de folhos e rendas. O quarto estava literalmente cheio de bonecas, de todos os tamanhos e feitios. Passei uns bons minutos a remover bonecas e a arrumar bonecas antes de conseguir abrir a minha cama. Dormi regaladamente com dezenas de olhos de porcelana a velar por mim.

Na noite seguinte, alforria para o prisioneiro de Zenda. O Pepe apareceu, enfim, com um carro potentíssimo (“dois carburadores” —segredou-me ele) que já trazia um casal de madeirenses encolhido no banco de trás. Eram muito jovens, extremamente tímidos, e exprimiam-se, raramente, com um sotaque tão cerrado que eu não conseguia compreendê-los. O Pepe, perito em línguas, percebia tudo.

E aí estávamos lançados na noite espanhola que é —pareceu-me— um bocadinho mais escura que a portuguesa.

Aquilo dos dois carburadores tinha a sua razão de ser. O automóvel do Pepe queria promover-se a foguete e o proprietário, se não era o volante mais rápido do mundo, estava a treinar para isso. Ou talvez apenas para o mais expedito ultrapassador do mundo. Eu só via luzes de camiões a passar ao lado. Deu-me a impressão de que havia subidas, descidas, pontes, lombas e curvas. Mas para o Pepe, aquilo era o Lago Salgado.

E, enquanto uma das mãos, segura de si, calçada de luva especial, orientava milimetricamente o volante, a outra ia mudando as cassetes do leitor. Durante aquelas horas, o Pepe, se calhar com medo de que alguém

adormecesse, ia ouvindo sempre as mesmas duas canções em alta gritaria: uma era o abominável *Porom, Porom, Porompompero* e a outra uma choradeira plangente dum fulano a queixar-se de que lhe tinham gamado o automóvel e, agora, pobre dele, que é que ele ia fazer, se lhe tinham “robado su cocheeeee!”.

Às tantas parámos num cafezito à beira da estrada, para o Pepe tomar um café e para outras utilidades. Os madeirenses não quiseram sair, talvez receosos de que os deixassem ali, nos descampados espanhóis. Tive então oportunidade de usar, pela única vez na vida, acho eu, o meu castelhano. Cheguei-me ao balcão e pedi: “un vaso con agua”. O homem deu-me, de facto, um copo de água pelo que presumo que me exprimi com sapiência.

Ao romper o sol estávamos à vista duma terra que se chama Irún do lado espanhol e Hendaia do lado francês. Havia uma ponte cheia de fardas. Uma delas aproximou-se, a farejar, mas o Pepe acenou-lhe, de longe, fez um grande sorriso e passou. Devia ter algum conluio com os santos padroeiros das fronteiras, aquele Pepe.

Já em França, na estação do caminho de ferro, o Pepe fez questão de pagar o meu bilhete de terceira classe para Paris. Esta asunção de despesas deve ser norma do sindicato internacional dos “passadores”. Adeus, Pepe! Adyos Señor! Obrigado, Pepe! Gracias Señor! Pouca terra, pouca terra, Austerlitz, e terminava a primeira parte da minha viagem para a Suécia.

O resto são contos largos. Amanhã digo.

Mário Costa Martins de Carvalho. Nasceu em Lisboa, em 25-9-44, lic. em direito em 1969. Exílio em França e Suécia. Regresso após o 25 de Abril de 1974. Exerce advocacia em Lisboa.

Bibliografia:

- *Contos da Sétima Esfera* (Vega, 1981) - 2ª Edição. Caminho, 1990.
- *Casos do Beco das Sardinheiras* (Vega, 1982; 2ª ed. Rolim, 1985, 3ª Ed. Caminho, 1991). Recomendado para leitura no ensino secundário.
- *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* (Vega, 1982 —Prémio Cidade de Lisboa)
- *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho* (1ª e 2ª Eds, Rolim 1983, 1984, 3ª Ed. Caminho, 1993) - recomendado para leitura no ensino secundário.
- *Fabulário* (& ETC., 1984)
- *Contos saltos* (Quatro Elem. Editores, 1986)
- *Era uma vez um alferes* (Rolim, 1ª e 2ª eds, 1984, 1985) - adaptado para televisão por Luis Filipe Costa. (exib. RTP - 1987)
- *E se tivesse a Bondade de me dizer porquê?* (Em parceria com Clara Pinto Correia, Rolim, 1986)
- *A Paixão do Conde de Fróis* (Rolim, 1986; Circulo de leitores, 1987-Prémio D. Dinis, ex aequo). 3ª Edição, Caminho, 1991. Editado pela Gallimard, Paris, 1992, com o título *Le Jeune Homme, la Forteresse et la Mort*, trad. de Marie-Hélène Pivnik.
- *Os Alferes* (Editorial Caminho, 1989, Circulo de leitores, 1990). No prelo, Gallimard.
- *Quatrocentos mil sestércios...* (Caminho, 1991) (Grande Prémio do Conto APE)
- *Água em Pena de Pato* (teatro) (Caminho, 1992)

SILOBA

José Ángel Cilleruelo

1.

Las farolas de la plaza no iluminan los pasos de nadie. Las persianas continúan echadas sobre los balcones y los porticones de las ventanas cerrados. El empedrado ha empezado a retumbar con las furgonetas y los utilitarios de primera hora. De vez en cuando la estampa empieza a temblar con un estruendo de herrajes zarandeados. Pasa un tranvía calle arriba. Pegados al vidrio muestra algunos rostros rígidos, serios como efigies o como los sellos de una gran carta amarilla. Durante un buen rato queda en el aire el eco

de sus chirridos alejándose, y más tarde regresa la calma al lugar. Algunos coches cruzan la plaza; unos van muy de prisa, acelerando dentro de la noche ya escasa, otros avanzan con parsimonia, encaminándose hacia la mañana.

La ventana no tiene cortinas ni visillos, sólo unos porticones grandes, de madera. A la habitación la luz entra durante el día desnuda, sin matices. Delante, la escalera de azoteas llega hasta el río sin que ninguna se alce lo suficiente como para obstruir las vistas; guarda aquella perfecta progresión que dicen que quería Zenón. Por la noche la habitación es quien devuelve a la calle la luz nítida y monocorde de una bombilla. Los portones nunca se oponen a este toma y daca. Por lo menos mientras viví en la casa nunca nadie se acordó de cerrarlos. Tampoco de limpiar los cristales. Ni siquiera se me ocurrió a mí, meses más tarde, cuando tuve una buena justificación para hacer ambas cosas.

Ahora no hay luz afuera ni hay luz adentro. Mis ojos observan una plaza rectangular, estrecha, puede que anémica. Ni siquiera es una plaza, sino un largo, un simple ensanchamiento, incomprensible, de una calle apretada en Lapa. Los vehiculos que vienen la rode-



an por la derecha y los que van giran frente a la ventana y siguen recto en el carril de enfrente. Cuando uno pasa aguardo ya al siguiente. Como es viernes no todos transportan hombres solitarios con un gran bocadillo envuelto con la primera página de *A Bola en el otro asiento*.

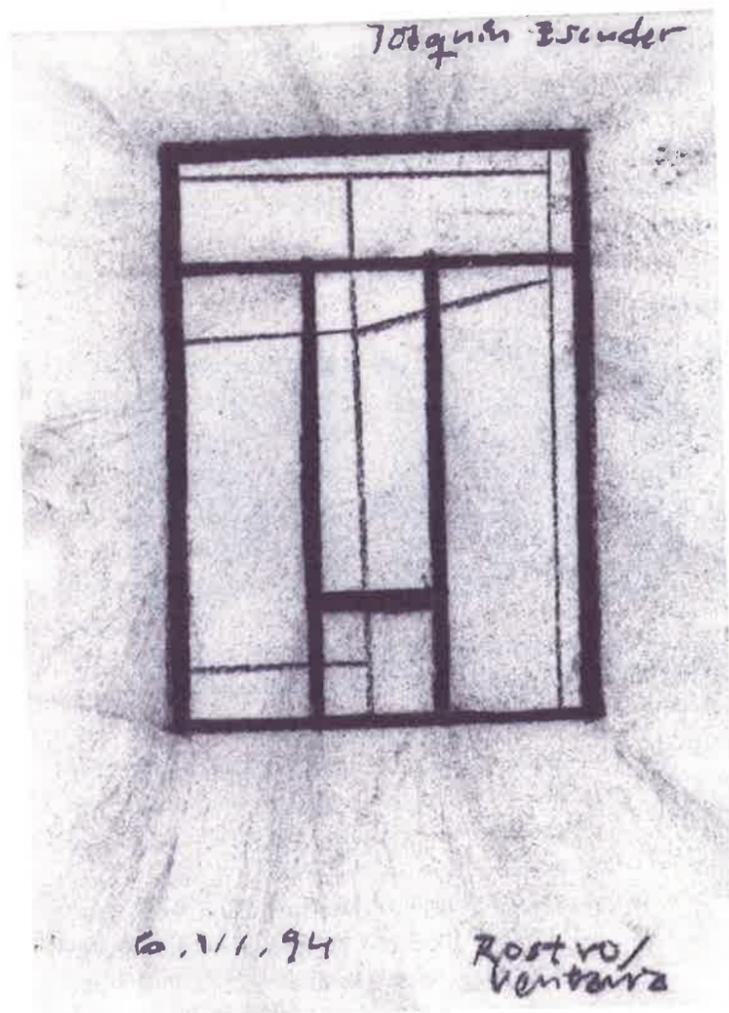
Es posible también que cuando mire circular las furgonetas y los utilitarios vea otro paisaje. Me han despertado pese a la atención que han puesto al cerrar la puerta de la escalera. Han entrado después en la cocina. Todos los pasos dejan un vestigio sonoro en el suelo de madera vieja, oscura e irregular, barnizada por última vez algún año que seguramente forma parte ya de la historia. Gracias a algún ultimátum o alguna guerra colonial. Por la misma razón mido mis gestos al levantarme y al acercar la silla hasta la puerta del cuarto. Me alzo en pie sobre el asiento de la silla. Sobre la puerta del cuarto hay un ventanuco protegido por un vidrio. Enfrente está la cocina. Apoyada en el mármol la veo a ella. Es guapa. Morena. Mueve al hablar una melena corta, egipcia, cruza las piernas y sostiene un vaso con un café largo. El debe estar al otro lado, fuera del encuadre de la puerta. Mário me dijo que eran amigos de otra época. Únicamente aparecen los viernes, de madrugada. Duermen en el altillo que hay sobre la cocina, en el desván, y se marchan el sábado temprano. Nunca antes habíamos coincidido.

Ha acabado el café y ha enjuagado el vaso en el fregadero, ha cruzado después los brazos sobre el pecho y ha seguido hablando. Su voz y la del muchacho me llegan apenas como un leve murmullo que no descifro. Viste un jersey oscuro, pantalones tejanos, y calza unos botines acabados en punta. Nada hay en ella que rompa ese aire severo. Sus ojos parecen demasiado despiertos para la hora. A veces trastabillean pero enseguida recuperan agilidad y brillo. Había empezado a fijarme también en las manos pero él, o su espalda, ha interferido en la imagen. Un beso

fugaz ha precedido al leve crujido de sus pasos peldaños arriba por la escalerilla insegura del altillo. Han apagado la luz. El ventanuco se ha pintado de negro. La ventana de la calle filtra un resplandor sucio: enseña la noche; su abandono.

2.

Una sierpe mitológica, articulada por múltiples segmentos vivamente coloreados en naranja. Un animal incesante e infinito que tapa la calle por completo. La hilera de autobuses desciende despacio hasta Restauradores. Es lo único que veo desde el banco. Lo único en que puedo pensar. Apenas han transcurrido unos minutos desde que me he sentado y ya me encuentro incómodo. Detrás hay un pequeño jardín de arbustos y flores. Una tarde de marzo dije «me gustan esas flores» por decir sólo que me gustaba aquella tarde. «¿Los narcisos?», obtuve como respuesta, «a mí me gustas tú». ¿Fue eso lo que pronunció? No exactamente, o sí: *gosto de ti*. Es y no es. Aquello ocurrió mucho después. Ahora estoy en un banco de la Avenida frente a la inhóspita sucesión de un ofidio gigante y vanguardista. Trato de pensar en algo; no puede permanecer uno horas y horas aquí sentado con los ojos vacíos y la mente en blanco. La Avenida fue un parque dieciochesco a las afueras de la ciudad. Los burgueses, bien atildados, separaban el codo doblado levemente y las señoras deslizaban el brazo por el agujero y lo cruzaban luego ante su pecho, pletórico de encajes. Después llegó la moda de los bulevares y le clavaron este otro río por donde discurren esas serpientes naranjas, o sus vástagos, esos sapos negros pero con las ideas verdes que tanto se echan en falta las noches de verano. En el Cais do Sodré pasé una madrugada entera aguardando cola por uno. No debió ocurrir así, pero a quién puede molestarle que así lo imagine: le pedí un cigarrillo



y enseguida empezamos a especular sobre dónde andarían los taxis a esas horas. Fuimos encadenando chistes... por ejemplo: deberían llamarse «tacno» en lugar de «tacsí». A lo que continuaba: en realidad... ¿ha existido alguna vez una entidad física a la que se le pudiera aplicar sin menoscabo idealista el concepto universalmente acuñado como «taxi» o es un mero espejismo de nuestras viejas almas europeas que han perdido el vestigio que convierte en heroicos a los pioneros y en inmortales a los descubridores... etc. La retórica dejó paso al tema del origen, pues el acento me delataba. Hablé también de la ciudad y en medio hablé de un lugar en el norte, una *terra*, pero enseguida se sumó conmigo a enumerar rincones insólitos a donde podríamos viajar en ausencia de taxis: en tren a Sintra, en barco a Brasil y andando a

los bares nocturnos del Cais. Entretanto se había reducido algo la cola. Como suele ocurrir en los cuentos malos el alba llegó al tiempo que un sapo negro con una lucecita encandilada en el parabrisas: *Livre*. Aunque estaba delante en la espera, me apresuré a abrir la portezuela y a darle paso. Subió al automóvil. ¿Entré también yo? Apuesto a que no lo hice, pues de haber subido detrás debería seguir imaginando e imaginando hasta llegar a este banco de la Avenida donde concluiría la historia con un instante de nostalgia en la triste ribera del río de taxis.

Pero si al estirar la imaginación no encontrara la biografía que concluye en este momento y en este lugar, la irrealdad actual impediría que pudiera levantarme del banco y que echara a andar en dirección a cualquier otro

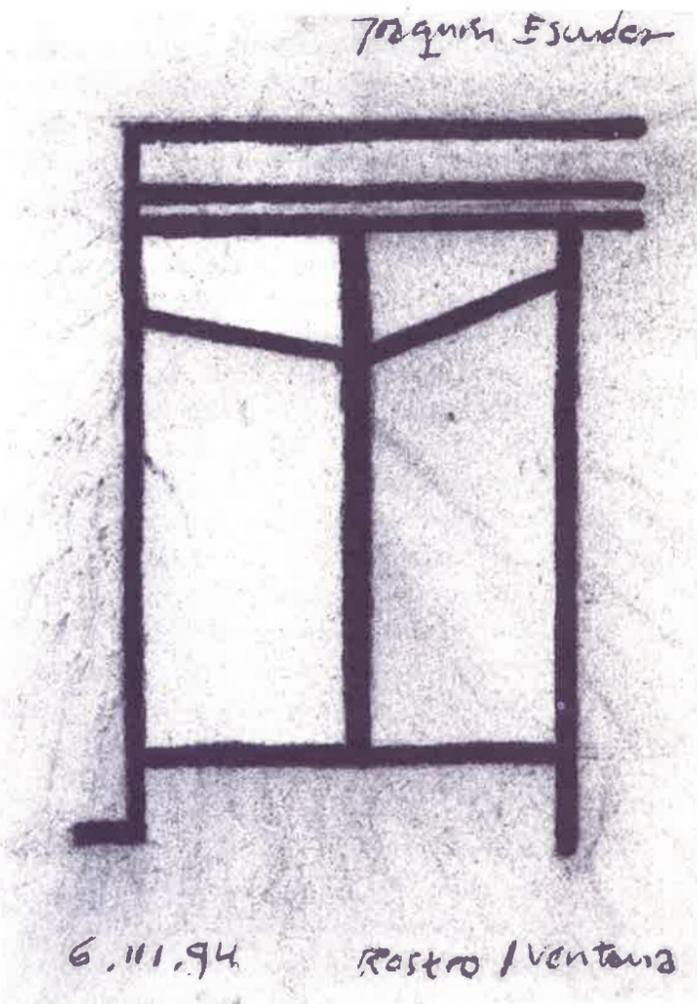
sitio, hacia arriba o hacia abajo. ¿Será eso lo que atornilla a tantos hombres solitarios en estos bancos seriados frente al amurallado tráfico del carril central? ¿También ellos se extraviaron un día en sus sueños y son incapaces de encontrar la vía que les devuelva una esquina de realidad?

Me he puesto en pie y mi figura me ha resultado tan ridícula como antes me había parecido sentada. Echo a andar Avenida arriba. Como otras tardes mis pasos rebasan un hombre sombrío e incierto en cada banco. Algunos fuman, o mantienen las piernas estiradas y cruzadas. Sus ropas lucen colores opacos como sus rostros: marrones y grises combinados siempre con una americana azul oscuro. He querido esta tarde ser un hombre más sentado en la Avenida y justo cuando creía que no iba a lograrlo me he descubrier-

to contando, al caminar, los coches rojos del atasco, luego los coches verdes, los blancos... hay demasiados coches blancos... los plateados, los amarillos. Con los amarillos acabo pronto, vuelvo a los blancos: hay muchos coches blancos...

3.

Está instalada en el portal de una casa pombalina del Barrio Alto. Acudo a media tarde tras un paseo por las calles comerciales. Sobre un simple tablero, sostenido por dos taburetes bajos, se amontonan los libros. En la pared lateral hay un pequeño escaparate empotrado donde se exhiben los mejores títulos. Como cada semana los cambian, antes de entretenerme en los montones paso un buen rato contemplándolos. Con la altura de los estantes y el ángel protector del vidrio el encanto de los libros viejos gana mucho. Puestos de cara, uno junto a otro, en una disparatada competencia de tipografías y estampas, la mirada cree captarlos de golpe, pero en seguida se da cuenta del trabajo que cuesta ir distinguiendo uno a uno cada volumen. Es necesario, para repasarlos todos, seguir con cierto rigor algún método e ir dando pequeños saltos de peón de ajedrez hasta el final. No se encuentran nunca libros importantes. La mayor parte son ediciones de hace cincuenta o setenta años, y las ilustraciones o la sintaxis de los títulos expuestos hablan menos de contenidos literarios que de los tipos de lectores de entonces. Las ideas, los modales y hasta las ropas de la gente de antes resultan siempre fáciles de resumir e imaginar. ¿No dirá también este escaparate cosas de quienes desde el presente husmeamos en el pasado? Tal vez sí, pero no sé verlo. Divido los libros entre los que fueron comprados por lectores a quienes no les gustaba la ficción en la literatura, y por quienes evitaban encontrarse en sus lecturas cara a cara con la realidad. Abundan los primeros, novelas con



dramas campesinos y ensayos sobre una nación incompleta («una taza de café con el asa rota» dijo una tarde Alberto que había dicho no recuerdo quién). Los contemplo y añoro su renuncia. Tanto el desprecio a la ficción como lo contrario, el despego de la realidad. Cómo me gustaría saber a qué renunciar.

Salgo de nuevo a la Rua Trindade con un volumen barato en las manos. La acera es estrecha. El ruido de los neumáticos al pasar rápidos por el empedrado rebota en las impenetrables fachadas de la calle. Unos metros más adelante paso frente a una imprenta. Por la puerta, abierta para que corra el aire de junio, se escapa el olor acre y profundo de las resmas de papel y de la tinta. Es éste, junto al de las higueras en verano, el olor más antiguo que reconozco. Siendo un chiquillo ayu-

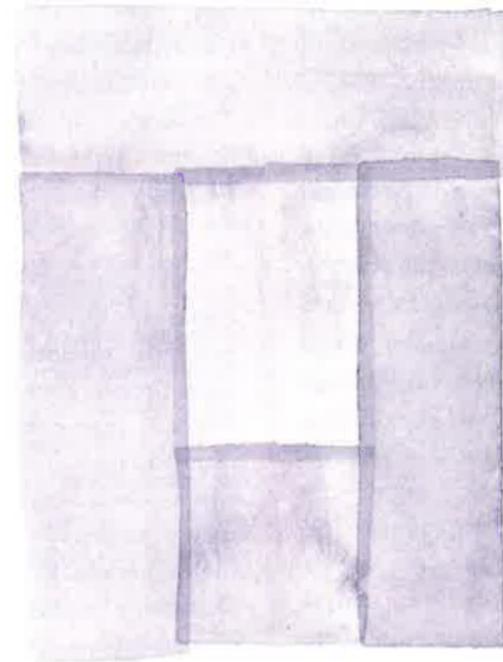
daba los días de vacaciones en la imprenta del colegio. El almacén era una gran nave alargada donde dominaba un estricto orden geométrico, casi cubista. Ahí, supongo, apilábamos encuadernaciones o arrastrábamos paquetes de hojas, qué sé yo, pues lo único que recuerdo era el momento, al caer la tarde, de cobrar el salario. Frente a unos estantes metálicos nos dejaban escoger dos o tres libritos de una colección de miniaturas que se llamaba «Ardillas», o algo así. Como las posibilidades eran muchas, excesivas, me demoraba eligiendo los títulos con el tino de olvidar siempre el más deseado, que se quedaba revoloteando en la mente hasta la tarde del día siguiente. Más o menos lo mismo que me ocurre ahora con este librote de lomos cuarteados y páginas comidas por el tiempo. Mientras él me acompaña y se balancea dentro de una bolsa de plástico mi pensamiento se queda con otro volumen del escaparate, tal vez de precio un poco más alto. Cuando decida volver en su busca la próxima semana seguramente ya no esté, y si está, seguramente tampoco me atreva a gastarme esos escudos. Y si me atrevo, posiblemente me habré encariñado ya con otro que hoy no he visto. Tanto como me angustian, me consuelan luego esas pequeñas renunciadas en forma de indecisión u olvido. Esos libros que no elegí y no compré forman los peldaños por donde desciende la memoria.

4 Sé que a los redactores de guías turísticas no se les permite escribir frases de tono maximalista, pero si en alguna guía me hubiese tocado describir Martim Moniz, sin dudarlo hubiese empezado así: «Esta es la plaza más fea del mundo». Y la verdad literaria de esa afirmación se demuestra en que ya no es cierta: hoy es un lugar cualquiera en el que ningún visitante se fija, ni para bien ni para mal. Enton-

ces veía Martim Moniz como el monumento al expresionismo; y de hecho me encantaba contemplarlo cuando iba al centro o paseaba camino de casa. La plaza ocupa el culo de una olla que forman tres barrios en su ascenso por sendas colinas. En su enorme extensión convivieron calzadas y aparcamientos para coches, aceras para transeúntes, pasos para el tranvía, un mercadillo, una hilera de barracones con tiendas baratas y un gran terreno baldío en el que los años habían dejado como único vestigio pequeños montones de escombros y basuras; pero la combinación de todas esas cosas seguía una lógica propia, difícilmente compatible con cualquier idea conocida. El centro pertenecía por derechos adquiridos a la fuerza a coches, furgonetas y camiones. Unos iban hacia arriba y otros hacia abajo, pero sus trayectorias dependían únicamente del antojo de cada cual. Los tranvías se repartían por el vasto desierto de Martim Moniz como aguas de un torrente por un altiplano. Del centro llegaban por una misma vía, pero en seguida se desmadejaban por todas partes, cada línea en busca de su propio cauce de hierro, hacia sus respectivas calles de ascenso a los barrios vecinos. A ambos costados se extendía dos amplios eriales: campo de coches uno; y el otro, en desnivel, basurero. En una isleta perdida entre tráfico y tranvías se había desarrollado un pequeño poblado de barracones ocupados por comercios discretos. No recuerdo qué día de la semana, en lugar de coches el calvero se poblaba con los colores de un mercadillo pobre, de frutas feas, utensilios de plástico y camisas de nailon. Uno de estos descampados lo había ganado la plaza gracias a los edificios que se habían caído, dejando al aire, inscrito en las medianeras de las casa vecinas, una prolija intimidad de pinturas, cerámicas de cocina y papeles pintados. A la plaza daban también las traseras que los bloques derruidos habían dejado al descubierto: un curioso mosaico de ropas mareándose al viento, torres de trastos amontonados y una colección de cortinas de baños extendidas a

modo de toldos sobre las galerías. Los sábados, mientras aguardaba mi tranvía favorito, el 29, contemplaba ese paisaje desalmado y primitivo, y poco a poco fui encariñándome de esta plaza de nadie. Una noche, lo recuerdo también ahora, quise que nos besá-

ramos entre sus sombras deshabitadas, pero cuando nos adentramos unos metros, nos detuvo una extraña danza de bultos. Aquella oculta humanidad meciéndose al ritmo desgarrado de la plaza sólo admitía el paso a solitarios.



Rastro / Martim

José Angel Cilleruelo. Nació en Barcelona, en marzo de 1960. Ha realizado estudios de Letras en las universidades de Barcelona y de Lisboa. Actualmente se dedica a la enseñanza. Su obra poética hasta 1988 [dos libros — *Sartilegio* (1983) y *Alfama* (1987)—] ha sido reunida bajo el título *El don impuro* (Col. Puerta del Mar, Málaga, 1989) con un prólogo de Joaquim Manuel Magalhães. Después ha publicado únicamente pequeñas ediciones de carácter no venal y fuera de mercado. Se ha dedicado también a la crítica literaria, especialmente en los ámbitos de la cultura en lengua portuguesa, las relaciones entre literatura y ciudad, y la poesía contemporánea. Sus trabajos sobre estos temas se han publicado en *Revista de Occidente*, *Cuadernos Hispanoamericanos*, *Quimera*, *Hora de Poesía*, *Condados de Niebla...* Impresas en Portugal pueden encontrarse colaboraciones suyas: en la revista *Persona* nº 9 [Octubre, 1983; recogidas también en el vol. III de las Obras de Fernando Pessoa, de Lello & Irmão, Ed.]; y en el volumen colectivo *O imaginário da cidade* (Fun. C. Gulbenkian, Acorde, Lisboa, 1989). Ha traducido a Fernando Pessoa (*Teoría poética*, Ed. Júcar, Madrid, 1985), Machado de Assis (*Las memorias póstumas de Blas Cubas*, Ed. Montesinos, Barcelona, 1985), y poetas contemporáneos portugueses como Sophia de Melo Breyner, Fátima Maldonado (*La una en el desierto*, Madrid, 1990), Alberto Pimenta, Joaquim Manuel Magalhães... Ha sido también traductor y antólogo de la poesía reciente en lengua asturiana (libro en prensa). Es, además, autor de una guía artística de Barcelona y otra de Cataluña.

José Manuel Capêlo

EM LISBOA, PELO ENTARDECER...

HÁ NOITES em que o azul fustiga e o negro adorna, no ramejar lento das sombras, como coisas fantásticas, abertas no esplêndido da vista. Distingue-se e aproxima-se como clarão visual que o instinto diferencia e esclarece, nessa refração plena que a luz mantém ao diluir-se. Crescem outras formas no horizonte, outros gestos na plenitude, que, aos poucos, se salientam numa ténue confusão de sons, e, intrincados, se desprendem na mágica lonjura que a noite fere.

Virá o sono com todo o seu silêncio e ausência. Virão os olhos dos homens fechar-se ante a calma racional da natureza. Surgirão os obstáculos em todas as formas. Os rostos com todos os risos e esgares. As mãos com todo o género de apetências. Sedento, o ser humano abrirá brechas, avançará a passos, conquistará para além, sempre para além, em direcção a esse destino apetecido e desconhecido, qual miragem articulada e desejada.

Mas agora, é a cidade esplendidamente ornada por crateras.

Saliente nas ancas soltas, a figura estupefa suspende-se no caminhar largo ante a subida íngreme da escadaria que se alonga nas Escadinhas do Duque, mesmo à minha frente. Branco e fatigado pela subida, respirando o gesto aflito de quem não se aguenta ao subir, despejava os olhos baços nos quadris suspensos que se balouçavam numa precisão demoníaca: credo na boca de alguns deuses, cobiça deslumbrada de muitos homens, quiçá, de despertadas mulheres. Aflito, sempre aflito e ansioso, ante o esforço que se me exigira, rebuscando na memória ocasio-

nais-situações-idênticas, mnemónica menino-e-moço desse rapagão que fui em tempos — ágil, pleno, suspenso, aligeirado no maquinário de situações e de benesses, nos estados e nas facilidades — cansava-me de subir. Transpirava de olhar aquela figura estupefanda, em corpo ágil e esguio, que fugia. Ou melhor: se afastava à minha frente.

Parei.

A cidade enchia-se de luzes nas minhas costas. De luzes à minha frente. Encadeado por esse caleidoscópio de luzes, cores e sons, limpei, com o lenço, o suor da minha frente. Longe começava a ficar a distância e o passo largo que as ancas acompanhavam. Era a cidade, com uma figura caminhantemente suspensa e com uma outra, cansadamente parada. Era a noite a dar as mãos aos homens e mulheres sem destinos, nesses compromissos que poucos adiam e muitos têm a cumprir, já que as casas são pequenas e, por vezes, cheias. Mas eu era velho e só. Sem lugar na família da família. Esse lugar que nos arranjam quando já não preciso formos. Eterna repetição da tragédia ou da bem-aventurança! É que o antigo lugar dos velhos será o trono imperial dos novos...

Uma velha senhora suspendia-se do rapeito para a rua. Muito provavelmente, veria quem passava, nessa habituação, nesse simpático modo, que o tempo lhe dizia, ser descanso e atenção para o passar das horas. Ou será que passava a ver o que era provável? Olhei na sua direcção e sorri-lhe. Aceitou-me um adeus nos dentes ralos. Baixei-lhe a cabeça e continuei a subida, daquela infundável escadaria.

Longe, longe demais até para os meus olhos, a figura estupefanda, saliente nas ancas soltas, parara. Dos cabelos negros, cortados à razão da nuca, prendia-se uma bóina branca. Com as mãos, agilmente, tirou o alfinete que segurava a bóina ao cabelo e ajeitou, com milimétrica precisão, de novo a bóina. Aproveitei para avançar metro a metro para que me pudesse satisfazer de a distinguir na curiosidade de homem velho e caricato. Mas se tudo se perdera, não se esgotara o meu antigo sorriso. Era brando e sério. Casto e assomadiço. Tão natural quanto intencional. Ninguém poderia dizer o contrário, já que o contrário seria a intenção que o oposto podia situar.

Resolutamente, continuei a avançar até me alcançar uma distância próxima que me parecia impossível de atingir. Curiosamente, a figura de mulher continua parada a arranjar o composto. Na minha sofrida caminhada, estaria agora dela a apenas uns dois ou três passos. Mais um pequeno esforço e distingui-la-ia plenamente, nesse total que os olhos sentem e o instinto retrata. Inimaginavelmente, ela olhou-me e sorriu. A bóina branca estava-lhe fixa no cabelo negro. Sus-

pendi o passo e apurei a respiração. Fixei-a com o mais incrédulo dos sorrisos. O seu rosto era magro e desfigurado, como que benzido por uma rarefacção de luz atómica, seco de uma inacreditável falta de brilho e cor. Se não era horrível — nunca um rosto de mulher é horrível, por mais intencionalmente feio se nos pareça ou intua! — era-o próximo da imensa fealdade. Manifestei-lhe um sorriso e avancei. Sentia-me tremer, já que o passo era inseguro e falso. Vertigem constante e habitual, no cansaço de homem velho. Lugar do solstício, para não dizer do ocaso.

Nunca me sentira tão mal, havia muito tempo. Na subida e no desencanto. A realidade tem destes equívocos.

Há noites em que o azul fustiga e o negro adorna, no ramejar lento das sombras, como coisas fantásticas, abertas no esplêndido da vista. Agora sim! É a cidade realmente ornada por crateras.

Longe de-mim, as luzes tinham outra distância e as sombras outra presença.

LISBOA, 21 JANEIRO 1987 PAREDE, 15 MARÇO, 1994

José Manuel Capêlo. Nasceu em Castelo Branco, em 1946. Poeta, ficcionista, ensaísta e editor. Publicou, em poesia, *Miragem* (1978); *Corpo-terra* (1982); *Fala do Homem Sozinho* (1983); *Canções sem Rosto* (do livro colectivo *Margens*) (1984); *Rostos e Sombras* (1986); *Enche-se de Eco a Cidade* (1989); *A Voz dos Temporais* (1991); *Quanto desta Terra é* (1992), entre outros. Está incluído em várias Antologias. Vive em Lisboa.

Javier Tomeo

LAS BALLENAS ARQUETÍPICAS

HACE unos días, hojeando un libro infantil, volvimos a encontrarnos con el entrañable Pinocho. Fue un reencuentro breve, pero emocionado. Sería estupendo, nos dijimos, seducidos una vez más por la enorme nariz de nuestro amigo, que, en estos difíciles tiempos de engaños y falsedades a ultranza, a todos los hombres les creciese también un poco la nariz por cada mentira que sueltan.

Aquel inesperado reencuentro con el entrañable héroe de madera nos hizo pensar luego en otras cosas. Pinocho fue concebido por el italiano Collodi a finales del siglo pasado, pero fue Walt Disney quien, gracias a la varita mágica del cine, lo elevó a la categoría de mito universal en el año 1939. Desde su nacimiento cinematográfico han pasado pues más de cincuenta años, pero la ventaja de los héroes es que nunca envejecen. Pinocho alcanzó el dudoso privilegio de la carne por la vía del amor que le profesaba el anciano ebanista, pero todavía hoy continúa con la piel tersa y la misma sonrisa de siempre, exactamente igual que cuando le conocí en la mágica oscuridad de un cine de barrio, poco antes de que se lo tragase una enorme ballena.

Algunas veces nos hemos preguntado si aquella ballena no sería la misma ballena que

muchos años antes se había tragado a Jonás, es decir, una ballena junguiana y, por lo tanto, profundamente arquetípica. Aquel héroe bíblico, en efecto, fue engullido por una ballena en el Oeste y durante toda la noche (es sólo una forma de decir las cosas) viajó en el estómago del pez. Al día siguiente la ballena le vomitó en una playa solitaria, en el Este y ese mito hace que podamos identificar a Jonás con el héroe del Sol que renace y se eleva cada mañana por Oriente, en una emocionante demostración de constancia, sin perder nunca la esperanza de una ascensión definitiva.

Pinocho y su inseparable Pepito Grillo, vivieron más tiempo en el interior de la ballena. Creo recordar que se construyeron incluso una casa y que pudieron abandonar su encierro gracias al fuego que encendieron en las entrañas de la bestia y a la consiguiente humareda que se levantó de aquella hoguera y que hizo estornudar al monstruo.

¿Nos sirve pues Pinocho, como Jonás, para explicar al hombre primitivo que sigue viviendo en nosotros el encadenamiento ininterrumpido de los días y las noches? ¿Puede explicarnos también ciertas crisis espirituales? ¿Puede reconocerse en la historia de Pinocho, como en el mito de Jonás, héroe del Sol,

a la conciencia del yo dramatizada plásticamente, con un pez gigantesco que simboliza al abismo y al mar que nos engulle haciendo el papel de inconsciente?

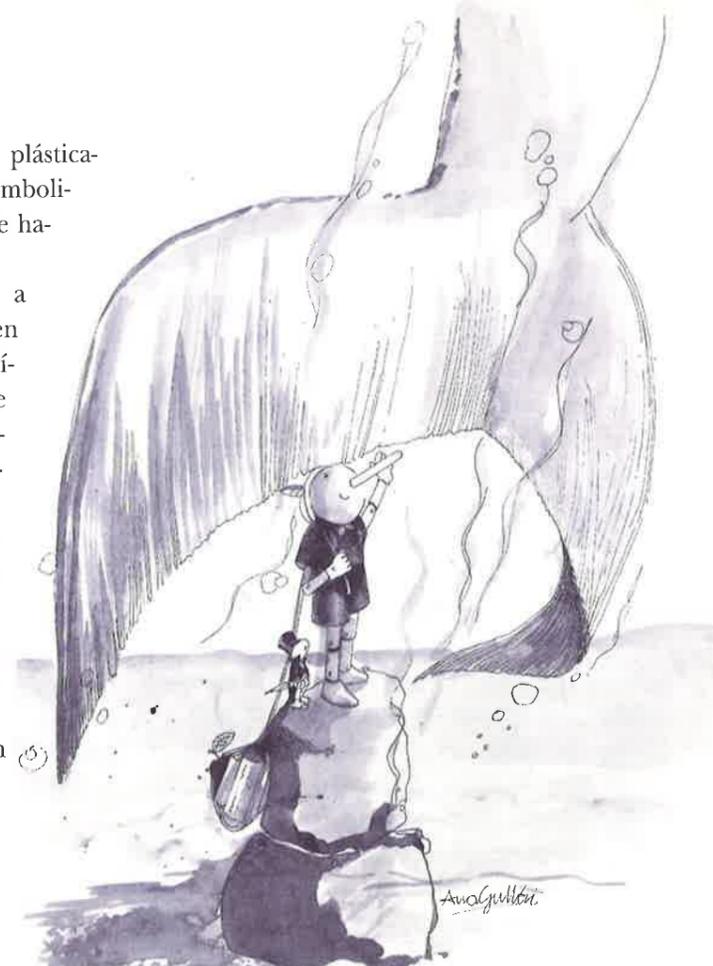
Nosotros preferimos mantener a nuestro entrañable Pinocho al margen de cualquier interpretación psicoanalítica y situarle muy por encima de todos los fantasmas junguianos. Preferimos pensar que nuestro héroe infantil no es una ficción dramática, que no padeció crisis espirituales de especial virulencia y que no sintió jamás más remordimientos que los que puede sentir un niño cuando le pillan en una mentirijilla sin importancia.

—Pinocho —proclamamos en este momento—, fue concebido por Collodi y llevado a la pantalla por Walt Disney sólo para que los niños aprendiesen a amarlo.

—Si no sentía crisis ni remordimientos —podría preguntarnos algún maldiciente—, ¿por qué le crecía la nariz?

—Le crecía la nariz sólo para hacernos reír —podríamos responderle nosotros—. Le crecía sólo para divertir a quienes entonces no

teníamos aún conciencia de nuestros pecados. Porque tienes que saber, amigo mío, que en aquellos tiempos nosotros éramos tan inocentes que no necesitábamos de héroes, ni de mitos ni de fábulas morales.



Javier Tomeo. El aragonés Javier Tomeo es uno de los actuales narradores españoles de mayor proyección internacional. Gran parte de sus novelas ha sido traducida a varios idiomas. Entre sus títulos más conocidos figuran *El castillo de la carta cifrada*, *Amado monstruo*, *El cazador de leones*, *La ciudad de las palomas*, *Problemas oculares*, *Preparativos de viaje* (Anagrama), *El mayordomo miope*, *Los enemigos*, *El gallinero*, *Patio de butacas* (Planeta), *Historias mínimas*, *Bestiario*, *Zoopatías y Zootilias* (Mondadori-Grijalbo), *La agonía de Proserpina*. "Por detrás de los sarcasmos de Tomeo—, escribe Pierre Lepape, en *Le Monde*—, por detrás de la mecánica cortante de su humor, de la virtuosidad de su dialéctica, hay también una verdadera ternura por los decaídos, por los vencidos, por los solitarios, por los condenados a monotonía y a la muerte: por nosotros mismos".

JOAQUIN RUBIO
**EL CABALLERO
DEL CISNE**

AL ABUELO Marcos le diagnosticaron un cáncer de pulmón después de haber sido fumador empedernido durante muchos años. Él no pareció muy afectado cuando recibió la noticia y pasó la tarde como siempre, leyendo. Su nieto mayor había calculado que el abuelo leía treinta y cinco mil doscientas seis páginas al año. Envuelto en una bufanda roja que le había regalado la abuela poco tiempo después de casarse y acompañado de sus cigarrillos y de un termo de café, Marcos se había echado al colete toda la literatura occidental, desde Homero hasta Thomas Mann. A cambio, él apenas había escrito más de mil páginas y sus sueños, tal como él los recordaba, habían sido siempre muy sencillos. Uno tan sólo se repetía desde que leyó el primer libro, una traducción de *El caballero del cisne*, que su sueño adaptaba libremente. Veía desde la playa una flota de velas blancas avanzando por el horizonte. Los barcos pasaban siempre de largo, pero a medida que leía más y más libros, observaba que iban aproximándose, hasta que un día atracaron en las dársenas de su sueño. A bordo de ellos viajaba el caballero del cisne. Marcos confra-



ternizó enseguida con los marineros y los soldados que viajaban en la expedición, hasta el punto que se sentaba entre ellos a escuchar sus historias. Pasaron los años y las lecturas y Marcos reconocía en sus libros los argumentos que le habían relatado los tripulantes de las naves blancas.

Ahora le llegaba la noticia de la enfermedad, las consultas médicas, las pruebas, los hospitales y se veía obligado a abandonar la lectura. Por primera vez en casi sesenta años, sus tardes dejaron de ser de los libros y tuvo que soportar visitas y más visitas. En sus sueños, veía a los marineros absortos en su tarea de cargar los barcos: iban a zarpar y Marcos temió que se marcharan para siempre y no volver a escuchar sus historias.

Apenas tenía tiempo para leer. Los médicos que le atendían no querían retrasarse, así es que tras la operación le sometieron a un tratamiento intensivo a base de radiaciones tremendas. Casi un mes estuvo Marcos sin dormir, desesperado por no conocer la suerte de la flota del caballero. Cuando regresó a casa y pudo volver a soñar, vio las naves por el horizonte. El viento henchía los ampos blanquíssimos de sus velas.

Afortunadamente, había vuelto a leer embozado en su bufanda y a fumar algún que otro cigarrillo que le daba a escondidas su nieto. Poco a poco empezaba a distinguir de nuevo las naves del caballero del cisne. Pero pronto empezó a sentirse otra vez mal y a tomar un color más pálido. Ningún análisis reveló nada anormal, hasta que un día su nieto descubrió algo inquietante. A unos diez centímetros de la cabeza del abuelo, a la izquierda según se miraba de frente, había una sombra verde. Lo que al principio produjo sonrisas, alguna palmadita en la espalda y comentarios sobre la imaginación del muchacho, empezó a convertirse al cabo de las semanas en motivo de preocupación. Allí, donde había indicado el muchacho, aparecía una especie de pantalla verde que acompañaba día y noche al abuelo. Se habló al principio de sombras, de reflejos de luz, pero como al dormirse adoptaba unos colores extraños, decidieron avisar al médico. Volvieron a internar al pobre Marcos y esta vez le instalaron en la última planta de un hospital muy moderno. En un cuarto oscuro comprobaron que efectivamente, aquello era una extraña proyección verde y empezaron a realizar mediciones y fotografías de todo género. Era la metástasis, la

reproducción de células que se había formado fuera del cuerpo. No era un tumor cualquiera y sus células no permitían un análisis normal. Allí encontraron algas microscópicas, agua de mar y luz de bombilla acumulada, pero si proseguían con el análisis por la tarde, la mágica sombra era de un tono entre azul y allí encontraban restos de madera casi podrida, pequeños crustáceos y una luz maravillosa, como si fuera la imaginación. Por la noche se oía un rumor lejano de olas. Sometieron a la tumoración, que por la mañana volvía a ser verde, a unas mediciones electrónicas según las cuales aquello era un sueño que se unía al cuerpo por unos filamentos de nácar. El jefe del servicio médico había consultado con un hospital de Huston y allí le indicaron que la única solución era separar aquel cuerpo extraño y enviarlo urgentemente. Y ya había convocado a su equipo y había dado algunas instrucciones para la operación cuando la voz de los megáfonos le reclamó urgentemente. Marcos no tenía pulso y no reaccionaba a ningún estímulo. En la tumoración se distinguían, como en una pantalla de cine, unas velas que empezaban a alejarse hacia el horizonte. A bordo de una nave se alcanzaba a ver la bufanda roja del abuelo.

Joaquín Rubio Tovar. Es autor de dos libros de relatos inéditos (*Quedarse solo* y *El árbol de los sueños*) y premio Gabriel Miró de cuentos en 1993. Es profesor de historia de las literaturas románicas en la Universidad de Alcalá de Henares. Como crítico ha publicado *Libros españoles de viajes medievales* (Madrid, Taurus 1986), *San Manuel Bueno, mártir* de Unamuno: edición, prólogo y notas (Madrid, Castalia, 1983) y ha traducido y prologado *Cligès* de Chrétien de Troyes (Madrid, Alianza, 1993).

IGNACIO SANZ

BELINDA ABAD

NO CONOZCO A PORFIRIO ALVARADO. Todavía no le conozco. Mis amigas lo ponderan y encomian. Me dicen que es un tipo asombroso. Se habla del siglo XVII y él lo sabe todo. Se saca en conversación la vida de un bandolero y conoce hasta el último detalle. Además, Porfirio Alvarado toca la guitarra y canta y cuenta historias de su pueblo y ameniza reuniones y cotarros. Me han dicho que vive solo en un palacete heredado en el centro de Aranda, un palacete neorromántico con desconchones en las fachadas y árboles añosos en el patio. Sus rentas no deben ser cuantiosas, pero unidas a su trabajo esporádico como catador de vino, le permiten encerrarse horas y horas en la biblioteca familiar o sacar notas nuevas de su guitarra o pasear junto al río... Por Madrid viene poco, casi siempre a catas de expertos. Mis amigas no hacen más que ponderarle.

Hace poco pasé por Aranda de Duero. He pasado muchas veces por Aranda de Duero, pero sin saber que allí vivía Porfirio Alvarado. La última vez que pasé por allí iba con mi marido y la niña. Habíamos quedado para pasar unos días juntos en la playa de Santander con unos amigos que ahora viven en Zaragoza. Como casi siempre íbamos apurados de tiempo pero yo me empeñé en parar. Se lo advertí a mi marido nada más pasar el puerto de Somosierra. Protestó porque no le gusta parar y mucho menos meterse en el interior de los cascos de los pueblos, que no entiende que si hemos salido hace una hora de casa, una hora tan sólo, que no entiende que ya pueda tener necesidad y que además había cafeterías al pie de la autovía si es que la urgencia era verdaderamente inaplazable. Pero me empeñé como yo sé empeñarme y no tuvo más remedio que tomar el desvío de la autovía y parar en Aranda de Duero. No le iba a decir que quería ver a Porfirio Alvarado, a un tipo al que ni siquiera conocía. Y entramos a tomar un café en una lujosa cafetería del centro y yo miraba a los hombres que estaban acodados en la barra, pero ninguno de aquellos hombres tenía aspecto de ser Porfirio Alvarado. Y aunque mi marido estaba irritado y decía, venga, apura ya, yo retardaba la toma diciendo, pero cómo has podido acabarlo, si está quemando, quemando. Y todo, para estar un minuto más, un minuto tan sólo a ver si en ese minuto se producía el milagro y entraba por la puerta Porfirio Alvarado.

Estaba segura que, de haber entrado por la puerta lo habría adivinado porque a esos hombres se les conoce a la legua, tienen un aura, un no se qué y además, no creo que haya en Aranda dos tipos como él. Pero como pasaba el tiempo y no venía, apuré la taza y salimos para que la irritación de mi marido no creciera más.

Luego, durante todo el trayecto, no hizo más que protestar malhumorado, pero mientras él protestaba yo pensé que, de haber realizado el viaje sola, habría parado en Aranda pero no para verle casualmente, sino para buscar a aquel hombre de tantas virtudes que mis amigas encomiaban, quería verle de cerca y saber si era cierta la historia que nos contó Queti, una historia que a mí me habría gustado contar a mi marido, pero que él no entendería, porque sólo unos pocos hombres entienden de estas cosas.

Queti es de Aranda, por eso sabe tantos detalles sobre la vida de Porfirio Alvarado; además, Queti era amiga de Belinda Abad, la novia de Porfirio Alvarado. Bueno, eso dice ella, pero ya se sabe que todos somos amigos de los que han muerto, aunque cuando viven nos resultarían indiferentes. Además, habría que saber cómo hablaría Queti de Belinda y de Porfirio Alvarado en el supuesto de que los dos comieran perdices como en el final feliz de los cuentos. Habría que saberlo.

Pero Queti nos metió a Porfirio Alvarado en la cabeza. Nos lo metió tanto que Inés se fue un fin de semana con ella sólo para conocerlo. Yo también habría querido ir, pero mi marido...

Así que cuando al lunes siguiente llegaron al trabajo ya no era Queti la única que hablaba y hablaba, también Inés lo hacía, también ella ponderaba las virtudes de Porfirio Alvarado, ese hombre dotado y excepcional que, la verdad, nos tiene encandiladas a todas, incluso a mí que todavía no le conozco.

Pero es que yo ya me prendé de él el día que Queti nos relató el grado de su pasión. En la oficina siempre hay momentos en los que flojea el trabajo o el jefe se ha ido y en esos momentos nos damos a charlar. Aquel día hablábamos de cómo preferíamos a los hombres: que si jóvenes o maduros. Y todas dijimos que jóvenes. Pero Queti enseguida

rectificó porque le vino al pensamiento Porfirio Alvarado.

—¿Y quién es Porfirio Alvarado?

—Pues un hombre madurito —dijo ella—, porque andará con cerca de los cincuenta.

Como nosotras andábamos por los veintitantos, nos parecieron muchos años, cincuenta años casi.

—Pues yo lo prefiero a él antes que a uno de veinticinco —afirmó Queti.

—¿Pues qué tiene Porfirio Alvarado? —quisimos saber.

—Veréis, veréis lo que tiene: cuando él comenzó a salir con Belinda Abad todas decíamos, fíjate qué carcamal, casi cuarenta años; Belinda no tenía entonces más de veinte. En Aranda fue un escándalo. No se hablaba de otra cosa ¿Os imagináis? Pero enseguida nos percatamos que lo extraordinario en aquella relación no estaba en la diferencia de edad sino en la manera tan intensa de quererse, una manera que nos obligaba a recordar a Romeo y Julieta, una cosa así como de película, una pasión sin disimulos que se reafirmaba más, cuanto más impedimentos les ponían. Porque los padres de Belinda se opusieron escandalizados. Os lo podéis imaginar. Habían sido muy amigos. Me refiero a los padres de Belinda y a Porfirio Alvarado. Habían sido muy amigos en la infancia y no aceptaban que conquistara a su hija. Pero su hija ya estaba conquistada y ahí no había nada que hacer, nadie podía frenar ese volcán que la ardía en el pecho.

—¿Y cómo la conquistó?

—Para empezar no sé si fue ella quien lo conquistó a él o él quien la conquistó a ella. Aunque es muy posible que se tratara de un flechazo mutuo. Belinda era muy guapa; a los quince años todas las chicas de Aranda ya la imitábamos porque queríamos parecernos a ella. Y él, ya lo he dicho, es muy atractivo. No es que sea propiamente un hombre

guapo, es más bien un hombre exquisito, refinado, un hombre que sabe estar en cada momento, reparar en los detalles, decir la frase oportuna, animar una conversación. Por supuesto, había salido con muchas mujeres. Porque él es un hombre envidiado por los hombres, un hombre que hace soñar a las mujeres.

Parecía evidente que Queti estaba enamorada de Porfirio Alvarado, pero quizá como quien se enamora de un sueño inalcanzable. Por eso no la importó presentarle aquel fin de semana a Inés, porque sabía que después de Belinda Abad ninguna mujer podría ocupar su corazón, que todas las mujeres que vinieran después que ella serían un puro relleno. Y es que a ese grado de intensidad es muy difícil llegar. Esa forma loca de quererse, cercana al escándalo, es lo que íntimamente más deseábamos nosotras: un hombre que te quiera sin disimulos, por encima de todas las cosas, desafiando las amenazas. Así es como Porfirio Alvarado quería a Belinda Abad. Incluso más allá de la muerte.

Porque lo que ocurrió entre ellos fue así y nadie pudo poner freno a dos corazones incendiados, tan sólo aquel coche que en el atardecer de un quince de octubre, con trasiego de vendimias y olor a mosto y melaza en el campo, se la llevó por delante. Un quince de octubre fatídico y un coche rabioso. Estaba sin construir la carretera de circunvalación; ellos venían de pasear por la orilla del río, subidos en la acera, pero el coche la invadió y se llevó por delante a la mujer más feliz de Aranda. Fue instantáneo, una muerte brutal. Porfirio gritó como un animal herido, desbordado por el dolor, enneguecido frente al cuerpo destrozado de Belinda, antes de que el juez viniera a levantar el cadáver que él abrazaba desolado, los guardias municipales avisaron a una ambulancia para que se lo llevara, porque tanto

dolor les parecía sobrehumano. Lo tuvieron hospitalizado tres días, adormecido con sedantes hasta que los médicos consideraron que ya estaba bien, que ya habría amortiguado su dolor y que era la hora de enfrentarse a la vida con toda su crudeza.

Pasó un día en su casa, medio sonámbulo, hasta que las fotografías activaron los resortes de la memoria y de nuevo pensó en Belinda Abad y sintió su vacío. Era por la noche. Fue a casa de un amigo, propietario de unas bodegas.

—¿Estuviste en el entierro?

—Sí

—Entonces tienes que acompañarme.

El amigo no tuvo fuerzas para contrariarle.

—¿Dónde quieres ir?

—Al cementerio —dijo él lacónicamente—. En el coche grande.

En el garaje se proveyeron de cuerdas, azadón, pico y pala, siguiendo sus indicaciones.

—¿Qué piensas hacer? —le preguntó el bodeguero.

—Te lo puedes imaginar.

El bodeguero no podía negarse. Además de la amistad que los unía, la fama creciente de sus vinos se la debía en buena parte a los consejos reiterados de Porfirio Alvarado, a sus apreciaciones como experto.

Saltaron las tapias del cementerio en una noche de luna menguante y cavaron la tierra de la tumba recién removida hasta alcanzar el féretro. Los dos amigos sudorosos se miraban como extraños en medio de aquel campo sembrado de cruces.

—¿Y ahora? —preguntó temblando el bodeguero.

—Sacaremos el cuerpo de la caja y volveremos a rellenar la tumba.

—¿Qué piensas hacer con el cadáver?

—Lo llevaremos a tu bodega —comentó con aplomo.

—No puede ser —dijo sin convicción.

—No queda más remedio.

Aquello era una locura. El amigo lo sabía, pero se encontraba maniatado.

Volviéron a traspasar las tapias, ahora con el cadáver de Belinda que trabajosamente auparon. Luego lo envolvieron en una manta y lo metieron en el coche. Cruzaron las calles camino de la bodega, situada en el otro extremo del pueblo. Allí las grandes cubas y tinos ya borbotaban.

—Quiero que apartes ésta para mí —le señaló una cuba de tamaño medio en la que fermentaba el mosto.

—Está bien —accedió impotente el bodeguero.

—Ahora, ayúdame a meterla.

El bodeguero no pudo ocultar su repugnancia al manipular el cadáver. Sacaron antes un poco mosto para que no se derramara al introducir el cuerpo y luego, entre los dos, depositaron el cadáver de Belinda a través de la boca.

Una cuba de mosto en fermentación puede hacer desaparecer el cuerpo de una vaca sin dejar restos de un sólo hueso, cuanto más el de una muchacha como Belinda.

Porfirio Alvarado vigiló la cocción. Realizó los trasvases, hizo las catas pertinentes, depositó el vino en tres cubas de roble más pequeñas durante diez meses y finalmente lo embotelló.

Porfirio Alvarado es un hombre generoso, acostumbrado a compartir. Pero aquel vino no lo compartió con nadie.

—¿Se volvió egoísta?

—No, en absoluto. Pasó unos años amurriado, un poco taciturno, pero con el tiempo se fue sobreponiendo y ahora es el mismo de antes, hasta parece más atractivo, pero las botellas, apiladas en la bodega de su casa sólo las descorcha para beberlas en solitario. A Belinda Abad no la comparte con nadie. La sigue queriendo y bebiendo después de muerta. ¿No es maravilloso?

—Parece un poco macabro.

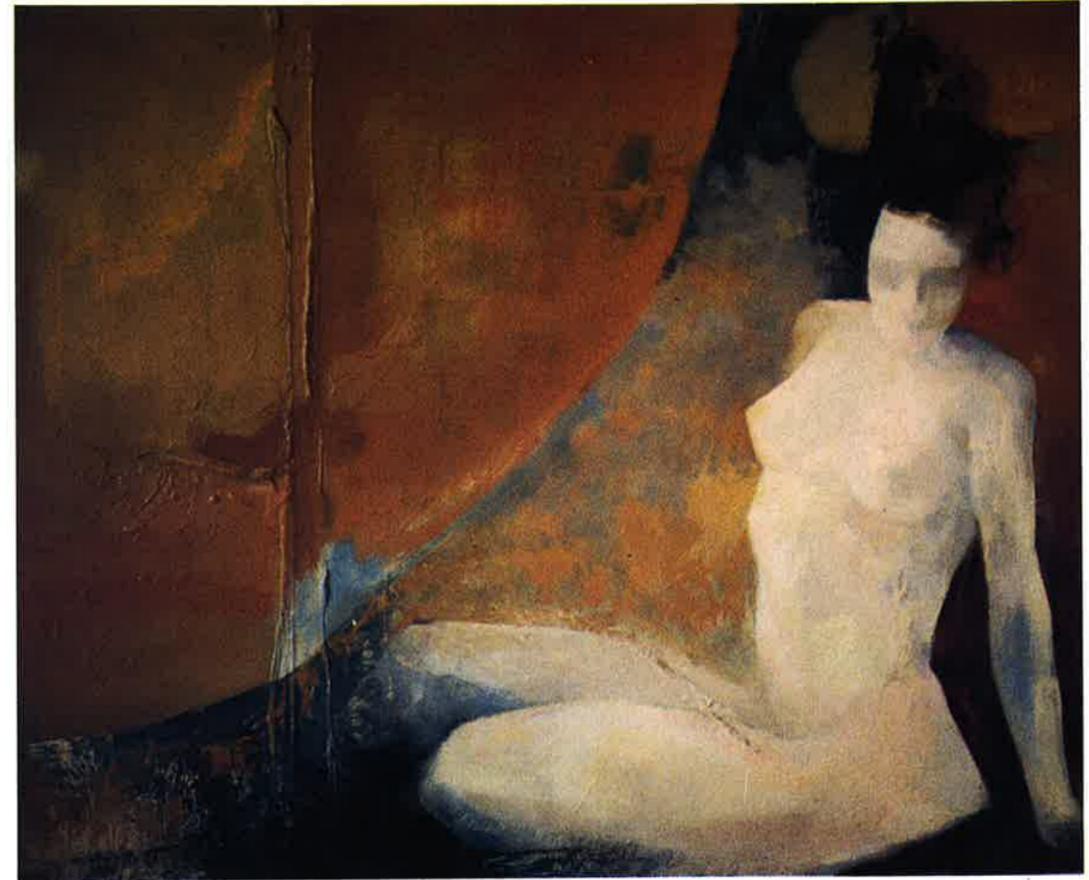
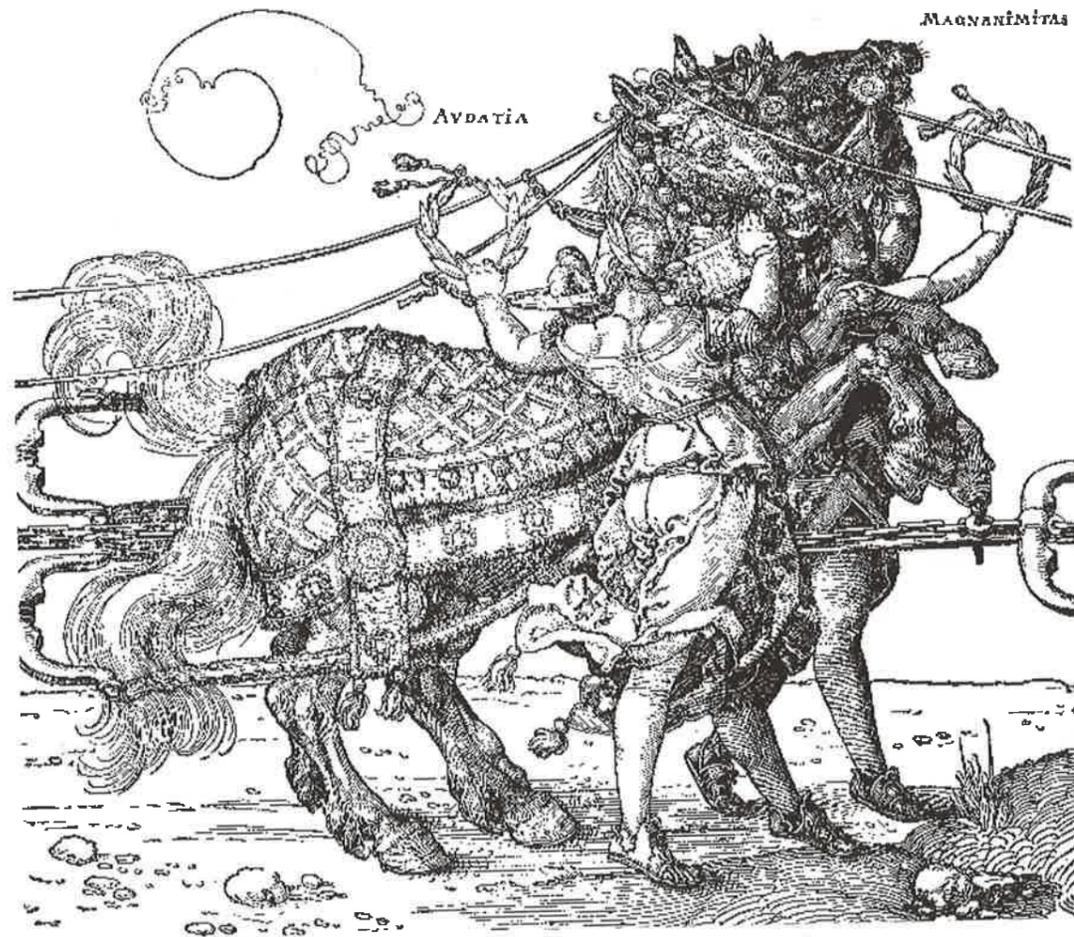
—Sí, en principio puede resultar un poco macabro. Lo admito. Siempre que la muerte está por medio ocurre eso, pero lo que hizo Porfirio fue combatir a la muerte, atenuar su vacío, prolongar la vida de Belinda a través del vino. ¿Os habéis encontrado alguna vez con un hombre que os haya querido como Porfirio quiso a Belinda?

—Pues no —aceptamos Inés y yo.

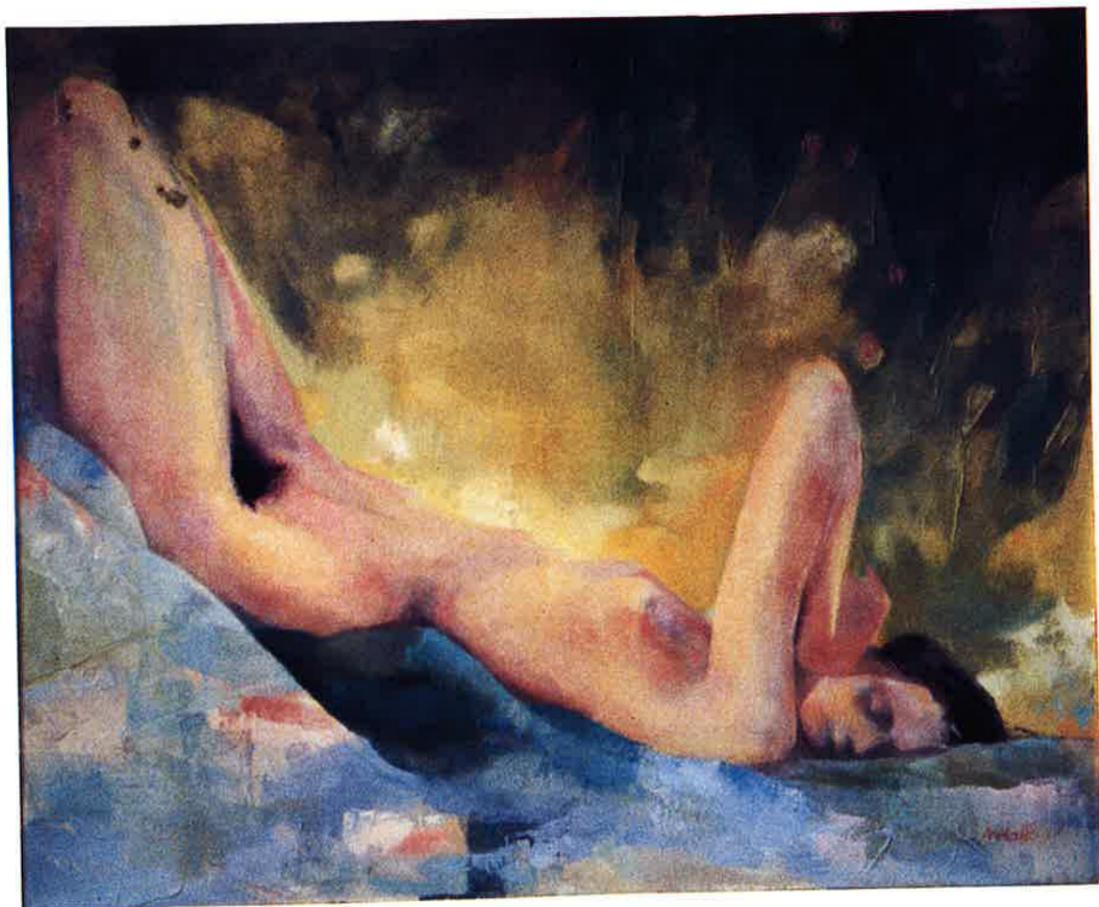
—Eso es lo que más envidio en una mujer.

Recapitando, en medio de la desgracia, claro que nos pareció maravilloso. Vivimos en un mundo vulgar, carente de verdaderas emociones, casi degradado. Así que, forzosamente, nos parecían maravillosos los amores de Belinda Abad y Porfirio Alvarado. Pero todo esto no se lo iba a contar a mi marido, precisamente a él que pisaba el acelerador camino de Santander, con la niña detrás, maldiciendo contra los caprichos estúpidos y la insolencia irracional de todas las mujeres.

Ignacio Sanz. *Lastros de Cuéllar* (Segovia), 1953. Autor, entre otros libros de Castilla, *llagelada y muda* (poesía), *Agapito, pito, pito* (cuento), *Hoces del Duratón* (viajes), *Noches de enigmas* (novela), *Un trabajo de campo* (relatos), *Zaragüel* (relato). Ha escrito, además, una decena de libros sobre etnografía y folclore. Vive en Segovia, donde anima «La Tertulia de los Martes». Ha sido director literario de «Faro Joven. Literatura y compromiso», celebrado en febrero de 1993 en la sede europea del Centro Eurolatinoamericano de la Juventud.



ANA GULLÓN
INTERIOR 1992
Óleo sobre tabla 60x90cm.



ANA GULLÓN
EXTERIOR 1992
Óleo sobre lienzo 130 X 96 cm.

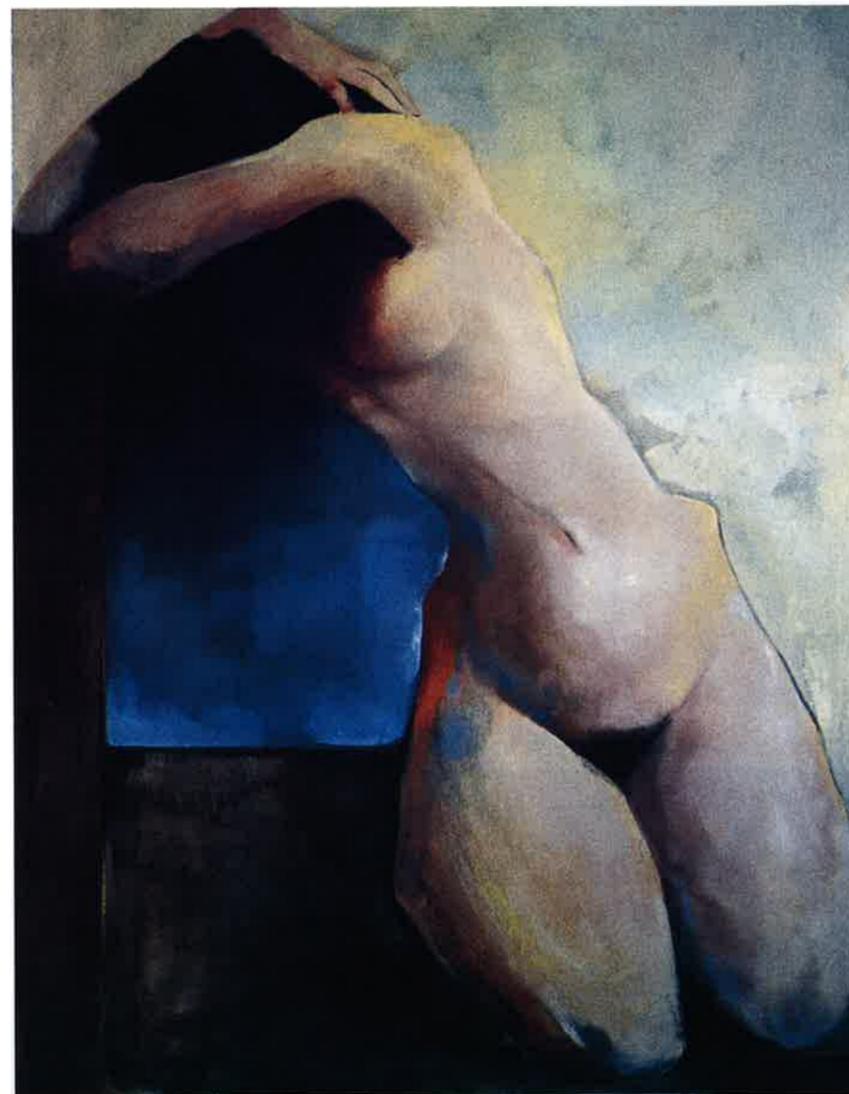
Ana Gullón. Pintora gallega formada en Madrid, Ana Gullón hace una pintura de calidad apoyada en el mundo figurativo en cuanto que pinta seres identificables, cuerpos, ojos, manos y circunstancias posibles. Un arte figurativo el suyo en el cual, tras las formas sencillas y elegantes que lo recubren elaboradas con rigor y honradez, se encuentra un trasfondo pleno de emotividad expresado con una pintura evidentemente por sí misma, clara y bella: algo íntimo, personal concede a las pinturas y dibujos de esta joven artista un especial carácter, creando un clima de sensitiva soledad que atrae e impresiona a un tiempo.

La figura humana, con preferencia femenina, está presente en casi todas sus obras: figuras estilizadas, con formas bien modeladas y volúmenes delimitados están compuestas por superficies dotadas de múltiples vibraciones cromáticas de exquisita sensibilidad inmersas en un espacio que les es propio y con el que se funden por análogas vibraciones de color que proporcionan a su formas y a sus figuras, con independencia de la escena representada, una expresión dramática, dolorida que parece querer transmitirnos.

Posee una paleta vigorosa, una materia rica y una forma de decir con texturas y pinceladas de la mejor calidad y fuerza, con grandes aciertos en el juego de luces y sombras que proporcionan a las formas una singular belleza. Su entonación evita los contrastes cromáticos fuertes y sus cuerpos parecen envueltos en una neblina cálida.

Esta pintora, Ana Gullón, cuando pinta parece disponer de esa magia especial que surge cuando coinciden la imaginación, la pericia manual y la gracia o intuición o lo que sea ese sexto sentido, que puesto al servicio de la belleza transforma todo en poesía. Hay poesía y hay auténtica pintura en Ana Gullón. Consciente de lo que quiere y con un firme propósito de confianza, de fe, esta joven artista gallega formada en Madrid, inicia su rumbo convencida de su verdad. Y esto es hermoso en tiempos de mimetismos y modas.

J. Piñeiro



ANA GULLÓN
DESNUDO 1994
Óleo sobre lienzo 130 X 95 cm.



ANA GULLÓN
DOLOR 1993
Óleo sobre lienzo
80 X 50 cm.



ANA GULLÓN
PAR 1993
Óleo sobre lienzo 80X50 cm

Francisco Márquez Villanueva

BRINDE A PORTUGAL

UM HISPANISTA de altas credenciais, nascido no coração da Jugoslávia, falava-me uma vez dos sentimentos de admiração imbuída de não pouca, mas muita inveja, que em sua consciência nacional despertava o destino histórico dos povos da península Ibérica:

—Nós, os homens dos Balcãs, somente contamos como exemplo de um desperdício estéril de energias. O nosso mosaico de línguas, religiões e culturas serviram somente para nos lançarmos uns contra os outros, e unirmo-nos para nenhuma empresa colectiva de ordem superior. Não contribuimos para o mundo com outra coisa senão com a ideia de uma divisão suicida durante séculos. Não estivemos, sobretudo, à altura aglutinante de uma missão de resistência anti-islâmica, na qual nos coube ser vencidos e subjogados. A nossa vontade nacional nunca serviu senão para aprofundar a dor de nos vermos perpetuamente aos pés dos estrangeiros. E olhar depois o que souberam fazer esses castelhanos!

Creio que ainda melhor se deveria desviar um pouco para ocidente as palavras do meu bom colega: e que dizer do que conseguiram os portugueses? Um povo pouco numeroso e agarrado a uma minúscula franja de terras pobres, extremo de uma península que,

por sua vez, é o extremo do continente europeu. Mas esses homens são os mesmos que concluem rapidamente a sua Reconquista e, sobria e discretamente, forjam, contra todos os mitos do mundo antigo, um destino ecuménico ao abrir caminho pelos oceanos. E isto, para mais, não tanto à força só de braços nem de explosões de descontrolada energia, mas de inteligência e de tenacidade metodicamente mantida durante séculos.

Esses portugueses poderão falar alto na Europa e tratar por tu o mundo à chegada do Renascimento. Com excepção dos gregos, nunca um povo tão pequeno desenvolveu uma cultura tão grande nem permanente. Mais do que sobre conquistas materiais, por definição sempre efêmeras na História, o espírito lusitano cria para sempre uma grande língua num maravilhoso triângulo que liga três continentes. Língua que é uma vastíssima pátria para os espíritos e que permite a uma comunidade supranacional e multicultural andar de cabeça erguida pelo planeta. Magno instrumento de comunhão humana e não de domínio para ninguém sobre ninguém.

Uma língua (como também a espanhola) para unir povos de muitas cores, mas também para lhes dar voz comum e eterna com o rei D. Dinis,

Uma língua para unir povos de muitas cores

... nunca um povo tão pequeno desenvolveu uma cultura tão grande nem permanente

Língua que é uma vastíssima pátria para os espíritos

Portugal nunca
foi uma terra
violenta



Lope de Vega
reconheceu ter
"portuguesa a
alma"

Atravessar a
fronteira entre as
duas nações é
um dos maiores
choques culturais
que nisto nos
reserva a velha
Europa

Camões, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Pessoa. É fácil repetir aqui esse dito de que nunca se deveu tanto a tão poucos, mas há a tentação de acrescentar, desta vez, "e com tão pouco".

Embora talvez nisto nos equivoque-mos. Se não começaram com muito, os portugueses tiveram sempre o essencial, e em quantidades não certamente pequenas. Entre aqui a admiração, e até o orgulho fraterno, com que todo o espanhol deve olhar sempre para as dimensões, de novo oceânicas, do projecto nacional português. Proa perfeitamente apontada, sem desvio nem vacilação, ao longo de quase um milénio. Norte para o qual nenhum sacrifício jamais foi excessivo e perante o qual nem grandes nem pequenos nunca recuaram. Ideia que chega a ser louca, se se consideram os imperativos da geografia e da história, agora tornada viável por uma milagre de rigorosa vontade humana. Mas servida, também, com a maior sobriedade e discernimento. Nenhum português duvidou nunca em dar todo o seu sangue pela sua pátria. Talvez por isto se derramou muito pouco sangue na sua defesa, porque o

seu projecto nacional esteve no primeiro momento baseado na unanimidade e não em ódios nem em confrontos seculares. Portugal nunca foi uma terra violenta, nem sentiu, como a Espanha, uma vocação lutadora. O ritmo da sua história foi cauto e silencioso. Os seus homens e as suas mulheres, a sua música e a sua poesia são doces e melancólicos. Em certa ocasião, Lope de Vega reconheceu ter "portuguesa a alma", mas dizia isto, como sabemos, por ser inclinado às lágrimas. O projecto nacional português é sempre muito diferente do hispano-castelhano. Sobretudo, pode considerar-se o caso oposto ao dos vascos, sempre comprometidos com uma ousadia frenética e incapaz de dar nenhum maduro fruto político (a não ser em seu fecundo, mas não eterno matrimónio simbiótico com Castela).

Os resultados a longo prazo e distância são também muito diferentes. Frente à agitada, sangrenta história da América Hispânica, aí está o seu pulsar no ritmo distinto e sensato do Brasil, com as suas revoluções brancas e a sua ausência de tiranos (pelo menos de uma certa espécie). Assistia eu há uns



meses a um congresso em S. Paulo e não podia acreditar nos meus ouvidos quando a cerimónia de abertura começou com o hino nacional português, interpretado por um coro universitário. Em que lugar da América Hispânica se poderia dar um tão belo exemplo de maturidade nacional?

Não gostaria que estas breves considerações caíssem em nenhum dilúquio de jogos florais. Portugal é também a tristíssima história de uma nacionalidade mantida a um preço assustador na sua vontade de não se entender com a Espanha. Não deixa de haver culpas imperdoáveis de ambas as partes. Aí está, se não, esse Portugal restaurado que se lança semicolonialmente aos pés da Inglaterra em troca de uma garantia contra a Espanha. Para mim, a maior ocasião perdida da história espanhola deve-se a Filipe II, por não estabelecer alguma forma de corte permanente em Lisboa. Não o digo, está claro, por nenhuma nostalgia anexionista, pois concedo à língua e ao ser de Portugal uma capacidade de perduração a toda a prova. Sim, em troca, pela diferente personalidade que teria adquirido uma

monarquia assente numa grande e bela cidade comercial, aberta aos mares e a todos os ventos do mundo, por contraste com a mesquinhez e onfaloscopia do secular enquistamento de Madrid. Os espanhóis e os portugueses não precisam de viver sob uma mesma bandeira para não se considerarem estrangeiros. Somos irmãos, mas não gémeos. Atravessar a fronteira entre as duas nações é um dos maiores choques culturais que nisto nos reserva a velha Europa. A terra e a paisagem são idênticas. As manifestações da acção humana (língua, vestuário, alimentação, habitação) mudam de maneira brutal. Até a contagiosa e assimiladora Andaluzia morre na margem esquerda do Guadiana e perfila-se como uma visão das *Mil e uma Noites* a partir das taciturnas, terrosas agrupações humanas da margem direita. Portugal é o maior desmentido à teoria do meio ambiente como origem ou determinante da modalidade cultural. A grande experiência lusitana está aí para demonstrar que os povos não são devidos à geografia nem ao factor económico, mas a uma vontade de ser de raízes afectivas.

Portugal é também a tristíssima história de uma nacionalidade mantida a um preço assustador na sua vontade de não se entender com a Espanha

A incapacidade de Madrid para conceber a nossa vida nacional como a de um mosaico de povos sob um destino comum não pôde animar senão os instintos mais elementares do outro lado da fronteira.

Não creio que nenhum português sensato possa crer seriamente em nenhum tipo de ameaça espanhola. O absurdo é que, por inércia secular ou seja pelo que for, muitos deles continuem, por vezes, a actuar como se isso acontecesse

Mentiria se afirmasse aqui que os meus interesses profissionais na língua e cultura de Portugal me converteram de algum modo num dos seus filhos. A identidade portuguesa é uma das mais impenetráveis para quem não a tenha absorvido biologicamente. A aproximação por via do estudo reafirma em outro sentido a condição de se ser estrangeiro. O que acontece é que o caso do português não difiere essencialmente daquilo que nós, os espanhóis, sentimos em relação a outras comunidades humanas com as quais convivemos dentro das nossas próprias fronteiras políticas. O espanhol e o português são modalidades de um ser histórico (ou realização do humano na história) que, por sua vez, não se confunde com nenhum outro. E tem sido também (diga-se com respeito) algo muito diferente e melhor que o de uma Suíça. Olho para Portugal do mesmo modo que o faço para a Catalunha, o País Vasco ou a Galiza, com os quais nem linguística nem humanamente posso identificar-me, pretensão tão impossível como o é para os catalães, os vascos e os galegos o fingir-se ou presumir-se andaluzes. O claro reconhecimento deste facto natural deve ser uma imposição de mera sensatez para todo o habitante responsável da península Ibérica. Não há nisso nada de humilhante nem de lamentável, mas, pelo contrário, uma perspectiva de oportunidades para o mútuo enriquecimento e não indissolivelmente ligadas a um determinado tipo de formulação política (que é um outro tipo de problema *a posteriori* e não ao contrário). Temos de nos abrir

a outro tipo de primária "unidade", que é a de não nos podermos sentir alheios, assim como a de cooperar para um bem-estar colectivo, que se tornaria impossível numa península ainda mais esfaqueada por fronteiras e bandeiras em afastamento ou em luta. Isto é: aproximada de um triste destino balcânico, rumo ao qual paradoxalmente nos conduz o mito da "unidade nacional", de acordo com a lavagem ao cérebro a que os espanhóis são submetidos na escola primária e que raras vezes corrigem na universidade. E no caso de Portugal há também, sem dúvida, um longo capítulo de culpas atribuíveis a ambas as partes que seria desonesto escamotear. Reconheçamos até que talvez mais fortes do nosso lado de espanhóis, precisamente porque fomos mais fortes e deveríamos ter assumido o nosso papel de "grande potência" peninsular de uma perspectiva mais responsável, que é o mesmo que dizer mais generosa. E, além disto, —como poderá Portugal olhar Espanha mais que com receio? Como dialogar com uns Bourbons empenhados desde o primeiro momento numa centralização contra o curso do ser histórico de uma amálgama de reinos? Depois, a madrilinearização a todo o custo e a moralidade de fábula dos problemas nunca resolvidos do País Vasco, da Catalunha e da Galiza tem mesmo que ser bem aprendida pelos nossos vizinhos. A incapacidade de Madrid (fundada sobre um dogma de castelhanismo inquisitorial) para conceber a nossa vida nacional como a de um mosaico de povos sob um destino comum não

pode animar senão os instintos mais elementarmente paranóicos do outro lado da fronteira.

Portugal teme a Espanha e esta paga-lhe ignorando-o. Dos dois lados da fronteira vive-se de maus gracejos de estereótipos (a ostentação portuguesa, a agressividade espanhola). Poder-se-ia escrever pelos dois países um longo catálogo de mesquinices ridículas, que é preferível calar. Fique bem claro que o problema que lamentamos aqui não é, de modo algum, de natureza política, pois ninguém põe em dúvida a independência nem a integridade nacional portuguesa. Não creio que nenhum português sensato possa crer seriamente em nenhum tipo de ameaça espanhola. O absurdo é que, por inércia secular, ou seja pelo que for, muitos deles continuem, por vezes, a actuar como se isso acontecesse. Pela nossa parte, deveríamos aceitar *a priori* que qualquer debilidade da identidade portuguesa seria sempre uma grande perda para a "Espanha". Embora não seja uma atitude difundida (porque o conceito de Portugal é sobretudo um vazio), não vejo que essa convicção suscite dificuldades nem traga consigo qualquer espécie de problema para nenhum espanhol inteligente.

O lamentável aqui é o voltar as costas como fruto de uma incompreensão histórica, a começar pelo mútuo desinteresse em línguas que deveriam ver-se, para efeitos práticos, como uma única, e que mutuamente deveríamos olhar com carinho. Senti-me incomodado quando uma distinta personalidade política lusitana se dirigiu a mim em

inglês, quando nos poderíamos entender perfeitamente sem cada um de nós renunciar à sua língua materna. Não digamos depois as infinitas oportunidades de colaboração desperdiçadas em todos os aspectos. Nem a falta de comunicações fáceis: ir hoje de Sevilha a Lisboa sem passar por Madrid é toda uma odisséia (funcionou outrora um voo semanal e teve de suprimir-se por falta de passageiros). A lamentável carência, sobretudo, de relações humanas. Costumo repetir, sempre que encontro quem sobre isto me escute, que todo o espanhol consciente deveria ter pelo menos um bom amigo em Portugal. Digo-o porque sei, ao mesmo tempo, que isto não é nada fácil nem costuma acontecer de um modo espontâneo. E talvez nisto sejam ainda mais de censu-

Todo espanhol consciente deveria ter pelo menos um bom amigo em Portugal.



Os dias das fronteiras estão contados e neste momento estas encontram-se quase abolidas.

rar os nossos vizinhos, demasiado inclinados a, por vezes, desfazer-se em amabilidades con algum súbdito britânico ou francês.

Mas já sabemos também que se faz o caminho ao andar. A perda do império colonial português e a inclusão de toda a península na Comunidade Europeia fecham neste aspecto uma etapa de séculos.

Os dias das fronteiras estão contados e neste momento estas encontram-se quase abolidas. O soldadinho que ainda está de guarda num forte (?) do século XVIII, frente à fronteira espanhola, poderá em breve, encontrar outra ocupação mais proveitosa. O mesmo acontece também com o “guarda civil” que, do outro lado da raia, faz vista grossa diante do viajante com o seu embrulho de café. A integração das respectivas (muito parecidas) economias apresenta-se como um facto inexorável. Claro que a oportunidade que na verdade conta não é a de nenhuma fusão nem absorção mútua, mas a de um melhor, íntimo conhecimento na respectiva capacidade de distintos cursos dentro do destino hispânico. Ou, se a alguém lhe parece mal, ibérico, pois não vamos guerrear

nisto por uma questão de palavras (o envenenamento dos signos que deveriam aproximar-nos é nisto muito perigoso). O decisivo terreno de encontro não é senão o do pensamento, da arte e da cultura. Quase tudo está aqui por fazer e a tarefa não pode ser mais grata nem mais proveitosa. Por isto, a responsabilidade cai em cheio sobre os homens do nosso ofício, muito mais que sobre os políticos, militares e banqueiros. Daí a necessidade, ao mesmo tempo, de esclarecer alguns conceitos e de recordar certas coisas esquecidas de tão velhas. Talvez, também, de aprender outras não já por serem difíceis, mas porque nunca se quis aprendê-las. Não sejamos mesquinhos na nossa admiração por Portugal. Que os nossos irmãos saibam que são por nós amados e admirados e que não há nenhum obstáculo para nos entendermos, como nunca deveríamos ter deixado de fazer. Vivemos um claro momento de optimismo, em que é preciso abrir as mentes antes de abrímos os braços. E no qual, na minha responsabilidade como espanhol, proponho, ditoso, o meu brinde por Portugal.

Tradução de José Bento

Francisco Márquez Villanueva, uno de los hispanistas más prestigiosos de la actualidad, nació en Sevilla en 1931 y es profesor de la Universidad de Harvard, en la que ocupa la cátedra Arthur Kingsley Porter desde 1990. Ha publicado los siguientes libros: *Investigaciones sobre Juan Alvarez Gato. Contribución al conocimiento de la literatura castellana del siglo XV* (1960), *Espiritualidad y literatura en el siglo XVI* (1968), *Fuentes literarias cervantinas* (1973), *Personajes y temas del Quijote* (1975), *Selecciones de literatura medieval* (1977), *Lope: vida y valores* (1988), *La estirpe mironiana* (1989), *El problema morisco (Desde otras lecturas)* (1991), *Orígenes y sociología del tema celestinesco* (1992). Márquez Villanueva es autor igualmente de numerosos artículos que se ocupan de los más variados aspectos de la literatura y la historia españolas. El lector interesado podrá encontrar en el número 137 de la revista *Amíbar* (Octubre de 1992) una amplia documentación sobre la obra del hispanista. El texto que aquí presentamos aparece en portugués por expreso deseo del autor. Fue escrito, como se deduce de la lectura, antes de la unión aduanera entre España y Portugal.

AGUSTINA BESSA-LUIS

Nasceu em Vila Meã — Amarante, em 1922, e vive no Porto.

Ainda que o texto inédito que aqui publicamos seja mais do domínio do ensaístico do que do ficcional, é no campo da narrativa que Agustina ocupa, hoje, e desde há muito já, um lugar cimeiro na literatura portuguesa contemporânea. Descendente de antigas famílias de Entre Douro e Minho (é filha de uma “castellana vieja”, de entre Zamora e Salamanca), Agustina pertence a essa mesma estirpe de escritores que —com um olhar que vem desse Portugal telúrico do Norte, como Comilo e Pascoaes, outrora, e Miguel Torga ainda hoje— observam e reconstroem um Portugal que foi ou que vai sendo. Através de romances, de contos ou de crónicas que exibem as inconfundíveis marcas da sua autoria, nunca assimilável a modas ou modos literários datados.

Tendo publicado a sua primeira novela em 1948 (*Mundo Fechado*), seguida de um romance e de um excelente livro de contos (*Contos Impopulares*) foi com o belíssimo romance *A Sibila* (1954) que, logo, a Agustina se lhe reconheceu na literatura portuguesa contemporânea o lugar único que até hoje tem sabido manter e consolidar. Foram, sem dúvida, a qualidade e a diferença da sua escrita que levaram o crítico lúcido que foi António José Saraiva a afirmar que “Agustina é, depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português, e será reconhecida quando, com a distância, se puder medir toda a sua estatura, como a contribuição mais original da prosa portuguesa para a literatura mundial, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa”.

Desde então publicou cerca de quarenta livros —novelas, biografias, memórias, crónicas e ainda peças de teatro— dos quais é difícil destacar uns sem injustamente calar os outros. Desde *Os Incuráveis* (1956) até *Vale Abraão* (1991), os leitores de Agustina dificilmente esquecerão ou porão de lado nenhum dos seus títulos. Por que destacar, ao lado de todos os outros que escreveu, romances como *A Muralha* (1957), *As Pessoas Felizes* (1975), *O Mosteiro* (1980), *Os Meninos de Ouro e Adivinhas de Pedro e Inês* (1983), *A Monja de Lisboa* (1985), *A Corte do Norte* (1987) e *Eugénia e Silvina* (1988) ou os contos de *A Brusca* (1971) ou, das suas ímpares biografias, a de *Santo António* (1973), de *Florbela Espanca* (1979) ou de *Sebastião José, Biografia do Marquês de Pombal* (1981) ou as memórias de infância como as que nos dá em *Vento, Areia e Amoras Bravas* (1990) ?

Recebeu todos os grandes Prémios com que em Portugal se consagra o género narrativo desde o Prémio Delfim Guimarães, em 1953, até ao Grande Prémio de Novela e Romance da Associação Portuguesa de Escritores, em 1983, passando, entre outros, pelos Prémios Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, 1966 e 1977, o do Pen Club Português, 1980, e o D. Dinis, da Casa de Mateus, 1981. É Sócia da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras e membro titular da Académie Européenne des Sciences, des Arts et des Lettres, de Paris.

Finalmente, os seus romances *Fanny Owen* (1979) e *Vale Abraão* (1991) foram levados ao cinema por Manuel de Oliveira, o mais internacional dos cineastas portugueses, que com eles realizou dois dos seus filmes de maior êxito.

Tem traduzidos para espanhol: *La Sibila* (trad.: Isaac Alonso Estravis, Madrid, Ed. Alfaguara, 1981); *Cuentos Impopulares* (trad.: María Fernanda de Abreu e Jorge A. Andrade, Madrid, Alianza Ed., 1982); *Fanny Owen* (trad.: Basilio Losada, Barcelona, Grijalbo); *Dientes de Ratón* (trad.: Eduardo Naval, Madrid, Alfaguara, 1990); *Un Bicho de la Tierra* (trad.: Eduardo Naval, Barcelona, Anaya/Mario Muchnick, a salir el otoño, 1994).

Fernanda de Abreu

Agustina Bessa-Luis

A MULHER E O DESEJO

O TEMA que me foi proposto pode ser dramático ou sorridente, conforme o preço em que se estime e a discrição com que se interprete.

O que é o desejo das mulheres senão desconcerto da vontade? Ninguém melhor do que Shakespeare soube estimar as coisas da alma de que o corpo padece. Vejamos como ele começa um dos seus mais belos sonetos: "Seja qual for o teu desejo, tu tens a tua vontade, a vontade de ganhar e a vontade em demasia; sei demasiado bem que te contrario, indo assim juntar-me à tua doce vontade". O poeta joga com a palavra Vontade, que significa também o nome íntimo de William. E tudo resultaria ininteligível na tradução, se não se adivinhasse um conhecimento perfeito do desejo feminino, mais vontade do que luxúria, mais vaidade do que lascívia, mais usura do amor do que condição amorosa.

A vontade traduzida em desejo é, pois, segundo Shakespeare, uma transfiguração do poder. No homem, o desejo recebe o título de loucura. "É perjuro, assassino, sanguinário, vergonhoso, selvagem, excessivo, grosseiro, cruel e indigno de confiança", diz o poeta. E ele sabe de que trevas ele trata, de que inferno fala, de que dor assunta, de que sonho gasta. Mas a mulher, será que qualifica o desejo da mesma maneira?

Não é assim. O desejo feminino é

uma adulação do poder. Se analisarmos a obra literária de Quevedo, encontramos nele um azedume histórico no que se refere à mulher. Censura-a, ridiculariza-a, difama-a. Não creio que haja nas letras nobres mais genial vilão. E porque se afadiga em justificar mulheres quem soube ser homem tão brilhante? Ele conhecia-as, e uma culpa mais negra do que todas as outras que lhes possa atribuir, Quevedo lança aos ares da sua ira.

Uma mulher houve que ele mais se empenhou a hostilizar. Foi Santa Teresa de Ávila. Santa Teresa, promovida a competir com o Apóstolo Santiago no patronato de Espanha, mereceu a Quevedo uma diatribe que ainda hoje nos espanta por ser tão cruel e assanhada. "E não julgo que Teresa deva ser recusada como advogada, mas sim como patrona. Esse direito só se concede ao homem que professa a liberdade, como é Santiago e não Teresa." Isto são palavras duras demais para ter a ver com uma só mulher.

Significam uma punição dirigida ao sexo inteiro, e uma punição reforçada pelo génio que quanto mais seguro está da sua infalibilidade, mais culpado é dos efeitos maliciosos que tira daí.

O desejo na mulher direi que é um contrato natural com a natureza e menos sujeito à depravação da mente que comanda o imaginário do corpo. O homem faz do desejo uma aliança cons-



Ana Gullón

tante com a esperança que há em tudo o que desafia. O desejo, no homem, é um desafio, na mulher é um ritual cíclico.

Instaurou-se como uma obrigação emancipar a mulher, não só dos seus sofrimentos, o que é justo, mas do homem, o que é, em certos aspectos, ingrato. Nós vivemos numa época em que se dividem as opiniões para inventar pretextos de provocação. A verdade é menos interessante do que os efeitos da meia-verdade.

Em muitos aspectos os costumes derivam para a opressão, e as mulheres, como mais fracas, sofreram mais dessa opressão que, de resto, já foi mais leal do que a de hoje. Qual o interesse em manter a mulher dentro de parâmetros de submissão que vão variando conforme as civilizações? Sócrates tinha uma ideia da sociedade absolutamente avançada. Tratava-se duma república de cidadãos em que o dever de guardiões

era conferido tanto ao homem como à mulher. O casamento era abolido, e a mulher dispunha do seu corpo para, duma forma mais efêmera, acasalar com vários homens. Os filhos pertenceriam ao Estado, e a sociedade sem pais teria lugar séculos antes da nossa era. É evidente que Sócrates teria que pagar com a vida estas ideias que se estilhaçaram com o impacto da civilização judeo-cristã. A mulher não saía disso tudo maltratada, posto que o seu desejo não era afectado. Ela mantinha-se submissa, porque a condição erótica da sociedade assim o exigia. Que quero dizer com isto? Que o princípio do bem e do mal, do forte e do fraco, se baseia no impulso do acordo erótico presente em toda a forma de inteligência social.

Usamos aqui a palavra erótico no sentido de amoroso, que é o seu verdadeiro significado. Uma forma de paciência dos sentidos guia a mulher no caminho do desejo. O picante, que é a

"Seja qual for o teu desejo, tu tens a tua vontade, a vontade de ganhar e a vontade em demasia; sei demasiado bem que te contrario, indo assim juntar-me à tua doce vontade"

W. Shakespeare

A verdade é menos interessante do que os efeitos da meia-verdade

Uma forma de paciência dos sentidos guia a mulher no caminho do desejo

As mulheres mais belas do mundo, as mais sofisticadas mercê de plásticas, de treinos, de dietas, avançam na passerelle como figuras hieráticas e que não se destinam a exprimir o desejo

parte mais evidente do erotismo, deixou de se usar. O picante não está na moda, e a mais simples servente ou operária sabe que o extravagante tem mais direitos do que o picante. E que é mais persuasiva a injúria do que uma proposta velada. Por isso, não dou muita atenção a certos clamores, alguns engenhosos, quando se trata de reinventar o desejo. Este está em crise porque, estreitamente relacionado com a procriação, enfrenta a sua legalidade num mundo em ruptura com o crescimento demográfico. Homem e mulher tornam-se numa impostura se não personalizarem a sua imagem. Já não se trata do casal, mas de duas pessoas em busca duma nova compatibilidade.

Há demasiadas explicações sobre o desejo e o erotismo. Kierkegaard, que foi um conhecedor da mulher, disse que ser um fantoche ao serviço do inexplicável é uma coisa cómica e que, quando se pode compreender o que se faz, a tendência é para não o fazer.

Mas falemos do desejo feminino. Toda a crueldade que é imputada ao homem como comportamento machista, em muitos aspectos não passa duma deformação dum sentido inicial desse mesmo comportamento. Darei um exemplo: Montesquieu refere no *Espírito das Leis* os costumes dum país no Oriente onde as mulheres eram castradas. Esse costume existe ainda e constitui uma fraude da prática original. Castavam as jovens destinadas aos haréns, tendo em vista mantê-las formosas, posto que a maternidade e a prática sexual eram causa de envelhecimento precoce. Essa ideia, arraigada até parodiá-la um instinto de defesa, perdura ainda. E as mães das jovens que não são excisadas, mulheres ocidentalizadas, não deixam de temer pelas filhas que interrompem essa tradição. Tradição

corrompida porque as mulheres castradas não se destinavam a ter relações sexuais; eram um adorno das sociedades fechadas em que o serralho culminava o sentido da beleza e do luxo.

É de crer que o desejo da mulher não fosse considerado algo de subalterno mas, pelo contrário, uma fraqueza maravilhosa. A mulher preferia a beleza ao prazer, e não havia nenhuma espécie de abjeção em conservar-lhe a beleza em prejuízo do prazer.

As coisas não se modificaram tanto como se julga. Se assistirmos a um grande desfile de moda, podemos verificar as afinidades que ele tem com o harém. As mulheres mais belas do mundo, as mais sofisticadas mercê de plásticas, de treinos, de dietas, avançam na *passerelle* como figuras hieráticas e que não se destinam a exprimir o desejo. A moda é uma interdição do desejo. Mas estabelece na sociedade que a adopta, um diálogo que não é contrário ao amor, velha heresia capaz de banir o medo. A sensação de estar à moda desarticula o sentido da fatalidade humana e desperta as forças criativas do comum das pessoas. A vaidade, o narcisismo, em suma, todos sabemos, é um elemento civilizador.

Não é o desejo nas mulheres que causa apreensões, mas sim a sua vocação celibatária. Senão não se explicava a violenta oposição da Igreja tradicional à ordenação das mulheres. Não se trata do temor de rebaixar a dignidade sacerdotal, mas do mau exemplo duma castidade compulsiva. Já na Idade Média, para poder rivalizar com a tendência espiritual das mulheres, fortemente interessadas pelo discurso clerical, os homens inventaram o *amor cortês* como forma de sedução mais ambígua, em que o desejo era protegido por uma galanteria ética. O prazer é

inestético, e a mulher salvaguarda a sua aliança com o desejo através do fantasma da probabilidade do amor.

Devo dizer que considero menos ofensiva a proposta de degradação a que a mulher é exposta nos ecrãs do cinema, da televisão, nos livros e nos empregos, do que as razões da Igreja para não fazer mulheres sacerdotes. Não se trata duma visão antiquada. Trata-se duma divisa viril de apropriação do divino.

Não posso deixar de citar Santo Agostinho, cuja mãe moldou a sua história interior: "Este mandato pode estender-se às mulheres, com direito fraterno e não marital; por esse direito não há varão e mulher em Cristo. Porque elas têm também algo de viril com que podem superar os encantos femininos para seguir a Deus e dominar a concupiscência".

Temos que verificar também que o sentido puramente estético da vida conduz ao desespero. Pelo que o desejo e as suas grosseiras imagens servem de contraponto à sensibilidade que compromete a criação.

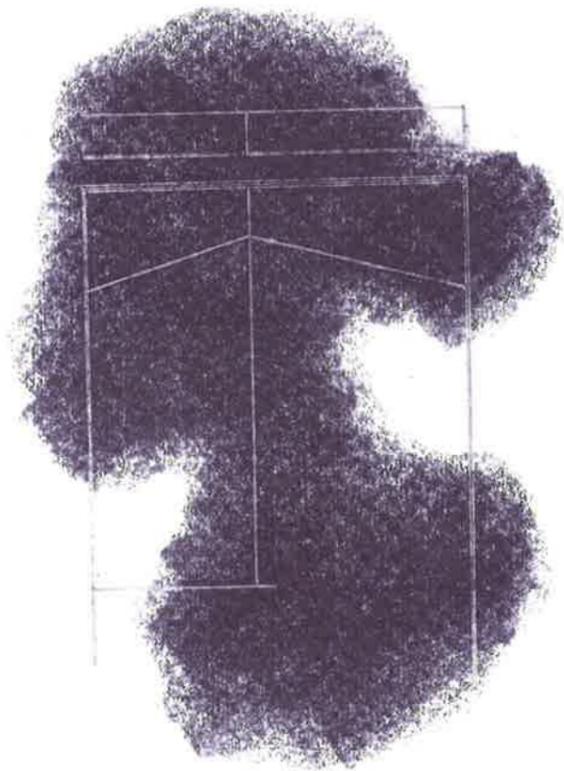
Santa Teresa de Ávila, uma letrada de excepção, senão única, desagradou a Quevedo, homem de desejo. Ele sabia que as mulheres não são criaturas de desejo. Insultava-as no vício e na virtude, porque sabia que elas não lhe consentiam uma igualdade de intenções, uma razão de facto, uma vizinhança de corpos até. Se há um sedutor para cada tipo de mulher, ele não o soube ser para nenhuma.

Houve tempo em que o homem inventou o amor cortês para não perder a intimidade das mulheres. Elas esta-

vam a ser atraídas pela formidável influência da Igreja que as recebia permitindo-lhes uma personalidade estável. As mulheres amam essa personalidade estável que Freud soube preservar nas suas relações com Marta, a mulher de toda a sua vida. Ler a correspondência de Freud com Marta é muito salutar neste mundo a abarrotar de esgotamentos nervosos e falsas ou reais confidências. Um dos seus clientes (Schönberg) causava-lhe grande preocupação. Um dia, a cunhada, vendo o doente cumprimentar uma senhora, disse: "O facto de ele ser outra vez bem educado com as mulheres é também um índice de melhoria". Freud não deixa de referir isto, que corresponde a uma personalidade venerável. As mulheres acham que é sinal de normalidade serem tratadas com cortesia. O desejo não lhes diz nada, comparado com uma palavra doce e conveniente. Isto não é uma síntese do comportamento dos homens e das mulheres. Mas sim uma certeza — o que não proíbe toda a espécie de averbamentos necessários à verdade.

Nietzsche, imoralista por definição, disse que não há nada mais contrário ao gosto do que o homem que deseja. É certo que o homem, nas suas acções, na sua bravura animal, mesmo perdido no labirinto dos sentidos, nos parece admirável e digno de encorajamento. Mas sabemos que o desejo é o seu lado mais anárquico e contrário à unidade do próprio homem. As mulheres reconhecem isso e desacreditam tanto o homem que deseja, como o que é desejável. Entretanto, é uma questão de gosto iludirmo-nos sobre o gosto. E sobre o desejo também.

Houve tempo em que o homem inventou o amor cortês para não perder a intimidade das mulheres



rosto/ventana 7/11/94 Toquín Escuder

Vera Felicidade de Almeida Campos

PAIXÃO E RAZÃO-VIVÊNCIA E SIGNIFICADO

Vera Felicidade de Almeida Campos é baiana, formada em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Iniciou seu trabalho inovador de psicoterapia gestaltista em 1968, no Rio de Janeiro, e, a partir de 1974, transferiu-se para Salvador. É autora de diversos livros: *Psicoterapia gestaltista - conceitualizações* (1973), *Mudança e psicoterapia gestaltista* (1978), *Individualidade, questionamento e psicoterapia gestaltista* (1983), *Relacionamento - trajetória do humano* (1988), *Terra e ouro são iguais (Percepção em psicoterapia gestaltista)* (1993). "Se a autora vivesse no Primeiro mundo, escrevia Paulo César Coutinho num artigo aparecido no *Globo* de 25-7-93 comentando este livro, sua obra já seria internacionalmente reconhecida como intervenção de gênio. Como vive na Bahia, totalmente integrada na teoria que criou, seus livros ainda são objeto de discussão de raros conhecedores"

TUDO que significa, significa alguma coisa para alguém. Não há significado, sentido, valor independente de malhas relacionais: linguagem, comunicação, cultura, civilização bem atestam isto. O único absoluto é o relativo.

O homem é ser no mundo, não podemos sequer falar do homem enquanto ele mesmo. Paradoxalmente toda vivência humana é sempre vivenciada como única; esta absolutização do relativo é que permite a percepção, o saber que sou eu, independente do outro que me estrutura, do mundo que me situa. Para a Gestalt Psychology a percepção sempre se dá enquanto processo de figura/fundo, embora o percebido seja sempre a figura; quando o fundo é percebido este já é figura, graças à reversibilidade perceptiva.

Perceber é vivenciar, quando percebemos/vivenciamos, coagulamos focamos; as relações estruturantes são absolutizadas, percebidas como únicas. (1) O saber, conhecer, o perceber assim configurado, ganha condição de fundamentante do ser —é o clássico: ser é perceber, ser é conhecer. Quando nos detemos nisso, distorcemos, entramos em um desvio ontológico, metafísico; não estamos falando do significado do ser, mas sim de suas vivências, daí que, saber que eu sou eu, nada significa; as vivências não significam, não situam, não explicam, desde que elas são o instantâneo absoluto não contextualizado, não categorizado —é o não incluído, pois que é integrado (2).

As vivências nada significam enquanto não existirem códigos, referenciais, símbolos —relações constituintes

que possibilitem significado. Este é o drama humano, tanto quanto sua magia, sua vara de condão para estabelecer seus relacionamentos e efetivar sua possibilidade de estar no mundo.

A instrumentalização (usamos de propósito 'vara de condão') das vivências tornam-as significativas (rápido, podemos pensar em todo o processo cultural, psicológico, filosófico, social, econômico do homem, do ser no mundo. É uma magia transformadora, é o acesso ao outro, ao mundo, a mim mesma. É o ajuste, é o desajuste. É a sobrevivência, é a realização de ser o mais evoluído animal da escala zoológica, é a criação dos símbolos, da linguagem etc). Ao instrumentalizar vivências realizamos mas não esgotamos possibilidades. A magia se constitui em drama à medida que insinua o temer esgotar e o não poder esgotar. As possibilidades se transformam em limite. Os significados existem. Diante do limite o ser humano se unifica ou se divide, vive o uno ou o múltiplo. Falaremos disso enfocando paixão e razão.

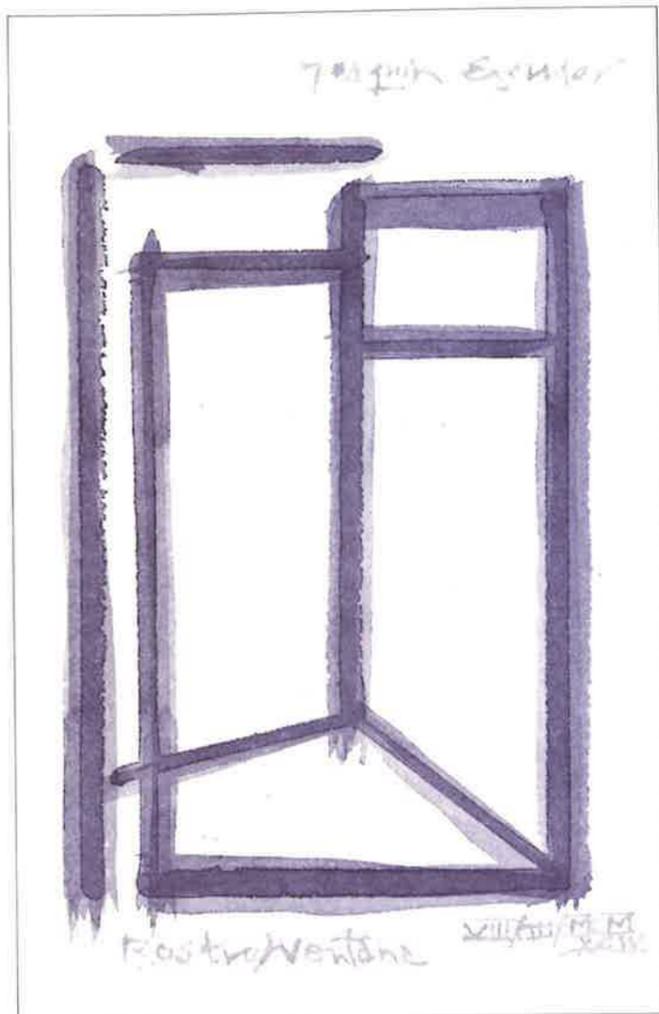
Para mim como psicoterapeuta, dizer que as vivências não têm significado, é possível pela globalização do humano.

Paixão é a percepção do único. É a vivência absolutizada. Quebrar o relativo é absolutizar, é deixar sem categorização o percebido, o vivenciado, neste sentido paixão é vivência. A vivência humana é sempre apaixonada, única, absolutizada; contextualizando-se é instrumentalizada, surgindo como desejo, ódio, ambição, compaixão, alegria, prazer etc —é toda gama emocional considerada característica do humano. A apreensão linear do humano como receptáculo de vivências é responsável pelas idéias de mundo interno, mundo externo, subjetivo, objetivo.

(1) Dizer que a vivência é única, falar dessa absolutização do relativo é se deter no presente. Toda vivência é única e como tal sem significado. A vivência do presente contextualizado no presente não significa pois o presente é o estruturante relacional do estar no mundo. Perceber o presente como estruturante relacional sem significado, possibilita apreender e globalizar o humano, sua essência como possibilidade de relacionamento. Podemos dizer que o presente não significando, é um vazio, e é exatamente a vivência disso, do presente, que humaniza o homem, possibilitando a não pregnância* de suas necessidades contingentes, biológicas e limitadas.

* Pregnância é a lei gestaltista da Boa Forma, da melhor direção.

(2) "incluído" pode ser significado como explicitado, posicionado, situado. 'Integrado' é o vivenciado, é a percepção não significativa;



A vivência apaixonada, a paixão quando instrumentalizada, quando transformada em varinha de condão é a cogitação do que vai suprir minha necessidade —é o desejo. A obsessão com que os toxicômanos buscam a droga revela este aspecto único, residual da vivência, da paixão.

O conceito de paixão como pathos, a idéia do estar submetido, passivo, do estar tomado por uma força estranha, é a idéia de paixão como destruidora da ordem, criadora da desordem; esta idéia revela um posicionamento, uma visão parcializada do homem e do mundo: de um lado o racional, o lógico, o objetivo; do outro lado o irracio-

nal, o 'instintivo', o subjetivo. No meio, esta areia movediça, abismal é que serve de campo para semeadura de idéias, obscurecedoras do humano; a busca de clareza através do emaranhado da complexidade humana ensejou as antinomias das visões excludentes.

A vivência sem significado, a vivência absolutizada é sempre paixão. É o estar tomado ou submetido. Quando esta vivência se relativiza, significando, quando adquire um sentido, temos a razão. É a força transformada em vetor, com direção e intensidade. A vivência direcionada é a motivação, é a ação categorizada, é a percepção percebida ou o que é comumente conhecido como conduta racional, é a razão.

A razão é a vestimenta da paixão. Nós, seres humanos, somos racionais por sermos apaixonados. É exatamente esse núcleo vivência-paixão que permite a psicologia comparada, a psicologia animal ou que, enfocado de outro modo, possibilitou a Lévi-Strauss a abolição da dicotomia entre pensamento mágico e pensamento científico. A psicoterapia busca uma uniformização (uniforme é também vestimenta) das paixões vistas como obsessões e desejos coercitivos, avassaladores.

Nossa razão, nosso raciocínio, enfim nossa categorização, nossas normas, são diagramas, arrumações das vivências, das paixões. Esta interferência ordenada é uma superposição causadora de desordens, mudança, relativização do absoluto vivencial.

A vivência de dor, de perda, de amor, os estados de consciência alterada dos êxtases místicos e das vivências de droga são incomunicáveis, sem significado enquanto vivência.

Vivenciar, apaixonar-se, sem configurar, sem categorizar, sem perceber a

paixão significativamente é o drama do humano, é o desespero, é a sobrevivência, é a angústia, a alegria, o prazer, é a sensação de finitude, de limite, é a realização das possibilidades do estar no mundo. A busca de realização, de resultados, é esvaziadora. Precisamos sempre instrumentalizar nossas possibilidades para satisfazer nossas necessidades, conseguindo assim uma pontualização absurda, uma adaptação, um posicionamento (3).

Os significados resultam de nossos posicionamentos. Traçamos o caminho de posição em posição e isto passa a ser a linha definidora do estar no mundo; a paixão vira desejo, obsessão, loucura, desequilíbrio da razão, e a razão passa a ser

a explicação necessária, o símbolo redentor, o codificador, a grande metáfora. Cada vez temos mais canais e aquedutos, menos fontes e poços. Evitar exaustão de recursos obriga a toda uma significativa e bem construída rede de circulação para a vivência humana. É a massificação, a sobrevivência. Homens ordenados, racionais, sobrevivem, participam; loucos, drogados, desorganizados sucumbem às paixões mal administradas.

Fica a questão: colocando três pontos (fig. 1), arbitrariamente configurados em um plano e ligando-os por duas retas, temos apenas três possibilidades (fig.2) de ligação. Por que se escolhe uma delas? Acaso? Imposição contextual? Unilateralização apriorística?



Figura 1



Figura 2

(3) No livro "Terra e ouro são iguais — percepção em psicoterapia gestáltica", Vera Felicidade de Almeida Campos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993, conceitos e desenvolvimento dos temas da 'instrumentalização', do 'posicionamento' etc.

Luis Antonio de Villena

ROLAND BARTHES

DEL YO DE HIELO AL YO INCENDIADO

Cuando llegué a la Universidad en 1968 y un profesor de lingüística empezó a hablarnos del estructuralismo sentí miedo. Era una ciencia —se quería *ciencia*— desconocida y perturbadora. En ella parecían contar —como en la robótica— mucho más los engranajes, la precisión relojera, y los bloques que se insertan unos en otros, que las personas. Supe que Jean Paul Sartre había polemizado con los estructuralistas por esa causa, y me pareció entender que lo habían derrotado. Y empezaron a llegar los nombres de los brujos máximos: Claude Levi-Strauss, Michel Foucault, Roland Barthes, Lacan... Poco después de estos sólidos brujos llegaría la infantería ligera, tremendamente belicosa: Julia Kristeva, Marcelin Pleynet, Philippe Sollers. Les aseguro que estaba aterrorizado. Suponía que a partir del encuentro con los estructuralistas cuanto había hasta ahí aprendido, se volvería nada. Sin embargo la moda de aquella escuela fue tan notable y tan fuerte, que hubo que ponerse de codos sobre los libros. Leí de la Kristeva —ahora novelista de tintes demoníacos— un libro titulado en griego, del que solo recuerdo lo intrincado, lo cuesta arriba, lo laberíntico del tema. Después fui hacia Levi-Strauss cuyos *Tristes trópicos* me gustaron, salvo cuando tecnificaba en antropología, ciencia esencialmente estructuralista, de la que

yo ignoraba casi todo. Más adelante le tocó el turno a Marcelin Pleynet que se había atrevido a hacer un *Lautréamont par lui-meme*. Por supuesto: Pleynet llegaba a la conclusión de que daba igual quien fuese Lautréamont, ya que el texto de *Los cantos de Maldoror* era suficiente en sí mismo. Era la transgresión en sí. El avance de la escritura exenta. La fiereza del texto.

Bueno, ya llegamos al tema. Parecía que uno de los grandes hallazgos del estructuralismo era la muerte del yo. El yo —absurdo— se desvanecía en la escritura. En *Homero y la filología clásica* (1869) Nietzsche había tenido la primera idea luminosa del estructuralismo: «Todo pensamiento consciente no es posible más que con ayuda del lenguaje». O sea pensar es hablar. Y algo más tarde Paul Valéry —en 1920— en sus *Cahiers* tuvo la idea luminosa de que un día se podría escribir la historia de la literatura sin los nombres de los autores. La literatura era, pues, una sucesión de estilos, técnicas y metáforas; las íntimas voliciones de Unamuno o de Balzac carecían de importancia. Los estructuralistas se interesaron mucho en Nietzsche y en Valéry. Iban —como el título del libro de Gianni Vattimo, sobre Nietzsche y Heidegger— *más allá del sujeto*. Atareados en el estudio de las estructuras, del valor significativo del plano primero, distinto obviamente del tercero, buscan-

do la significación de lo que se nos impone, decretaron que si Dios había muerto, el yo había muerto también. De mí sé decir que me disgustaba profundamente ese frío, esa manta de gelidez e impersonalidad que todos trataban de volcar sobre la persona. Odié a Philippe Sollers (ahora novelista de sesgo tradicional) porque, en sus artículos de *Tel Quel*, se empecinaba y encarnizaba en la destrucción del yo, y me gustó Roland Barthes porque siguiendo la senda —parecía quedarse aparte. Era como si nadase y guardara la ropa, pero al mismo tiempo. Las obras críticas barthesianas —las de la primera época, las de su vinculación estructuralista o semiológica— parecen huir siempre del autor (convirtiendo al escritor en escritura) al tiempo que él, el ensayista, se llena de rúbricas típicamente autorales. Podríamos hablar de *El grado cero de la escritura*, pero voy a un bonito texto menor, *Proust y los nombres*, aparecido en 1967 en un homenaje a Román Jakobson y luego en *Nuevos ensayos* críticos. Investido del lenguaje de la nueva crítica, Barthes comienza el ensayo típica y (diríamos ya hoy) tópicamente: «Es sabido que *En busca del tiempo perdido* es la historia de una escritura». A partir de ahí —inteligentemente— el ensayo aclara como Proust escribe a partir de la razonada (y francesizada) invención de nombres propios, geográficos o familiares, que ponen en marcha el discurso que el Narrador se resistía a empezar. No faltan rasgos sémicos característicos de la crítica del momento: «El narrador se aplica sistemáticamente a explorar los signos que ha recibido y comprender de esta manera, en un solo movimiento, el mundo y el Libro, el Libro como mundo y el mundo como Libro». A partir de las propiedades evocadoras del nombre propio, el Narrador escri-

be. Apenas una alusión a Proust mismo. Prácticamente nada a su biografía.

¿Cómo negar que *En busca del tiempo perdido* es una novela brutalmente literaria y brutalmente biográfica? Quedándose con el lingüístico y cultural placer del texto y aludiendo a caracteres, tan verídicos, y tan magnificados como el valor de los nombres propios (Guermantes, Balbec, Doncières) que eliden al autor y su aventura humana. Y sin embargo, qué contención de estilo en Barthes, qué modo de firmar el artículo, qué gusto en que un yo (el del crítico) apareciese en el piélagos lleno de algas de la ausencia del autor: *El nacimiento de un libro que no conocemos pero cuyo anuncio es el libro mismo de Proust se representa, como un drama, en tres actos*. ¡Soberano crítico omnisciente, dominador del lenguaje y de la inteligencia! ¡Que hermosos —y fríos— *S/Z* o *Sade*, *Fourier*, *Loyola*! Entre los destructores del yo que me resultaban enemigos (pero no lo decía, no se podía decir) salvé sólo a Roland Barthes porque me parecía un enamorado secreto de ese yo asediado. Alguien que estaba a favor del estilo, y el estilo es una rubrica, algo que no puede prescindir del ego. ¿Pero es que, verdaderamente, el arte que es fruto —aunque no único— del yo, puede realizarse sin él? Habrá yo escondido, yo elidido, yo escindido, yo enmascarado, yo excusado, yo preterido (el que usaban, que no postulaban, los estructuralistas) y hasta yo flagelado, pero la “muerte del yo” es solamente un aspecto que asume el yo vivo. Y es que la moda del estructuralismo y de *Tel Quel* era una moda fría. La semiología trajo más calor, pero la leña tardó en volver a arder. Frío significa que el yo finge no estar. Que el yo se parapeta, y se juega a la humildad desde el orgullo. Hay un libro barthesiano particular-

La literatura era, pues, una sucesión de estilos, técnicas y metáforas

Las obras críticas barthesianas parecen huir siempre del autor

Suponía que a partir del encuentro con los estructuralistas cuanto había hasta ahí aprendido, se volvería nada

La semiología
trajo más calor,
pero la leña
tardó en volver
a arder

mente coqueto, que abre ya su última etapa: *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975). La portada es una serie de grafismos de colores, abstractos, que parecen ocultarlo todo. Barthes escribirá dentro: «La grafía para nada, o el signifi- ficante sin significado». Sin embargo las fotos del interior: ¡cuanto yo!, ¡cuanto significado! Bajo la foto de un adoles- cente, vestido, en la playa, lánguido, le- vemente amanerado, soñando en las otras miradas, escribe Barthes: *Nous, toujours nus...*

¿Es esa la muerte del yo?

Se me ocurre que más que esa muerte, Barthes soñó en un momento dado, con una escritura nueva, menos construida, basada en el fragmento y en el destello. Lo que le emparentaba tam- bién con otra literatura fría: la del *nou- veau roman*. Carlos Pujol ha dicho que esa empresa (Sarraute, Robbe-Grillet, Duras) era el suicidio de la novela. Pero Roland Barthes amaba el frío, era pudor- oso, tímido, más que probablemente alguien que había sufrido mucho, entre otras cosas, por inhibición. Una entrada de *Barthes por Barthes, La déesse H.* parece hoy cándida, floja, falsamente terri- ble. Me parece interesante y me permi- to traducirla: «La diosa H. El poder de júbilo de una perversión (se me ocu- rren las dos H: homosexualidad y haxix) es siempre subestimado. La Ley, la Doxa, la Ciencia no quieren com- prender que la perversión, simplemen- te "hace feliz"; o para precisar mejor, produce un excedente, soy más sensi- ble, más perceptivo, más locuaz, mejor distraído etc... y en esos "más" se aloja la diferencia (por lo tanto, el Texto de la vida, la vida como texto). Desde enton- ces es una diosa, un rostro invocable, una vía de intercesión.»

El texto, como siempre, es básica- mente brillante. Pero es curioso que —

hacia 1975— se llame *perversión* a la ho- mosexualidad y a fumar un canuto, cosas que ya por entonces la sociedad occidental consideraba normales. Veo en ese texto —y de modo dramático— la lucha entre el Barthes de la escritura helada (el crítico que desdeña al yo) y el Barthes que pugna por nacer a una escritura cálida, regada por los efluvios del yo mismo, del yo que se siente con- fortable. Fue Gide —no recuerdo si ci- tando a Wilde— el que observó: Amigo mío, nunca diga yo. Pero "yo" era lo que Barthes ansiaba exclamar. Alguna vez confesó que Genet había sido un autor muy importante en su vida, aun- que ello no se percibiese en su obra. En *La diosa H.* no sin un oculto, helado pa- tetismo, Barthes confiesa que es homo- sexual y que transgredir —aunque sea con un porro— era para él un arma de libertad. Barthes estuvo teóricamente del lado de los que consumaban la re- pensada destrucción de la novela: Pie- rre Guyotat en *Eden, Eden, Eden* o en *Prostitution*. Pero de haber vivido se hu- biese sentido más reconfortado con una resucitada, una traidora acaso, Margue- rite Duras en *L'Amant*.

Los autores de la muerte del yo — pese a que la semiología intentaba res- catarlo— tuvieron un logro que hizo furor, convertir el *texto* en género litera- rio.

Resultaba absurdo y viejo (el texto era una vanguardia) hablar de novela, ensayo o poesía. Lo que la escritura per- geñaba eran textos. Puedo traer al es- trado algunos recuerdos personales. Co- nocí a unos amigos que habían estudia- do en el College de France. Ellos me di- jeron —era en 1972— que mi primer libro de versos, *Sublime Solarium* (1971) pertenecía a una escritura superada. Si lo entendí bien el texto no habla de nada porque habla de todo. No necesita

referente porque se llena de connota- ción. El texto es lenguaje a florado, gozo en el magma, perfección de la palabra que destaca sola. En el texto no hay yo porque todo es —pero tampoco se dice— nosotros. Como cuando supe de la agresividad del estructuralismo res- pecto a la gramática tradicional, me asusté ante este texto que era sin ser, omnímodo y significaba por encima de las contingencias humanas. No sé si en un texto de Barthes o de Sollers leí que el nombre de un personaje sadiano, Lorsange, guardaba —como los nom- bres en Proust— la esencia de esa litera- tura: *L'or, sang, l'ange* (Oro, sangre, ángel). Decidí usar esa sugestión para hacer un texto. Helo aquí, nunca lo pu- bliqué. *L'OR, SANG, L'ANGE*:

«recogía la pura delicia de las uñas el acíbar que cae como algo dulce y el labio paladea no la brillantez del desnudo que permite decir lo que es el poema el ámbito tentador que rodea la letra como si en el labio pudiese desangrarse todo el cuerpo aluvión de flores que palpitan y lucen doradas como vida en bronce y pasaba el ritmo negro de los trenes si el deseo sangrase y fuese flor y el ojo contuvie- se toda la cadencia del perfume así la dulzura caída del ángel rodearía la cintura recogería como»

Por supuesto se comienza y se ter- mina sin solución de continuidad y no hay puntuación. Piénsese en Denis Roche. Yo no quería escribir así y soña- ba con decir las mismas cosas que soña- ba decir Barthes. Del *texto* (frío, extra- personal) me libró el poema, a menudo metapoético, de Wallace Stevens. Pero algo de este yo que quiere huir, escon- derse y no lo logra, quedó en mi segun- do libro poético, *El viaje a Bizancio*

(1976), cuya segunda edición recuerdo haberle regalado a Roland Barthes. El texto, palabra sagrada. Como tal tenía que ser saludado el libro barthesiano que —sin semejarlo— inicia la mudan- za: *Le plaisir du texte* (1973). Con este tí- tulo el texto y su parafernalia, su auto- nomía, su juego, llegaban al máximo. La palabra *placer* iba a ser la semilla de avena loca, el punto de calidez que des- haría el hielo. Entre los textos barthe- sianos el placer pulula como la flora suntuosa del agua: «El placer del texto es el momento en que mi cuerpo va a seguir sus propias ideas —pues mi cuer- po no tiene las mismas ideas que yo». Aunque en el libro de Barthes niega el biografismo (incluso en Genet y en Proust) ya sueña —en otro fragmento— «en une place de Tanger (décrivez par Severo Sarduy)»

Después de *Borroughs* todos sabe- mos lo que significa el *turismo sexual*, una de cuyas plazas contemporáneas fue Tánger. Aunque el libro lleva un significativo epígrafe de Hobbes: «la única pasión de mi vida ha sido el miedo», para esa época en Barthes las lianas del placer (textual) debían enla- zarse en su viajes a Marruecos con las del gozo (corporal). Su verdad estaba llegando.

En esa época —cuando leí *Le plaisir du texte*— Barthes era para mí algo así como el padre del texto, el sacerdote del texto, que nos daba lo nutricional de la comunión con la escritura y podía libe- rarnos de su hielo, de la supuesta geli- dez de un texto, sin progenitores, escri- tura innata o nonata solo. De ahí que no me sorprendiera el último libro im- portante de Roland Barthes: *Fragments d'un discours amoureux*. (1977). Aún res- sistiéndose, aún no queriendo, aún ha- ciendo fintas y guiños entre libros y au- tores, *Fragments* es un ensayo creativo

Soñaba con
decir las mismas
cosas que
soñaba decir
Barthes

El poder de
júbilo de una
perversión es
siempre
subestimado

Sea quien sea el que ama, un "yo" ama

—fragmento era una palabra prestigiosa de la escritura— que pugna por decir yo. Es un libro caliente, en el que el discurso amoroso (plural) oculta un singular: yo amo. Están claras las preguntas: «Je ne puis m'écrire. Quel est ce moi qui s'écrirait?». No quiero entrar en lo que considero un libro admirable, quizás el mejor de su autor, sino recordar el estado de indefinición e inmanencia que late en *Fragments de un discours amoroso* contra la muerte del yo. Sea quien sea el que ama, un "yo" ama. Estamos ante un ensayo que se llena de rasgos de estilo, de manierismos (caligrafías del yo) y de voliciones, apetitos, sugerencias, instintos. Un libro de contención y de ebullición de temas sofocadores. «Cuerpo: Todo pensamiento, toda emoción, todo interés suscitados en el sujeto amoroso por el cuerpo amado». Por aquel tiempo —antes— acuciado como Barthes (y sin olvidar el texto) había escrito en el poema *Monumento en honor de Lord Byron*: «Hablar del cuerpo. Derrocar el tabú de la mano que palpa. Del herboso confín del abrazo y la lengua...».

Aunque hubiese sido cruzando campo a través yo había llegado a familiarizarme con muchos aspectos del estructuralismo y de la crítica barthesiana (esa *nueva crítica*), pero el Barthes *du plaisir*, el que pugnaba por meter la vida en el recuadro de las estructuras, me parecía singularmente salvador. Y si Kristeva o Sollers se me figuraban nombres del tedio, Barthes comenzó a serme imagen nominal de la libertad (quería decir de la aspiración a la libertad). Por eso cuando en la primavera de 1978 fui a París, se me ocurrió ver a Barthes. Me parecía difícil, pero uno de mis amigos argentinos que habían estudiado con él en el College de France, me argumentó que no era nada arduo.

El tenía su teléfono particular —me lo daría— y le escribiría avisándole de la llegada de un joven escritor interesado. Yo tenía aún, en efecto, ventiséis años. Siempre me había parecido abusivo llamar a un famoso, incordiarle. Y estaba seguro de que la respuesta habría de ser negativa. Ya en París pensé lo que era una pequeña trampa (contaba con la benevolencia de José Luis Cano, entonces director de *Insula*) consistente en solicitarle a Barthes una entrevista para una conocida revista universitaria.

Telefoneé y una voz que me parecía conocida y serena me negó la entrevista. Tenía mucho que hacer, finalizaba el curso y era la hora de partir. Partir al sur. Me vi, me sorprendí —hablaba desde mi hotel— insistiendo. Yo también adoraba el sur, dije. Pero la entrevista sería muy breve. Apenas retrasaría *nuestro* viaje al sur. Sonreí y oí que él hacía lo propio. Me citó al día siguiente en su casa —rue Servandoni— creo que a las cinco. Cerca estaba la hermosa iglesia de Saint-Sulpice. Agarré mi ejemplar de *Fragments d'un discours amoureux* (que luego me firmó) y allá me fui. La entrada no era fácil, pues una *concierge* muy pulcra y muy francesa, cuando le preguntabas por el piso de M. Barthes inquiría y pedía detalles, para ver si su información y la tuya coincidían. Era una casa antigua, con escaleras de madera y subí andando. Barthes me abrió. Tenía el pelo bastante blanco (casi sesenta y tres años) y me hizo entrar. Lo que vi era una casa de profesor. Limpia, clara. Con un piano negro de pared, pocos libros —estarían en otra habitación— y un despacho de cara al muro, con muchos papeles. Llevaba jersey y una camisa sin corbata. Todo muy informal. Empezamos a hablar. Las preguntas y las respuestas —bastantes—

quedaron reflejadas en la entrevista que, meses después, publicó *Insula*. Yo conducía las preguntas hacia *el placer del texto*. Recuerdo una muy contundente respuesta de Barthes: «Mi deseo ahora es hacer una novela. Estoy cansado de crítica». La entrevista confirmó lo que yo sospechaba: el deslizamiento de Barthes hacia sí mismo. Su apetito de que saliese a luz el *homo ludens* que, desde su tuberculosis de niño, probablemente había quedado postergado. Pero más que la entrevista —verificable— prefero narrar lo que, sutilmente, iba pasando a medida que hablábamos. Era como si ante las frases, las reflexiones agudas de Barthes, fuese surgiendo una complicidad. Descubrió que yo estaba en su mismo camino, y se fue tornando —sin dejar de contestar a las preguntas— más afable, con sesgos que parecían —sólo parecían— íntimos. Cuando yo estaba dispuesto a irme y le daba las gracias por su cordialidad, me dijo: «Conoce "Le Palace". Sabía que era una de las discotecas de moda de París. No la conocía. Entonces sugirió con cierto aire lejano: «Venga con nosotros esta noche. Voy a ir con unos amigos. Toujours le plaisir. Se faire voyeur c'est un plaisir, aussi...» En *Le Palace*, Barthes —tratado deferentísimamente por los camareros y alguien que debía ser un encargado— parecía eufórico, hablaba con los jóvenes profesores que le acompañaban, y de cuando en cuando (junto a los espejos) señalaba a alguien que bailaba. Ese alguien solía tener el pelo largo, y caracteres de juventud masculina. Me pareció que Barthes había encontrado —tras largo andar— lo que el texto buscaba.

Cuando muchos años después se publicó *Incidents* (1987) terminó mi búsqueda, siete años después de su muerte, seriamente heridos el estructu-

ralismo y el texto como concepto autónomo. *Noches de París* es un diario (¿querría ser una novela?) con lances de sexualidad mercenaria. «Esta noche en el Palace», era lo que yo vi. Una de las que vi. «Confieso que soy incapaz de interesarme por la belleza de un lugar si no hay gente dentro (no me gustan los museos vacíos)». No, esto no suena a nueva crítica. «¿Le hubiera gustado a Proust? No lo sé: Ya no hay duquesas. Sin embargo, asomándome desde arriba a la platea del Palace, sacudido por rayos de colores y siluetas que bailan, adivinando a mi alrededor en lo oscuro de las gradas y de los palcos descubiertos un permanente vaivén de cuerpos jóvenes sumergidos en no sé qué circuitos, me parece encontrar otra vez en el Palace, traspasado a nuestros días, algo que leí en Proust.»

Mientras que *Incidentes* —lo más antiguo del conjunto— son fragmentos de un discurso marroquí y quizá el embrión de otra novela: «Visita de un muchacho desconocido, enviado por su compañero. ¿Quién eres? ¿A qué has venido? Cosas de la naturaleza. (Otro, en otra ocasión: ¡Cosas de la ternura!) // Driss A. no conoce la expresión "correrse": él habla de "la mierda". Cuidado, que sale la mierda: no hay nada más traumatizante.»

«Otro slaoui: (mojamé gimnástico) habla, conciso y exacto, de "eyacular": ¡Cuidado, voy a eyacular!».

¿Dónde estamos? Detengamos el girar de la cabeza. El probable estupor. Mi último recuerdo de Roland Barthes ocurrió días después de la noche en Le Palace. Yo salía del Café Flore. Y él estaba en la puerta. No recuerdo si a punto de entrar o esperando fuera. Me saludó con una sonrisa y no tuvo empacho en mostrarme un pequeño ramo de flores. Para alguien, que no ví. No podía recor-

«Mi deseo ahora es hacer una novela. Estoy cansado de crítica»

Telefoneé y una voz que me parecía conocida y serena me negó la entrevista

Me saludó con una sonrisa y no tuvo empacho en mostrarme un pequeño ramo de flores

dar los *Ensayos críticos* ni ¿Por dónde empezar? Los fragmentos del discurso amoroso se unían en su imán. El yo quemaba, encendido, brutalmente rojo.

Roland Barthes fue un crítico magnífico que escamoteó el yo. Y un hombre —que quiso volverse escritor, novelista— que tardó en conocer los deleites

que el yo le reservaba. El drama fértil — en fin— de un científico. Y el drama — estéril, luego vencido— de tener que nombrar la homosexualidad. *La Doxa* —escribió Barthes— «es un mal objeto porque es una repetición muerta, que no viene del cuerpo de nadie, si no es, precisamente, del de los muertos».

Luis Antonio de Villena. Nació en Madrid en 1951 y publicó su primer libro de poemas, con diecinueve años, en 1971. Por otro poemario, *Huir del invierno*, recibió el premio de la crítica de 1981, y su obra lírica, hasta hoy, está reunida en el tomo *Poesía 1970-1984*. Ha publicado también novelas y libros de relatos, así *Amor pasión* (1983), *Chicos* (1989) o *En el invierno romano* (1986). Entre su abundante y sugestivo obra de ensayo y periodismo puede destacarse *Dados, amor y clérigos* (1978), *Oscar Wilde* (1979), *Corsarios de guante amarillo* (1983), *La tentación de Icaro* (1986) y *Máscaras y formas del fin de siglo* (1988). Es asimismo autor de traducciones y ediciones críticas. Entre las primeras subrayamos aquí los *Sonetos completos* de Miguel Ángel Buonarroti, en cuidada edición bilingüe (1986). Posteriormente ha publicado el libro de poesía *Como a lugar extraño* (1990), *Yo, Miguel Ángel Buonarroti* (1991), la novela *Fuera del mundo* (1992) y los ensayos *El libro de las perversiones* (1992), *Fin de siglo [El sesgo clásico de la penúltima poesía española]* y *Leonardo da Vinci [Una biografía]* (1993).



Julia Manzano

EUGENIO TRÍAS Y MARCEL DUCHAMP

EN ESTOS tiempos de la modernidad en otoño, descreídos y desnortados, nos sobran críticas y nos faltan ideas. Estamos de vuelta de los experimentalismos de las vanguardias, que en su momento tuvieron el sentido de estimular y sacudir las conciencias; sin embargo hoy, sumidos ya en la desorientación general y la confusión del espíritu, parece que volvemos a necesitar suelo firme. Es necesario el regreso de la metafísica, o al menos así lo deseamos algunos, aunque asumiendo la labor de la prudencia crítica de la modernidad, y con la consciencia de que es necesario reflexionar desde otros parámetros.

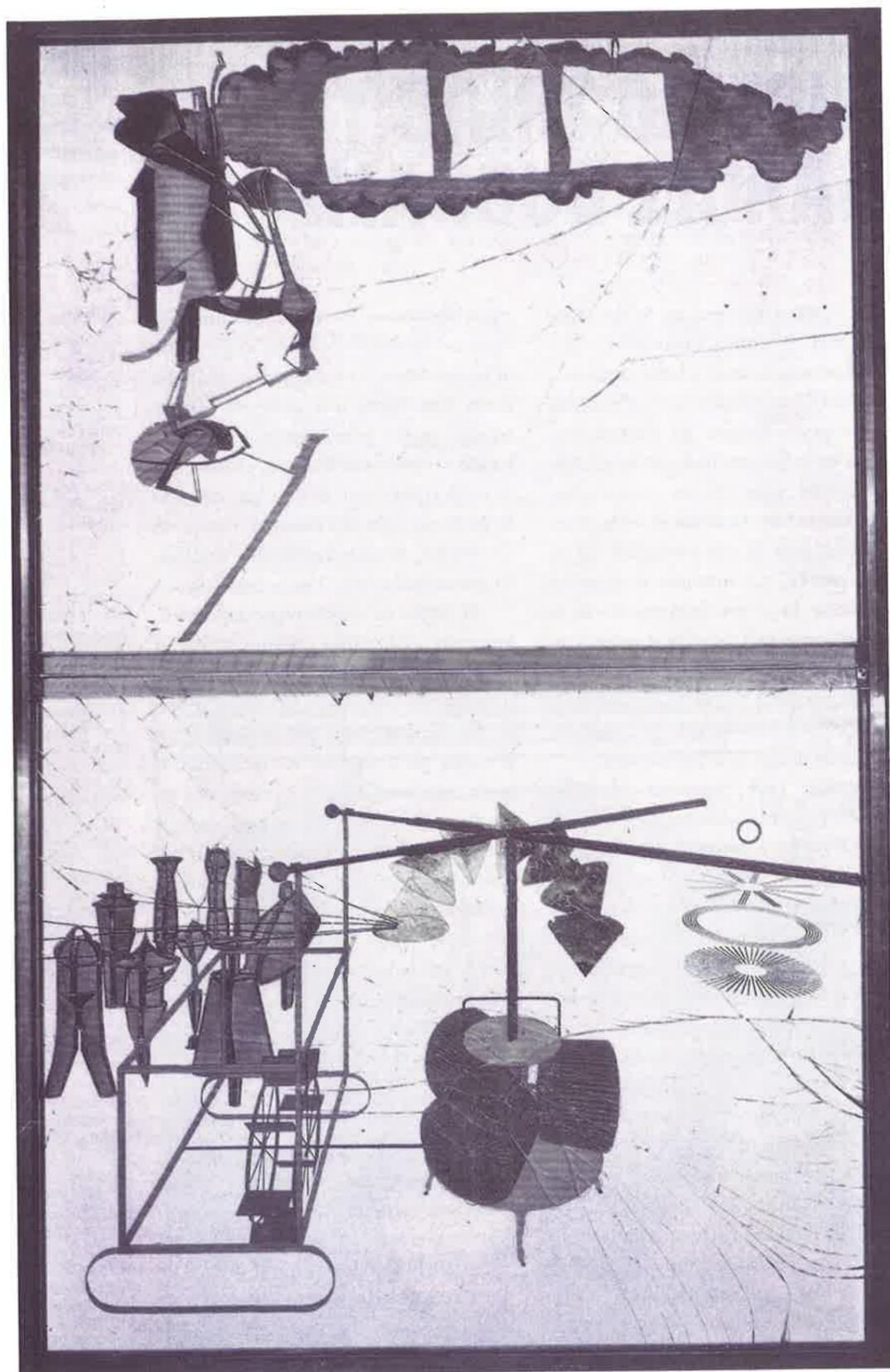
Eugenio Trías, *metafísico del límite*, pone en palabra y obra esta necesidad epocal y vuelve a pensar los "conceptos supremos": ser, verdad y fundamento, que Nietzsche denostara con denuedo. Parece, sin embargo, que los tiempos no son propicios a la reflexión ontológica y Trías está haciendo un esfuerzo de titán, nadando a contracorriente. Es mi intención presentar al público de habla portuguesa a este gran filósofo catalán e hispánico, ya que no se han estrechado aún, tanto como sería deseable, los lazos culturales entre los dos miembros bicéfalos de la península ibérica. Por consiguiente, no hay traducciones lusas de este pensador, relevo generacional de la filosofía perennis (1). Lo denomino *metafísico del límite* porque su idea filosófica, esa idea que todo pensador busca, y en contados

casos encuentra, es el *límite*. El límite es tanto su forma de nombrar al ser como al fundamento, y es además de una categoría ontológica, una categoría hermenéutica, ya que es el *fronterizo*, o sujeto sujetado al límite o la frontera, el que piensa e interpreta todo lo que hay. Así, a lo largo de su ya larga y fecunda trayectoria intelectual, va elaborando una metafísica, una estética y una lógica del límite.

El límite es un concepto mediador, tomando este último término, en el doble significado de ser un intermedio entre dos posiciones extremas, término medio, y también podría interpretarse como vía o camino de en medio, o como elemento de relleno entre dos intervalos. El primer significado sugiere una categoría hermenéutica, el segundo, una topológica. Me resuena en ambas posibles interpretaciones el concepto de raigambre clásica *mesotés*: medida, equilibrio y prudencia. Pudiera parecer que estoy sugiriendo que la filosofía de Trías es conciliadora, o meramente sintetizadora, como se ha dicho tantas veces y, creo que imprudentemente, de la de Aristóteles. Yo no diría tal, sino que más bien tendería a pensar que lo que propone es un reajuste, un intento de dialogar, polemizar, corregir y ¿por qué no?, también de mediar entre los defectos y los excesos de filosofías anteriores.

Los excesos de la tradición los piensa teniendo en cuenta dos épocas históricas: la greco medieval y la moderna. El

(1) Me permito recomendar la lectura de: *La filosofía y su sombra*, Ed. Seix Barral, reedición (1983) de su primera obra publicada en 1969. Es una obra clave, propedeútica, en la que muestra sus ardores juveniles para abrirse camino hacia la (ya entonces) mal llamada metafísica. Para los interesados por la estética recomiendo *El artista y la ciudad*, Ed. Anagrama, Barcelona, 1976 (reedición de 1984). Para aquellos que lo prefieran hay traducción al inglés: *The artist and the city*, Columbia University Press, N. York, 1982. También pertenece a este mismo ámbito *Lo bello y lo siniestro*, Ed. Ariel, Barcelona, 1982 (reedición de 1992). Y finalmente, para los amantes de la metafísica, especialmente sus dos últimos libros: *La aventura filosófica*, Ed. Mondadori, Madrid 1988 y *Lógica del límite*, Ed. Destino, Barcelona, 1991. De entre una veintena de libros he seleccionado éstos, cuya lectura recomiendo al "convencido de espíritus libres" (como soñara Nietzsche), que el fervor de discípulo me ha inspirado.



exceso de los antiguos consistió en conceder un poder omnímoto al ámbito de la Cosa, que se alza como un poder extraño, físico o mitológico; en consecuencia el sujeto ha de colocarse en posición de servidumbre y aquiescencia, ha de plegarse y conformarse a la cosa. Los modernos, por el contrario, conceden todo el poder al sujeto. En palabras de Hölderlin la desmesura de los antiguos consistió en que captaban las cosas, pero no se captaban a sí mismos. El extravío opuesto es el de los modernos, que sólo supieron captarse a sí mismos, pero perdieron su referencia a lo que excede al ámbito del sujeto. Esa doble desmesura, antigua y hespérica (es decir, occidental y moderna), oscila entre el realismo (ingenuo) y el idealismo (solipsista); extravío hacia la infinitud que trasciende (los antiguos) o hacia la infinitud replegada en la inmanencia del cerco subjetivo (de Descartes a Hegel).

Frente a las maneras de nombrar la trayectoria del Desajuste del pensar occidental, Trías propone un camino de *en medio* (recreando una intuición de su maestro Platón), abre una nueva ruta gracias a un espacio en el cual se pueda poner en crisis la filosofía anterior. Este espacio es el *límite*. Contra el primado absoluto de la cosa o del sujeto, propone el estricto primado de la frontera, nexo que articula y escinde y permite la cita en la diferencia del *fronterizo* y su *lógos*, con lo que le excede y le trasciende (la cosa encerrada en sí). Para ello es necesario reflexionar desde un lugar que es *el gozne, la bisagra o el límite*, desde el cual brotan y se generan, por proyección, los dos espacios: el extramental-sustancial y el lógico-subjetivo. Ese espacio del límite es previo y fundante de los otros dos, es matriz y fundamento (opaco, abismal y aporético).

Se ha hablado mucho de la muerte de la filosofía primera, o los más prudentes,

al menos de su crisis. Trías cree que aún aceptando el segundo supuesto, ello no debe inducirnos a dejar de plantearnos las grandes preguntas, sino más bien al contrario, y a contra corriente con los signos de los tiempos, a formar círculos de resistencia numantina que se sigan atreviendo con los interrogantes radicales, con los enigmas de la existencia del hombre, "animal metafísico". Esta posición comparto, y mi deseo al escribir este texto no es otro que el de exhortar a los hijos y descendientes de Viriato (el "valeroso pastor lusitano" como lo definían los libros de nuestra infancia) a ser compañeros de viaje en esta tarea intempestiva.

En una ocasión mi maestro Eugenio Trías dijo que la llamada crisis de la metafísica no era más que una crisis de recursos expresivos. Su obra es un empeño por encontrar nuevas vías de expresión, no quiere abusar de la filosofía pura, seca, adusta, al modo como el espíritu desencarnado de Hegel reflexionara; por ello envuelve sus ideas en ropaje sensible sin menoscabo del rigor conceptual. Esta "voluntad de estilo", más sus incursiones por los territorios de la música, la literatura, o las artes en general, hizo que en una primera etapa se dijese, en círculos filosóficos españoles, que su obra era más la de un pensador crítico de la cultura que, en rigor, filosófica. Sin embargo, su trayectoria posterior fue mostrando que la intención que le guiaba, incluso en esta etapa más ensayística, era sacar un rendimiento a tales exploraciones, que le permitieran una reflexión ontológica. Sus últimos libros, que han ido adoptando más la forma de "tratado", ya no dejan lugar a la duda en cuanto a su intención de elaborar una reflexión estrictamente metafísica. Bien es verdad que sin abandonar el ámbito de la estética, ya que Trías piensa que el queha-

El exceso de los antiguos consistió en conceder un poder omnímoto al ámbito de la Cosa, que se alza como un poder extraño, físico o mitológico

...la llamada crisis de la metafísica no era más que una crisis de recursos expresivos...

cer del filósofo y el artista es tratar de decir siempre lo mismo: la palabra esencial.

Voy a intentar mostrar un ejemplo, que podría considerarse paradigmático, de buscar apoyaturas estéticas para sus ideas filosóficas, en este caso, para la problemática cuestión del fundamento. Con esta forma de proceder parece estar "rumiando" el aserto nietzscheano: *el arte es el fenómeno más transparente de la voluntad de poder* (entendida como la esencia y el fundamento de todo lo que hay).

Trías toma como base de su meditación la extraordinaria composición de Marcel Duchamp *La Mariée mise à nu par ses célibataires, même*, más conocida como *El Gran Vidrio*. En él cree ver el símbolo artístico de su idea filosófica. A la síntesis de símbolo e idea Trías lo llama *arquetipo*, que puede sensibilizarse en la creación artística o expresarse de forma inteligible en la reflexión filosófica.

El rasgo de genialidad de Duchamp piensa Trías que es el no haber usado, como ha hecho siempre la pintura tradicional, una sola cara de la lámina del cuadro como ventana abierta al mundo, o "espejo del mundo", dejando la otra cara, el reverso en negro, pegada a la pared y por tanto inutilizable, ya que nada tiene que mostrar. Duchamp utiliza como superficie pictórica un cristal, una pura transparencia que en el anverso y el reverso reflejase en pura simetría el mundo o la realidad. Podemos decir desde entonces que el arte ha muerto, o al menos el arte entendido como transposición alegórica, como correspondencia biunívoca entre lo representado y la realidad; lo que aparece es un arte nuevo, no representativo sino conceptual. El propio artista habla de "pintar ideas" en los textos de la *Caja verde*, reflexiones surgidas a lo largo de los años mientras iba construyendo su Gran Vi-

drio. De ahí el interés que su obra suscita en los filósofos.

Los movimientos de principios de siglo, que se dieron en llamar vanguardias, dadaístas y surrealistas fundamentalmente, tuvieron en Duchamp un modelo de artista (o anti-artista o mejor a-artista, como prefería ser llamado). La telaraña sutilísima de hilos que lo unió con tales movimientos, no consiguió nunca una adscripción permanente a ninguno de ellos; colaboró a veces con unos y otros con una libertad de criterio absoluta, pero ninguno le influyó. Fue más bien tanto su precursor como su contradictor, aunque los acólitos de uno y otro movimiento creían ver en el iconoclasta Duchamp una justificación de las ideas propias.

El grupo Dadá, fundado en 1916 en la neutralidad de Zurich, en medio de los fragores de la primera guerra mundial, expresa su afiliación a la irracionalidad, frente a la "racionalidad" aniquiladora que había presidido el desastre de la guerra.

Que grite cada hombre: hay un gran trabajo destructivo, negativo, por cumplir (...) aullido de los dolores crispados, entrelazamiento de los contrarios y de todas las contradicciones, de lo grotesco, de las inconsecuencias; La Vida. (2)

Frente al aullido y el asco, como medios de expresión de desacuerdo, Duchamp elige la ironía, resultado del trayecto de una consciencia avisada. No es una respuesta primaria, como la anterior, sino reflexiva: es un gesto, un juego, manifestación de *esprit de finesse* (como Nietzsche lo hubiese denominado). Es un juego filosófico y dialéctico que gracias a la negación por la vía del humor, se transforma en ironía afirmativa y, por lo tanto, creadora. Duchamp era un escéptico, una vez dijo que dudaba incluso

del verbo ser. Sería más acertado decir que su actitud ante el arte y ante la vida misma está más allá de la afirmación y la negación: es la indiferencia, lo que él llamaba *horror de indiferencia*.

Una muestra arquetípica de su desapego estético es el *Gran Vidrio*. Comienza las citadas notas con la idea de que no quiere pintar un cuadro, sino un *retardo* en vidrio. ¿Qué significa retardo?, un retraso, una ralentización del movimiento y del tiempo: fijación en el espacio del tiempo detenido (la asociación con la idea nietzscheana del "instante-eternidad", como esencia del tiempo, parece obligada).

Otra escuela de vanguardia del momento son los futuristas, a los que vamos a traer también a colación, ya que su pretensión era pintar el movimiento. Cuando Duchamp pintó el *Desnudo bajando una escalera*, se le intentó relacionar con ellos, pero él mismo se encargó de exponer las diferencias que los separaban (3). Su interés era más cercano al de los cubistas (en el deseo de descomponer las formas), que al de los futuristas, cuya pretensión era la de sugerir movimiento. Duchamp no hizo ninguna tentativa, como los últimamente citados, de producir efectos cinematográficos en la pintura; su meta era una representación estática del movimiento, con indicaciones de varias posiciones tomadas por una forma en movimiento (como hizo con el *Desnudo*). Pero aún hay otro aspecto, mucho más importante, que lo separa de los futuristas y era su actitud frente a la máquina. Duchamp no es un adepto de su culto; al contrario, y a la inversa de ellos, fue uno de los primeros en denunciar el carácter ruinoso de la tecno-ciencia moderna. Basta, para comprobarlo, que nos paseemos por nuestras ciudades y respiremos su aire emponzoñado, dice.

Los únicos mecanismos que apasio-

naban a nuestro desapasionado e irónico a-artista eran los antimecanismos (los *ready-made*), cuyo funcionamiento era imprevisible. Los *ready-made* son objetos normales de la vida cotidiana (una rueda de bicicleta, un portabotellas vacío, una jaula), que por el gesto gratuito de haber sido "elegidos" se convierten en artísticos, es decir, objetos inútiles, que bajo un título adjudicado, crea un pensamiento nuevo para él. Dice Octavio Paz en su magnífico ensayo *M. Duchamp o el castillo de la pureza*, (4) que estos aparatos son los duplicados de los juegos de palabras: su funcionamiento insólito los nulifica como máquinas. Su relación con la utilidad es, por tanto, la misma que la de retardo y movimiento, sin sentido y sin significación: son máquinas que destilan la crítica de sí mismas. Gracias a los dibujos de su amigo Picabia, reproducidas en las revistas dadaístas, entrevé la posibilidad de inventar categorías de seres nuevos, simulacros de máquinas; con ello pretende contribuir a la subversión irónica del mito futurista del hombre-máquina, el centauro moderno. Los del grupo *Littérature*, sin embargo, se sienten extraordinariamente próximos a los juegos de palabras, nueva actividad a la que se dedica Duchamp, que ahora firma con el nombre de su *alter ego* femenino, Rose Sélavy. En diciembre de 1922, después del descubrimiento que hicieron los del citado grupo del sueño hipnótico como medio para explorar el "automatismo psíquico puro", al cual ya habían dado el nombre de "Surrealismo", Robert Desnos publica unos poemas, que aseguraba le habían sido "transmitidos" por Rose Sélavy. Duchamp se limita a ignorar estas declaraciones, incluso parece divertirse.

Volvamos al Gran Vidrio, a su deseo de no pintar un cuadro, sino un retardo. Esta idea quiero resaltarla especialmente

[2] T. Tzora, *Siete manifiestos Dadá*, Manifiesto de 1918, Tusquets editores, Barcelona, 1981.

[3] Declaraciones recogidas por J. J. Sweeney en *The Bulletin of the Museum of Modern Art*, vol. XIII, nº 4-5, pp. 19-21. N. York, 1946.

[4] Ediciones Era, México, 1968.

Frente al aullido y el asco, como medios de expresión de desacuerdo, Duchamp elige la ironía

porque creo que es el eje de su cuadro, el gozne o principio bisagra entre: movimiento y reposo, azar y posibilidad (la necesidad es quizás un término demasiado fuerte para el descreído Duchamp). Él lo llama *signo de concordancia* y aparece una y otra vez en sus notas-ocurrencias. En este principio cree descubrir y poder determinar las "condiciones del *Reposo* (capaz de todas las excentricidades innumerables) y, por otra parte, una *selección de Posibilidades* legitimadas por esas leyes y que también las ocasionan". Esta reflexión tiene su plasmación sensible en la serie de personajes-máquinas que pinta entre dos láminas de cristal: la casada, sus solteros, los testigos ocultistas, el molino de chocolate, el carrito de letanías... Su obra magna, o arquetipo de la obra de arte fue por él definida como "Azar en conserva", conjunción inesperada y en reposo de todos los elementos que quedaban encerrados, empalados entre las placas transparentes de un purísimo cristal.

Recordemos que esta obra tiene 2,70 m de altura y 1,70 de longitud, pintado al óleo y dividido horizontalmente en dos partes idénticas por un hilo de plomo. Se configuran dos ámbitos, el del *Reino puro del Azar*, y el *Reino de la Posibilidad*. En el reino de lo alto gobierna la caprichosa *Mariée*. Los diversos nombres que Duchamp le asigna (a modo de signos de orientación) son Motor-Deseo, Ahorcado Hembra y también Mantis Religiosa. Está representada como una especie de máquina agrícola (¿alusión irónica a la Madre Ceres?). En este ámbito del azar aparecen unos tableros de juego o "marcadores de aciertos", envueltos en una nube que simboliza la Vía Láctea en forma de crisálida, del que emergerá la Novia-Libélula. La misión de estos tableros es la de trans-

mitir a los solteros las descargas de la novia, sus mandamientos.

En la mitad inferior aparecen los solteros, que reciben un repertorio de nombres crepusculares: Moldes Máchicos o Machos, Máquinas de Eros y Cementerio de Libreas y Uniformes. Sus trajes o moldes vacíos se inflaman ante los dictámenes de la Novia. Estos nueve monigotes están envueltos, según las minuciosas anotaciones de Duchamp, "por un espejo que les envía su propia complejidad hasta alucinarlos", (¿por el deseo, por la vanidad?). Cabría preguntarse acerca de qué ofuscación o *hybris* les ha condenado a ser puras máquinas deseantes, comparsas de un rito público de *mise à nu* (que no quiere decir exactamente desnudarse, sino *puesta al desnudo, exposición*, al modo como se emplea esta expresión francesa: *mise en scène, o mise a mort*). El retraso o retardo en vidrio es generador de tiempo, tiempo del deseo: de la novia que emite efluvios, de los solteros que disparan hacia ella y ni siquiera la rozan; o de un tiempo circular, que comienza en el Motor-Deseo de la novia y termina en ella en una operación circular, autosuficiente. Autoerotismo del inconsciente, que no tiene tiempo, o cuyo tiempo es la eternidad.

Trías interpreta esta composición como un símbolo de la obra de arte, que trasladada al terreno de la reflexión filosófica es su idea de límite. Así dice que en ese ámbito transparente de una lámina de vidrio el mundo aparecería como rascaduras, opacidades o trazos que simbolizarían "episodios, sucesos, latidos del corazón de cristal". Sugiere situarse frente a él "de canto". Lo que veríamos sería una pura línea, eje, gozne, bisagra, lanzadera o signo de concordancia (/) que si la pensamos en movimiento podríamos imaginar que

brotan de ella las figuras —sucesos del mundo— en diferente simetría en el haz y en el envés. Esta pura línea engendradora de realidad es para Trías la idea filosófica de *límite* o *espacio-luz*, fundamento del ser; ya que radicalmente pensado es un ámbito previo al ser y al decir del ser. Intentaré una explicación de lo que mientan los términos espacio (guión) luz. Espacio es una categoría topológica, es lugar de fecundación del ser, *khóra* o matriz originaria; luz es *lógos*, y el guión entre ambas indica que en el corazón del espacio hay *lógos* (como en el fuego de Heráclito).

He elegido para este texto a un artista y un filósofo porque la tarea de ambos está encaminada a esclarecer y decir lo mismo (la palabra esencial) de lo mismo (acerca de todo lo que hay). El artista y el filósofo configuran lo verdadero. El retardo en vidrio de Duchamp, meta-ironía del proceso creador, es un símbolo artístico, que le sugiere al metafísico es-

pañol, en primer lugar, la idea de límite. Después nos encontramos con el arquetipo del espacio-luz (fusión de idea y símbolo), crisol de fecundación de todo lo que hay en el instante-eternidad.

El quehacer de uno y otro es revelar la bisagra, gozne o signo de concordancia y de diferencia (/) entre los sucesos del mundo; hacer saltar en astillas las falsas legalidades o causalidades que oscurecen la diamantina presencia del azar enlatado, conservado en una pura sustancia de vidrio. El cuadro ya no es lo que era en la época del arte como representación y espejo del mundo. Duchamp lo convierte en lugar privilegiado (topología trascendental) en el cual se recogen fragmentos desparramados del azar de la materia que se muestra: el gran teatro del mundo. Ellos piensan lo intempestivo, lo azaroso y casual encubierto y sepultado bajo el espesor de rutinas y legalidades que el pensar común denomina orden del mundo.

Duchamp no hizo ninguna tentativa de producir efectos cinematográficos en la pintura

Julia Manzano. Doctora en Filosofía por la Universidad Autónoma de Barcelona, Catedrática de Filosofía de Bachillerato. Miembro del *Col·legi de Filosofia* de Barcelona. Miembro de *L'Associació Catalana de Fenomenologia*. Colaboradora del *Institut d'Humanitats* de Barcelona.

Publicaciones: "El ser para la recreación" (Sobre la obra de E. Trías), XX Congreso de Filósofos jóvenes (1983) Facultad de Filosofía de S. Sebastián. "Filosofía del futuro", *Enrahonar*, nº 12, Revista del Departamento de Filosofía, Universidad Autónoma de Barcelona, 1985. "Movimiento sinfónico hacia el espacio-luz", *ER*, nº 3, Revista de Filosofía, Sevilla, 1985. "Trías: Ente urbano y Barcelona", *Las Nuevas Letras*, nº 5, Revista de arte y pensamiento, Almería, 1986. "L'ontologia de l'art", Estudio sobre el segundo Heidegger, *Anuari de la Societat Catalana de Filosofia*, Barcelona, 1989. "Metafísica perennis, un escrito con y contra Heidegger", *Taula*, Revista nº 13-14, *Universitat de les Illes Balears*, 1990. "Lógica del límite, una reflexión sobre el otoño de la modernidad", *ER*, nº 12/13, [1991]. "Transitando por el límite", Monográfico sobre E. Trías, Revista *Anthropos*, Barcelona, 1993. 76

Pedro J. de la Peña

ESCRIBIR, PUBLICAR

ESCRIBIR es un acto de encantamiento; publicar, un acto de desencanto. Nunca, al leernos, nos sentimos tan altos, tan elegidos, como cuando alguna voz lejana parece mover nuestra mano en la febril persecución de las palabras. Leernos es retrotraernos a nuestros defectos. Volver a ser como siempre fuimos, y no como en un instante dado nos pareció ser, elevados por encima de la realidad.

En un poema del hoy muy poco citado Blas de Otero se dicen estos versos:

Porque vivir es viento fugitivo
y publicar columna arrinconada,
digo vivir. Vivir como si nada
hubiera de quedar de cuanto escribo.

Lo malo no consiste en que pueda ser así, sino en que puede no serlo. Quizá, por alguna circunstancia, lo que publicamos a alguien le interese, alguien lo lea, tenga un destinatario. Ahí es donde se produce el segundo desencanto. Ahí es donde se inicia la crisis de todo escritor que posea un mínimo de conciencia autocrítica.

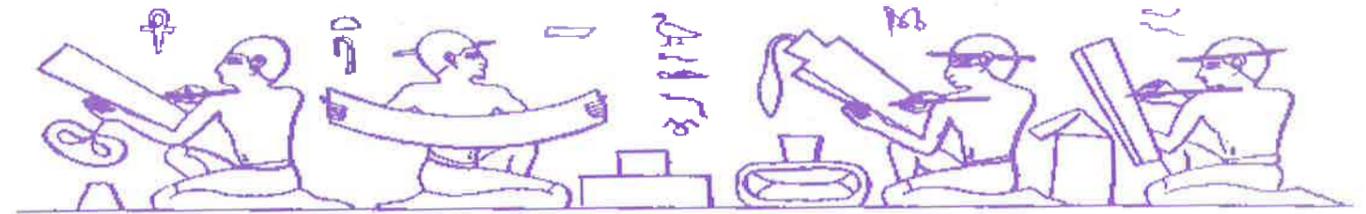
La pregunta es siempre la misma: "y esto que yo he dado a los otros, ¿no es acaso lo peor de mí mismo?". Quizás no lo sea, pero siempre, leído en edición, nos lo parece.

Y, sin embargo, al escribir, ¡qué magia!, ¡qué entusiasmo!, ¡qué sensación de placer nos acompañaba el pulso en el trazado de las páginas! Pero el en-



La pregunta es siempre la misma: "y esto que yo he dado a los otros, ¿no es acaso lo peor de mí mismo?"

BOCA BILINGÜE



cantamiento se deshace. Nos leemos y ya somos distintos. Nos publican y a nuestra decepción es fácil que la acompañe una incomprensible indiferencia hacia el resultado de lo que, con tanto amor y esfuerzo, hemos dejado en unas páginas. Una indiferencia que empieza por nosotros mismos, que ya no deseamos volver a leerlo.

Es algo parecido a la juventud o al deseo carnal. Creemos cuando lo sentimos que ya siempre nos acompañarán, que serán nuestros guías, nuestros mentores, nuestros amigos. Y, al abandonarnos, nos dejan como ciegos en un movedizo fango donde no sabemos qué hacer con nuestras manos, dónde guardar nuestras palabras.

La relación entre escribir y leerse escrito es semejante a la de concebir y analizar lo concebido. No hay en publicar una satisfacción duradera, sino un conocimiento amargo de lo transitorio. Todos hemos sentido algún poema que jamás hemos escrito. Todos hemos sido tocados de un instante feliz —donde la magia de la palabra, el rotundo presentimiento de una sensación inagotable— nos han convertido, momentáneamente, en seres de excepción.

Esos poemas, ni siquiera esbozados, son los únicos perdurables, los que nuestra imaginación nunca llega a desdorar o a desiluminar su brillo. En cambio, ir a casa, encontrar el papel y el lápiz oportunos, sentarse en una mesa y empezar a escribir es ver, tiempo más tarde, cómo aquella presencia sublime y

esencial, desaparece. Desaparece, incluso, si recordamos, una a una, las palabras con las que íbamos a expresar lo inefable. ¿Qué ha ocurrido? Que ya en nuestro interior hemos publicado ese poema.

Suponemos en los demás una decepción similar a la nuestra. Y, a la vez, imaginamos que también los otros poetas publicados deben sentirse de manera parecida. Y, sin embargo, a mí, como lector, esos otros poetas tienen aún la vibración precisa para emocionarme. ¿Y no les ocurrirá a ellos como a mí, que quizá puedan también identificarse con mis versos? Es decir, ¿no puede ocurrir que otros se emocionen con aquello que, al propio autor, le decepciona? A esta última esperanza se acoge siempre el que publica. En ella encuentra su justificación no sólo como escritor de obras pasadas, ya en la calle, sino como presumible autor de otras futuras que tal vez superen las deficiencias de estos últimos versos publicados, estas prosas, estas novelas de hoy.

Sólo desde la imperfección de lo conseguido —sólo desde la radical insa-



BOCA BILINGÜE

La relación entre escribir y leerse escrito es semejante a la de concebir y analizar lo concebido

tisfacción con todo lo hecho— es posible continuar el camino hacia delante.

Es decir, que la escritura que algo vale nace siempre de un proceso de descomposición, de un radical disgusto con uno mismo y con las cosas.

Escribir no es otra cosa que erradicar un entusiasmo. Elevarse ilusionadamente y descender sobre la pobre evidencia de que nuestras palabras no son ni tan gozosas, ni tan solares, ni tan esplendentes como nosotros las soñábamos.

Todo texto se inicia como un acto de pasión y se culmina como un acto de escepticismo. Y publicar es establecer esa línea fronteriza, esa demarcación cromática desde la cual nuestra tensión vital se vuelve ardua, estéril e insuficiente.

Por eso mismo, cada derrota obliga a una pelea diferente. Y como derrotados, como humillados que hemos sido

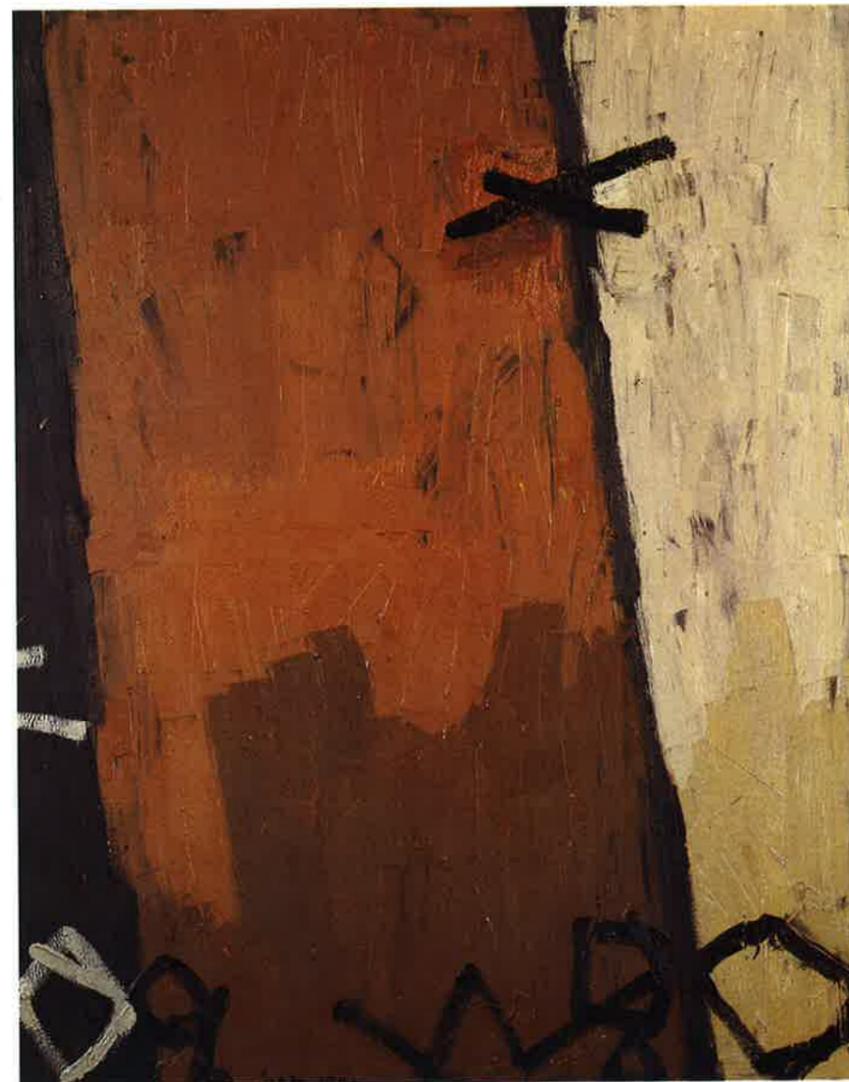
por el desdoro de nuestras palabras, buscamos satisfacción en otras palabras nuevas, igual que Sísifo, volvemos a ascender la montaña con la profunda convicción de que el desengaño es incapaz de narrarse a sí mismo. Necesita un intérprete. La vida nace de la disolución, el intérprete vive todavía dentro de ella. Desde este hueco último, esta esperanza estéril, este desierto felizmente poblado de espejismos, escribimos las páginas que luego nos negamos a leer. La ansiedad por su fracaso es mucha, pero la provocación de sueños y experiencias que permitieron escribirlas es, todavía, mucho mayor.

Quizá por eso mismo descrea de estas mismas palabras. Y espero —algún día— volver a escribir otras mejores que puedan satisfacer mi curiosidad como escritor y la vuestra como lectores.

Pedro J. de la Peña. Es doctor en Filología y licenciado en Ciencias de la Información. Ocupa el cargo de profesor titular de Literatura Española de la Universidad de Valencia y coordinador del departamento de Literaturas del CEU San Pablo de Valencia. Entre sus obras se encuentran varios poemarios, como *Ojo de Pez*, *El Saplo de los Dioses* y *Del(s)apariciones*. Las novelas de más reciente aparición son *Los años del fuego* y *Las dichosas selvas*.



BOCA BILINGUE



JUAN VERA
TRIBULARIO 1991
Óleo sobre lienzo 161x114 cm.



JUAN VERA
OSCURO RECUERDO TRISTE 1991
Óleo sobre lienzo 146x114 cm.



PURA ARCA
A DAMA DE OEIRAS. 1993



PURA ARCA
A FONTE DOS SOHAOS. 1993

O texto que aqui reproduzimos foi publicado na Revista *O Panorama*, dirigida pelo célebre historiador Alexandre Herculano. Fundado em Lisboa, em 1837, *O Panorama*, "Jornal Literario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis", como se anunciava em sub-título, com saída aos sábados, propunha-se, como se pode ler na *Introdução* do primeiro número, "seguir o exemplo dos países mais ilustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrução variada, e que pudesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, acomodando-o ao estado de atraso em que ainda nos achamos" e trabalhar "por nos instruir e melhorar nossos costumes, aumentando a civilização nacional". Cumprido cabalmente, semana após semana, esses objectivos, *O Panorama*, pela mão de Herculano, veio, na verdade, a desempenhar um papel fundamental na formação da nova nação saída das revoluções liberais e românticas. Tanto no que respeita aos "conhecimentos (ditos) úteis" como no campo dos gostos e da sensibilidade literária.

Assim, pois, se publicou, no seu tomo IV, no dia 31 de Outubro de 1840, págs. 345-349, o texto que a continuação se transcreve. Trata-se de uma narrativa, cujos protagonistas são, precisamente, Cervantes e Murillo, os célebres escritor e pintor espanhóis, aqui chamados "O Pintor e o Poeta", ainda jovens e desconhecidos. Apesar de não estar assinado, presume-se que é da autoria do próprio Herculano. Fidelino de Figueiredo, incansável buscador da presença da cultura espanhola na literatura portuguesa, regista-o no seu estudo sobre "O Tema do Quijote na literatura Portuguesa do Século XIX" (in *Revista de Filologia Española*, tomo VIII, Madrid, 1921:161-169) com o seguinte comentário: "A narrativa, em sua brevidade e concentração de imprevistos efeitos, não é destituída de certo interesse, e com sua liberdade imaginosa abusava dos processos da novela romântica: encontros de grandes personagens e profecia de seus altos destinos." Não cremos que até hoje tenha sido reproduzido noutra publicação.

Alexandre Herculano

MURILLO E CERVANTES

O PINTOR E O POETA

1^o

Placencia é uma cidade pequena da Estremadura hespanhola; e poucas ha na península onde os mouros deixassem mais assignalados vestigios da sua phantasiosa architectura: ainda agora os viajantes maravilhados suspendem os passos nas ruas sinuosas, orladas de palacetes, (porque seria atrevimento chamar-lhes vulgarmente casas) para contemplar estes singulares edificios, marchetados de ornamentos, que mais parecem caprichos das fadas orientaes do que simplicies obras da industria humana. —E se ainda agora assim é, o que seria no meado do seculo decimo sexto! Que espectáculo offerencia então Placencia à vista dos curiosos, amantes das artes!... Julgai que impressão faria na fervida e poetica imaginação d'um mancebo, que outra cousa não vira senão a modesta igreja da villa de Pilas e as choupanhas de colmo congregadas à roda dessa igreja! Deslumbrado, absorto corria o pobre moço de portico para

portico, e erguia as mãos, com ingenuas exclamações à hespanhola, invocando toda a côrte do ceo. — Por Deus e a Virgem Santa (exclamava fora de si) que nada chega a isto! Ah! meu glorioso patrono Santo Estevão, nunca vi mais bella casa! Que maravilhas estas, dignas do paraíso! — E quem assim fallava, exprimindo o accesso de entusiasmo, inspirado pela vista dos monumentos de Placencia, era um rapaz de quinze a dezeseis annos de idade, em cujas feições brilhava a varonil belleza, misturada com o trigueiro da pelle, característica dos montanhezes na Hespanha: era alto, agil, bem talhado, e nos menores gestos mostrava a elegancia natural, filha de boa organização e d'um modo de viver activo e sobrio: vestido com o trajo engraçado dos camponeses andaluzes não trazia mais trem do que um alforge de mescla e ao que mostrava muito mal provido.

Depois que tudo correu, e viu e admirou tudo, foi sentar-se nos degraus da portaria d'um mosteiro, arreou o alforge e puxando d'um pão de centeio e duas cebolas quebrou o jejum

por fazer treguas com o appetite. Já o pão estava em meio e a metade restante ia ser preza da boa vontade do mancebo, quando outro caminhante, cujo agradavel semblante não perdia com o ridiculo vestuario que trajava, vendo o desfastio do comedor não pôde reprimir uma sonora gargalhada. Irado levantou o moço os olhos para observar quem o tratava com tão pouca cerimonia, mas a jovialidade do adventicio era tão franca e communicativa que tambem não pôde suste o riso e convidou-o boamente para participar do seu parco almoço, sob tão jucundos auspicios começado.

O outro, com seriedade um tanto comica, olhando para o naco de pão que ainda estava intacto, respondeu.— Amigo, tens excellente appetite, mas não fazes muito caso do appetite alheio... Como heide eu accommodar-me com o bocado de pão que ahí está, se te vejo com os olhos nelle... mas emfim... convite por convite... offerceste-me do teu pouco, justo é que eu retribua com o pouco que trago. Creio que não deixarás, apesar de adiantado no almoço, de me

ajudar a consumir a empada. — E, palavras não eram ditas, tirou do seu alforge um façanhoso pastelão, de testa acereijada, que fazia crescer agua na boca: despendurou da cinta a inseparavel borracha, cheia até o bocal de vinho delicioso de Val de Penhas. Partido escrupulosamente ao meio o enorme pastel, começaram os dois companheiros a empreitada, como se ha muito se conhecessem e ha muito não tivessem comido. No fim da festa, quando mais reinava a alegría, abriu-se estrondosamente a porta do mosteiro para sahir um homem, bebado formal, a quem um frade com violencia empurrava para fora dizendo: — Fora daqui! patife, que ousaste apresentar-te embriagado a cahir nesta casa religiosa, sem respeito à santidade do logar, nem attenção ao importante trabalho que te confiaram! Fora daqui! E não appareças mais diante de mim, ou teme a colera do padre Arsenio. Que hade ser, pela tua intemperança, dos aprestos para a cerimonia d'amanhã?... Mas que é isto!... que fazem vossês aqui!... (disse, reparando nos dois arranchados) Já os degraus da portaria servem de refeitório a velhaquetes dessa laia!...

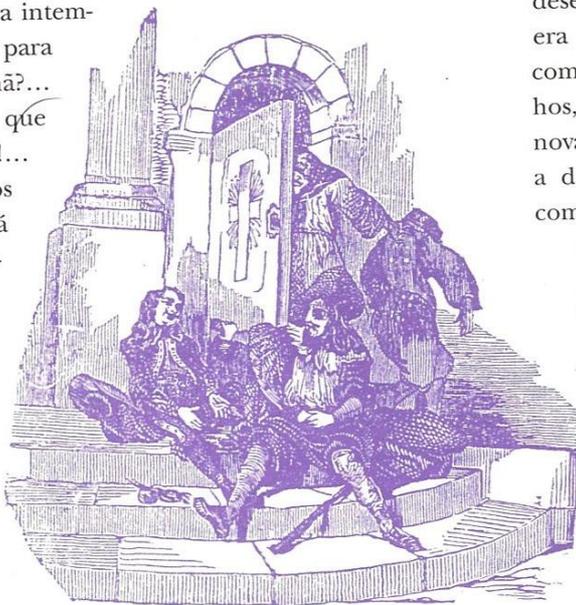
— Não se agonie, senhor padre, (replicou o rapaz em quanto o companheiro mais velho recolhia os so-

bejos do pastelão, ameaçados pelo pé do frade) não se agonie. Mal cuidavamos nós que os religiosos, que prégam a virtude da caridade, tomariam em conta de crime o vir aqui sentar-nos para comermos um pouco mais à larga?

— Fallas bem atrevidamente... — tornou o frade, cujo agastamento se desvanecia em presença da galhardia e viveza do rapaz montanhez. — Como te chamas?... — Estevão, um seu criado; e o senhor padre como se chama?... — A esta pergunta familiar o frade olhou para o moço com modos d'espanto, e respondeu depois de breve hesitação, como se estivera a ponto de proferir outro nome. — Chamo-me Fr. Arsenio. Mas tu disseste-me só o nome da pia; e o da tua familia? — Isso é segredo. — E porque? — Porque fugi de casa de meu pai; e se vos eu dissesse o meu nome por inteiro podia ser que mandasseis atraz

de mim quem me agarrasse. — Fugir da casa paternal... E' muito mau... que motivo te levou a tão criminosa acção!... — O desejo de ver o grande mestre pintor, Velasques, e d'entrar no rol dos seus discipulos. — Pois tambem tu és pintor? perguntou o frade sorrindo-se. — Sim, senhor, (replicou o moço escandalizado daquelle riso ironico) sim, senhor, tambem sou pintor, e discipulo de meu tio, João del Castello. Se este honrado parente não fallecesse, ainda eu seria feliz, e não andaria agora a correr montes e valles em demanda d'outro mestre. Meu tio tinha-me levado para sua casa e ensinado a sua arte; quando elle morreu, tive de voltar para meu pai, que estava segunda vez casado, havia tres annos, com a mulher mais avarenta e desapiedada d'ambas as Hespanhas... Quiz a minha madrastra pôr-me ao officio de çapateiro, sem lhe importar com a minha vocação de pintor, nem com as minhas lagrimas e desespero. Meu pai, ainda que era bondoso, condescendente com ella, seguiu-lhe os conselhos, e mettu-me à força na nova aprendizagem... Mas dahi a dois dias já eu viajava livre, como boi solto, alegre, e a passos de gigante para ir mais depressa ter com o afamado Velasques.

— Veiu-me a curiosidade de experimentar o teu talento; (disse o padre, a quem, o paira do moço não desagradou) exactamente nesta occasião preciso bem



d'um pintor, que substitua o borracho, que puz agora no andar da rua... se me contares, se souberes pintar brazões e alguns ornatos, ganharás uma peça em ouro... Faz-te, ou não conta?... — Olá! se faz?... uma peça d'ouro!... Com ella terei meios de supprir o resto da jornada; e confesso-lhe que os ultimos maredis que tinha me serviram esta manhã para o pão, que havia ser todo o meu almoço, se não fosse este senhor honrado que partiu comigo o seu pastel e aquelle famoso vinho de Val de Penhas: e por isso, meu padre, se me dá licença, será elle meu socio na obra; moerá as tintas e cobrará metade da paga, que V. Reverencia me der.

— Poz o frade os olhos no companheiro d'Estevão, e disse-lhe: — Se me não engano, mancebo, trajas à moda dos captivos resgatados, pelos padres da SS.^{ma} Trindade.— E' verdade que chego d'Argel, onde soffri por tres annos justos os padecimentos do captiveiro: fez-me Deus a graça de pôr termo a tamanha miseria; e eis-me aqui livre e restituído à nobre terra d'Hespanha. — Que occupação era a tua antes de cahir em mãos de mouros?...— Soldado. — Visto isso, voltas ao serviço? — Não posso: um tiro de mosquete fracturou-me este braço; impossível me é manejar as armas. — Então que hade ser de ti... que profissão intentas abraçar?... — A de poeta e romancista...— Poeta e romancista!... Santo nome de Jesus! Só vossês ambos compõem uma companhia de

artistas!... Pois bem; em quanto o teu companheiro pintar os brazões, irás tu compondo os disticos e mottos para os mesmos, e terás, como elle, uma peça em ouro... Apraz te o ajuste?... — Sim, senber, acceito.— Pois então, mestres, mãos à obra... entrar e trabalhar com fervor, que tudo deve estar prompto para ámanhã ao meio dia.

Dito isto, o padre guiou Estevão e seu companheiro ao côro da igreja, onde todos os preparativos annunciavam umas exequias solemnes: estavam já dispostas ricas armações pretas, pendentes dos capiteis das columnas e apanhadas de distancia em distancia com florões de prata, collocados os innumeraveis techeiros e candelabros com brandões de cera amarella, e no meio do côro erguida uma eça coberta com pannos recamados d'ouro, e de subido custo. Ao passo que os dois aventureiros contemplavam com pasmo o apparato funebre; o padre dava mostras de comprazer-se naquella pompa, como um auctor, que assiste ao ensaio d'um drama de sua invenção, prompto a subir à scena.

— A que cerimonia funeral se encaminham todos estes aprestos? perguntou o companheiro d'Estevão.— A's exequias de Carlos 5º, respondeu com emphase o frade. — E' possível!... Morreu o imperador!... Apagou-se o clarão desse talento, dos mais vastos que brilharam no mundo!... Desculpai-me, padre; apenas ha dois dias na Europa ignorava ainda tão

fatal acontecimento. E morreu Carlos 5º! Perdeu a Hespanha quem tanto a engrandecera, tamanha gloria lhe déra!

— Tranquillisa-te, mancebo, Carlos ainda não deu a alma a Deus; morreu só para o mundo: desgostoso da grandeza e poderio, desabusado da gloria largou o throno, arremeçou o sceptro imperial, e cingiu a cabeça de seu filho com a corôa, que na sua pesava.

— Meu padre, por certo que zombais de mim: nunca o imperador Carlos 5º cahiria em semelhante erro! Mui bem sabia elle ler no coração dos outros homens, para assim desconhecer o proprio coração. Carlos, sem dominio, sem throno, sem ter o mundo para governar a um simples aceno, seria um corpo sem vida! E a que se reduziria essa intelligencia vigorosa, essa vontade potente se a condemnassem á inacção?... Torno a dizer-vol-o, zombais de mim, meu padre...

— Mas o que eu te digo é verdade... Carlos 5º arrojou de si o poder imperial; despediu-se de Madrid; foi refugiar-se n'um convento; tomou o burel religioso, e para de todo quebrar com o mundo e suas lastimosas vaidades, ámanhã, aqui neste templo de São Justo, celebrar-se-hão as exequias delle... não mais se curará de Carlos 5º... só ficará na historia um nome vão, e neste mosteiro um corpo cansado de soffrimentos, um corpo que já pertence aos vermes do sepulchro, e que encerra uma alma, impaciente por que chegue a hora em que Deus a chame a si.

— Não posso duvidar já da verdade das vossas palavras... Que triste exemplo do nada humano e da fraqueza da nossa intelligencia!... Quem havia prever tão inesperado successo!... Carlos 5º endoudecer!...

O frade fez-se branco de co-lera e travou do braço do mancebo com violencia. —Que dizes, louquinho?... Carlos gosa do perfeito uso da sua razão.

— Não, meu padre, perdoe... não é possível. Se a mão de Deus não pesasse sobre a cabeça do imperador; se elle conservasse o uso da razão, como dizeis, não iria expor-se ao escarneo da Europa, do mundo inteiro! Se queria dedicar á religião o resto da vida, e cuidar da sua salvação, não podia fazel-o sem despojar-se da corôa? Quero pensar que a sua abdicação não é acto e prova cabal de loucura; mas esses funeraes anticipados, esse ridiculo ceremonial d'ámanhã não demonstram sobejamente a demencia de Carlos? E hade acabar assim homem tão illustre! Não devia imitar até o fim Carlos Magno, de quem se mostrou emulo, de quem cingiu a corôa?

Facil era ver que as expressões do mancebo ao mesmo tempo lisongeavam e ofendiam o padre; porque ora este enrugava a testa, ora com um sorriso se lhe desassombrava o rosto. — Não é tão cerrada a tua barba, poeta novato, que te caiba o direito de julgar as acções de Carlos 5º... Enceta a obra e compõe as divisas, que te encommendei, e o teu compan-

heiro que pinte os escudos com as armas de Carlos 5º: neste livro as acharás todas, Estevão, nenhum te esqueça dos brazões e títulos de Carlos, imperador da Alemanha, monarcha d'Hespanha e das Indias, rei dos Paizes-baixos, imperador dos romanos, soberano da Lombardia, etc. etc. A'tarde voltarei a certificar-me se ambos merecem a confiança, que lhes testemunho.

O religioso se retirou; e o pintor e o poeta começaram as suas respectivas tarefas.

2º

Passada uma hora, o companheiro de Estevão, que insensivelmente se engolphara em profunda meditação, sentiu uma pesada mão que lhe afferrava o hombro esquerdo; estremeceu e voltou a cabeça; era o padre, que com a sua habitual impaciencia não podéra esperar pela tarde para ver o resultado do trabalho dos seus protegidos. — Então, meu poeta, os letreiros estão acabados?... — Não, padre; não pude fazer obra; o pensamento de que renunciára Carlos 5º a corôa, e ámanhã hade representar aqui uma comedia, indigna do seu character, entristece-me e preoccupa-me nimiamente, de forma que não me é possível escuadrinhar e achar uma rima... — Mui severamente condemnas Carlos 5º, invectivando com o ridiculo nome de comedia a prova mais

completa e profunda que elle vai dar do aborrecimento e despreso da gloria e das cousas mundanas... Depois da abdicação de Carlos, pode haver mais grave e solemne espectáculo que o de ámanhã?... — Tendes razão... mas sempre é um *espectaculo*, como por vossa propria boca confessais; e se o imperador não tivesse pesar ou arrependimento da sua obscuridade, não lhe viria á cabeça *aparecer em espectáculo*... Pelo menos se pertendia por força que lhe cantassem em vida o officio dos defuntos, não precisava fazel-o com tamanha pompa, nem que a esse fim aqui viesse de proposito toda a côrte de Madrid.

O padre passeava a passos largos, descontente, agitado e pensativo; até que a dôr de gotta que lhe atacou o pé esquerdo o obrigou a sentar-se; então com um signal chamou o pintor e lhe disse. — O teu companheiro, que se inculcou poeta, não pôde ainda escrever um verso; vejamos se tu, como pintor que dizes ser, fizeste coisa que preste... Dar-se-ha que te gabasses, como aquelle, do talento que não possues?

Finalmente se chegou Estevão com um dos escudos na mão; ao lançar os olhos á pintura a frente do padre se desenrugou.— Está muito bom... muito bom (disse para Estevão)... nem Ticiano, nem Velasques o fariam de certo melhor na tua idade. Em vez d'uma peça em ouro, quero dar-te dez, para que não sintas os frios apertos da mi-

seria, que gelam o talento e o suffocam... Mas que faz o poeta, que escreve tão ligeiro nas folhas da carteira, quando, ainda não ha um minuto, não podia esboçar um só distico ou motto dos que lhe pedi.

— E' uma satyra (respondeu o escriptor) ácerca da cerimonia d'ámanhã.

— Vejamos a satyra; lê-a.

O poeta aquecido pelo calor do estro approximou-se ao frade, e leu-lhe os versos com vivacidade e graça: era uma composição engenhosa, mordaz, brilhante, mas acre. Placidamente o escutou o frade até ao cabo; e ora approvava certas passagens, ora censurava outras, e por duas ou tres vezes carregou as sobrançellas em signal de descontentamento.

— Merecem esses versos (disse) elogios como obra poetica; e fóra de duvida és auctor de talento... Dai-me porém agora provas de animoso e leal... Terias escripto esses versos quando Carlos 5º ainda reinava?... Não é isso, como narra a fabula, dar o pontapé no leão moribundo?

O poeta rasgou as folhas escriptas, e arremeçou os fragmentos, que voaram dispersos.

— Bom! essa acção nos reconcilia. Mas é chegada a hora de vespuras; estão acabadas as pinturas; não podemos aqui demorar-nos mais tempo. Ide accommodar-vos n'uma das pousadas da villa, e ámanhã comparecei á solemnidade funebre. Estevão julgará então melhor do effeito da sua obra, e habilitar-se-ha para

algum dia compor um quadro da scena magestosa e terrivel, que presenciar. Finda a cerimonia faço tenção de dar cartas de recommendação a ambos, a Estevão para o mestre Velasques, e a ti, mancebo, para Philippe 2º.

— Para o rei Philippe 2º!... E o padre conhece-o?

— Se o conheço!... Muito e muito; e conto gozar para com elle de algum credito: antigamente fazia elle quanto eu queria... Boas tardes: Deus os acompanhe.

O pintor e o poeta obedeceram á intimação comprehendida nestas ultimas palavras e encaminhavam-se para a porta do claustro; mas depois de fallarem baixo um com o outro, voltou-se Estevão para o padre, que ainda contemplava com certa satisfação as armações e a eça. — Senhor padre... ia a dizer-lhe...

— O que queres? Falla, e avia-te; porque sinto a communitade que vem a vespuras. — Receamos que não queíram fiar-nos alguma cousa na pousada. E se podesse dispensar a peça d'ouro que me prometteu em recompensa das pinturas... — Não foi uma, foram dez... E o religioso basculhou as algibeiras, e só achou umas tres *pezetas*: riu-se com a descoberta, e disse para os dois — Tomem que é quanto hoje possuo; os gastos das exequias me tem dado cresta á bolsa; mas ámanhã heide receber um quartel de uma pensão de vinte mil pezos, solverei a divida, acabado o officio de defuntos. Esperem então por mim na igreja.

Como os frades neste intervallo íam chegando, e tomando assento nas cadeiras do côro, fr. Arsenio se lhes foi ajuntar a toda a pressa, abandonando os seus protegidos, que largaram a rir olhando um para o outro.

— O padre digno (disse o mais velho) promette-nos ouro ás mãos cheias, e não tem no peculio com que pague a cama e a ceia de dois pobres artistas, como nós. Embora; resta-nos a codea do pastelão para cearmos; esse dinheiro basta para reforçar a borraxa; e os degraus da portaria, que nos serviram de meza ao almoço, nos darão cama por esta noite, que promette estar amena. E deste modo ámanhã estaremos lesto para ser os primeiros a assitir á pompa funebre que tanto inquieta aquelle frade.

30

Era alto dia, quando os dois amigos acordaram; e por mais tempo o somno pesado lhes cerraria as palpebras, se não fosse o estrondo que fizeram as portas da igreja, gemendo nos gonzos e abrindo-se de par em par. Já os brandões scintillavam accesos, e os frades, com as vestes sacerdotaes, só esperavam pela côrte para dar principio á solemnidade. Estevão e o seu companheiro deram-se pressa a entrar na igreja para occuparem commodamente um canto escuro da nave, donde podessem ver bem, sem serem vistos.

— Quando o tropel da gente entulhar a igreja, ninguém dará fé de nós (disse o pintor) e eu poderei aqui á vontade desenhar um bosquejo deste espectáculo curioso. E' uma boa fortuna que o acaso nos deparou e de que muito folgo. Vamos ver o rei, todos os magnates e damas da côrte, e Carlos 5º, sobre tudo Carlos 5º! ... Quanto me tarda já poder de meu vagar contemplar aquella fronte espaçosa e forte, donde sahiram tantos pensamentos, que abalaram o mundo!... Onde se porá elle durante a singular cerimonia do seu funeral?... Qual será a sua attitude e presença neste acto?... Mas já os frades vão para o côro, e só nós estamos na igreja!... Que é do rei, da côrte e de toda essa multidão de povo, de que hontem nos fallou fr. Arsenio, nosso amo?... E o caso é que o officio funebre começa... lá sobem os padres ao altar, e os cantores entoam o in-
troito.

Com effeito, principiou-se a missa de defuntos, e durante ella toda a nave esteve deserta. Ninguém veio occupar o throno regio destinado, no lugar do estylo, para Filippe 2º; ninguém tomou os assentos magnificos, adereçados de propósito para os grandes e senhoras da côrte. Não se lembrára o filho de que seu pai lhe pedira orações piedosas, nem os cortesãos de que o imperador, cujo bom grado tanto d'antes sollicitavam, os chamára naquelle acto melancolico para junto de sua pessoa! Tinha uma certa sublimidade,

um terrivel não sei que, aquella profunda solidão, aquelle ingrato abandono, aquelle esquecimento de todo o respeito, de toda a piedade para com quem tinha sido Carlos 5º.

Finalmente, terminado officio, Estevão e seu amigo, segundo a convenção da vespera, deixaram-se ficar no templo á espera de fr. Arsenio. Tinham-se retirado os padres e acolytos do altar e a communitade do côro, eis que os dois mancebos ouviram suspiros que sahiam da eça, agitou se o panno mortuario, levantado por mão tremula, e cahiu, ficando patente um rosto pallido e contrahido por uma expressão de dor e ao mesmo tempo temerosa... Era o padre, que hontem ordenava os preparativos do officio de defuntos; mas divisava-se-lhe uma certa magestade, que suspendeu os dois mancebos penetrados de assombro e respeito.

— Ninguém! (exclamou o padre, que figurava um resuscitado) ninguém! Nem um só se lembrou do imperador Carlos 5º! O' horrivel nada das grandezas humanas! Deus meu! O' meu Deus! Abbreviai as fataes e duras provas: chama-me á vossa adoravel presença! E acabando de desembaraçar-se do involucro lugubre, sahiu da eça, prostrou-se ante o altar e orou fervorosamente com lagrimas e soluços.

No entanto nem o pintor nem o poeta ousavam approximar-se ao religioso; porque já conheciam quem era; achavam-se com Carlos 5º. Levantou-se este depois de dilatada oração, e

lançando a vista ao redor de si descortinou Estevão e seu companheiro; fez-lhe signal para se chegarem, e ambos obedecendo tremulos ajoelharam aos pés do imperador, que lhe estendeu a mão e os mandou erguer.

— Não me tributeis essas demonstrações de respeito; bem vedes, meus filhos, que, para o mundo como para Deus, já não sou senão fr. Arsenio; nem já de mim ha essa lembrança vaga, outorgada aos mortos, e que lhes rende preces pelo eterno repouso de suas almas!... Estevão, toma este relógio, unica joia que me resta de minhas antigas riquezas... O thesoureiro de Filippe 2º ainda não pagou o quartel da minha penção, vencido ha quinze días: não tem um punhado de pezos duros para me dar!... Porém eu vou escrever a Velasques a teu favor e rogar-lhe que te admitta ao numero de seus alumnos. Diz-me agora o teu nome todo; devo sabelo para o mandar a Velasques. Não tens que temer traição minha.

— Não me envergonheis mais, senhor; chamo-me Estevão Murillo.

— E tu, meu litterato, em que te poderei ser util?... O meu credito é nullo na côrte, como acabaste de ver; e a minha recommendação, em vez de aproveitar-te, te acarretaria dis-
sabores e perseguições, como as que lá promovem ao padre Bartholomeu, que fôra meu confessor. E' verdade; o imperador Carlos e fr. Arsenio nem por isso parecem muito orthodoxos á in-
quisição e a Filippe 2º.

— Senhor; (respondeu o mancebo) só duas cousas tenho a pedir-vos, que bastam para me encher de satisfação e de orgulho.

— Falla, que eu t'as concedo.

— A primeira é o perdão das insensatas palavras que hontem em vossa real presença proferi.

— Nem dellas já me lembro...

— A segunda, a permissão de tocar com meus labios essa mão gloriosa.

— Vem a meus braços (lhe disse Carlos com visivel commoção d'alma). Soldado e

poeta, és digno do abraço do imperador!... Adeus, filhos, ide encetar no mundo a vossa carreira: oxala que as artes e as letras vos deparem mais grata e menos dolorosa gloria do que essa que me custou a supportar sentado no throno imperial! Adeus... Peço-vos que vos lembreis algumas vezes de fr. Arsenio.

— Nunca esquecerá este dia a Miguel Cervantes! bradou o poeta, beijando a mão do imperador; Estevão Murillo o imitou; e Carlos 5º estendendo a dextra sobre as cabeças d'ambos lhes deitou a benção; limpou com o

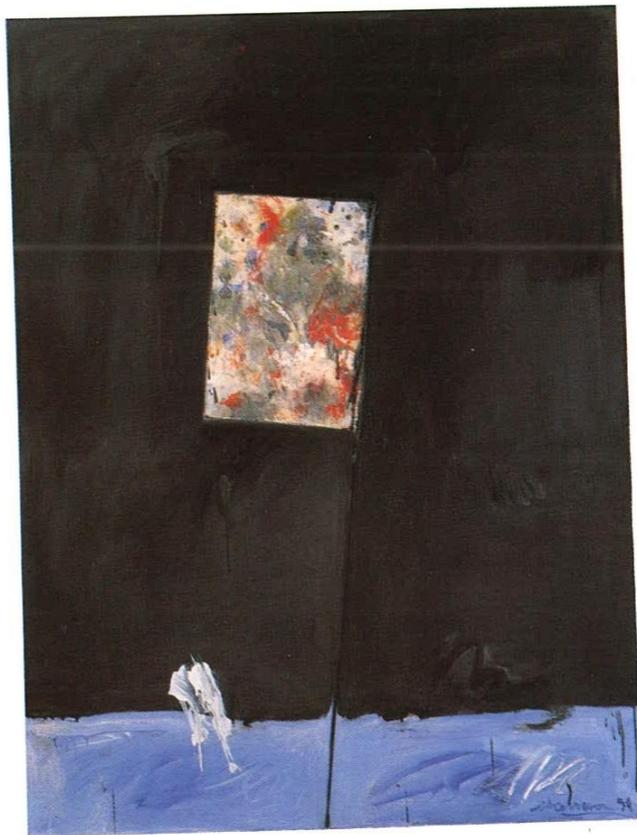
grosso panno da manga algumas lagrimas que lhe despontavam nos olhos, e tomou o caminho da sua cella.

Os dois companheiros partiram em seguida para a côrte de Madrid: Murillo, aproveitando as lições de Velasques, veiu a ser um dos pintores mais insignes e fecundos da eschola hespanhola; Cervantes, tomando por guia unica o seu pasmoso engenho, compoz os immortaes livros de *D. Quixote*, e morreu pobre e sem premio da patria, a quem na milicia e com a penna servira.





ANTÔNIO CHARRUA
CÍRCULO CICLOPE 1992.
Acrílico sobre tela. 160 X 160 cm
Fotografia: Gustavo de Almeida Ribeiro.



ANTÔNIO CHARRUA
BANDERA DE LATA 1991.
Óleo sobre tela con colagem. 130 X 97 cm
Fotografia: Eduardo Grilo.



JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO

SIN TÍTULO 1991.

Acrílico sobre tela. 100 X115 cm

Fotografía: Eduardo Grilo.



JOSÉ ANTÔNIO CARDOSO

SIN TÍTULO 1991.

Acrílico sobre tela. 137 X157 cm

Fotografía: Carlos Melancia.

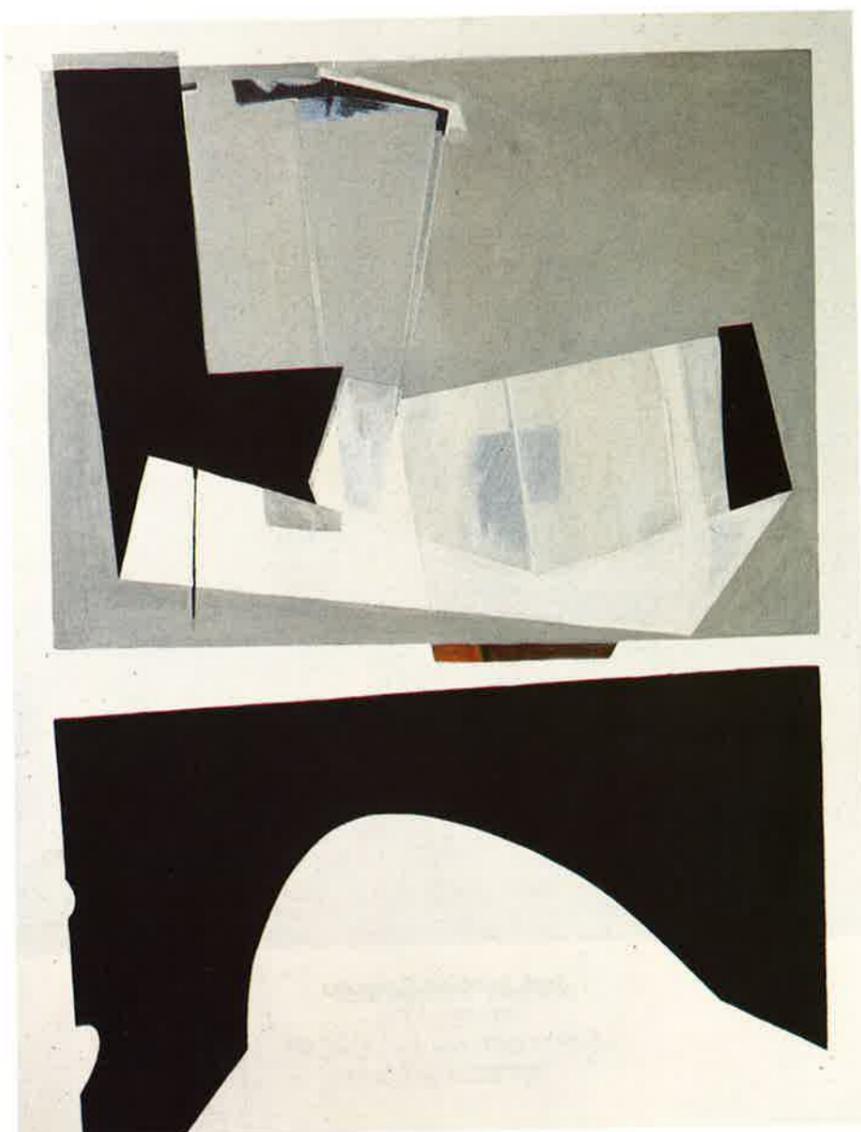
Crónica de vientos y casamientos (3)

Aires de Capital

ESTA Lisboa, tan llena de eventos, movidas y demás zarandajas, le recuerda inevitablemente a una España del pre-92. Pese a que la crisis es universal, como todo en estos tiempos que corren, y va dejando en la cuneta a toda velocidad a un sinfín de parados y "disponíveis" que de cuando en cuando llena la calle de gritos como sobresaltos en medio de un sueño que nadie parece escuchar, lo cierto es que Lisboa está abarrotada de proyectos, tantos, tan vastos, que lo mejor es hacer las maletas de inmediato y venirse a verla antes de que cambie de arriba abajo y sea otra. Y si quiere uno hacerse idea del ca-

pital de ilusión de que disponen aún los portugueses en estos tiempos de desencanto, bastará al curioso viajero pasarse por el dantesco lodazal de basura y desechos industriales que es hoy cabo Ruivo e imaginarse allí dentro de sólo cuatro años la flamante Expo-98. Los más desconfiados piensan que todo es una estratagema de las petroleras, de cuyas instalaciones la zona está llena, para que les trasladen de gratis a áreas más saludables y encima les paguen el deshecho industrial que dejan a precio de tecnología punta. Pero sea como fuere, lo cierto es que hay que tener una fe a prueba de multinacionales para intentar el milagro.

Finalmente, cuando la acaben, la ciudad quedará nuevecita y como recién planchada y esperemos que igual de encantadora en su traje de domingo lleno de colorines. De momento, con todos los andrajos de que el tiempo y la incuria la han vestido, los harapos que cuelgan de sus principales monumentos en restauración y ese color lavado por la intemperie, más panza-burro que blanco, que la distingue, esta vieja y digna señora que es Lisboa se ha visto convertida, además de en Capital Europea de la Cultura, en capital de los países lusófonos desperdigados por 5 continentes y en Capital Iberoamericana. Toda una capital del



DOMINGO REGO
Sin título 1992. Acrílico sobre tela. 116 X 89 cm
Fotografía: Gustavo de Almeida Ribeiro.



mundo como quien dice. Y como es humana costumbre de los nuevos potentados, su primera acción notable por omisión ha sido relegar al olvido al vecino de al lado. En el año en que esta ciudad luce la mejor y más diversa oferta cultural de los últimos tiempos, la participación española en la programación oficial de Lisboa-94 es menor que la de cualquier año en un festival de otoño, y queda reducida al ballet Nacional de España, en el apartado de las danzas de origen étnico junto con un ballet de Georgia, y en el apartado de animación y música popular, al estreno en el almacén 22 del nuevo espectáculo sobre el poder y la comunicación de la Fura dels Baus, que, aunque muy lejos ya de la fuerza revulsiva de sus ori-



genes, consiguieron una gran fuerza plástica jugando sabiamente con elementos muy simples y con la palabra, que adquiere por primera vez en sus montajes un papel relevante. A ello podríamos añadir una película española en la selección de las cien mejores europeas —"Viridiana", de Buñuel—, y otros dos en el anexo "+78": "La Colmena", de Victor Erice, y "Cielo Negro" de Manuel Mur Oti. Incluso parece que la flamante capital de Europa quiera olvidar sus humildes orígenes ibéricos.

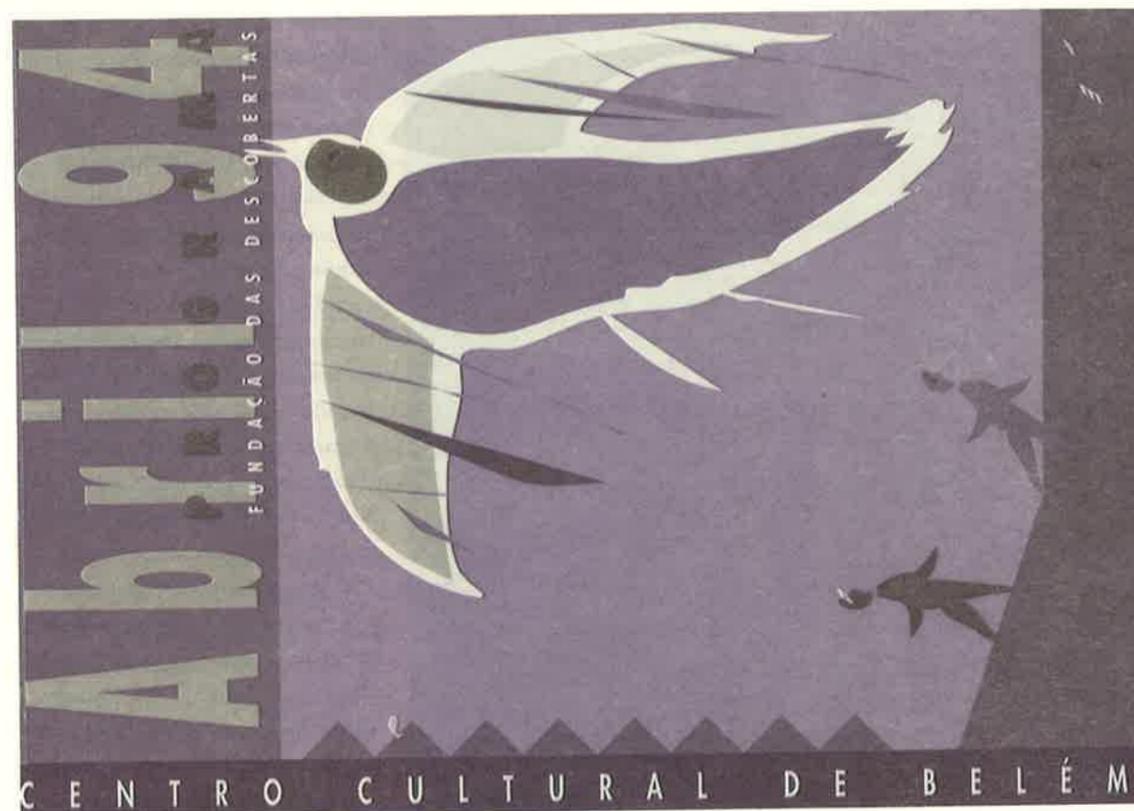
No es el único olvido.

Como han señalado los cronistas más lúcidos del lugar, ni la Europa que está en guerra ni la que despunta más allá del viejo telón caído tienen un hueco en esta capital, pese a que Bosnia ha estado en el centro de las preocupaciones de los europeos y movilizado sus mejores

fuerzas intelectuales y pese a la vitalidad cultural demostrada en los últimos festivales por los países del Este. No interesa nada que pueda amargar el espectáculo cultural a todo trapo —ocho mil millones de presupuesto, mucho más que sus antecesoras, Madrid y Amberes— con que Portugal celebra el fin de la situación marginal en que paso a paso se ha ido hundiendo tras los Descubrimientos. Hasta en esto recuerda la España del 92. Y es pena, porque el lema directriz de la capitalidad, "Lisboa, encrucijada de cultu-

ras", tan en la línea del pensamiento con que en 1985 la recientemente fallecida Melina Mercuri lanzara la idea, daba para promover un auténtico encuentro de culturas más allá del espectáculo, sin escamotear lo que tienen de conflictivo y crítico.

Descontados estos por menores, la capitalidad está cumpliendo con creces todas las expectativas que su comisario, Vitor Constancio, expuso en el cierre de la de Bruselas: un programa que, influenciado por la localización periférica de Portugal y su capital, así como por el hecho de que la cultura portuguesa fuera poco conocida, pretendía asegurar un momento de fuerte afirmación cultural de los portugueses en el contexto europeo, convirtiendo Lisboa-94 en un escaparate de la cultura portuguesa de cara al exterior: Se trataba, en primer lugar, de hacer visible Lisboa y la cultura portuguesa al resto de los europeos, saliendo de una vez del aislamiento cultural que ha vivido este país. En segundo lugar, de fomentar la creación cultural nacional y conquistar nuevos públicos, superando la dispersa, inconexa y un tanto pueblerina oferta cultural de Lisboa, aunque esto tuviera cierto encanto. Por último, de aprovechar la ocasión para ir adecentando el patrimonio, que buena falta le hacía. Todo ello sin perder de vista el hori-



zonte de la Expo-98. Con un presupuesto muy generoso y apoyo político firme, producto del consenso entre el Gobierno del PSD y el Ayuntamiento de Lisboa regentado por socialistas y comunistas —a ver si aprenden los de Madrid—, se firmaron acuerdos con otras entidades culturales como la Fundación de los Descubrimientos, la Gulbenkian, la Culturgest, la Cinemateca Portuguesa, la Misericórdia de Lisboa, los Teatros Nacionales de S. Carlos y D^a Maria II, y un largo etcétera que llega hasta las asociaciones culturales de barrio. El resultado fueron 100.000 visitantes de las exposiciones y espectáculos sólo durante el primer mes, cuando aún se estaban calentando los

motores. Más de medio millón de españoles que visitaron Lisboa durante la semana santa, una barbaridad si tenemos en cuenta que la ciudad tiene 650.000 habitantes. Y luego, a finales de abril, cuando a la capitalidad europea se juntó la iberoamericana y la lusófona, la verdad es que uno no supo dónde meterse de tantos sitios como tuvo a dónde ir.

A todo ello hay que sumar el 5^o centenario del Tratado de Tordesillas, que ahora se celebra en una exposición en la Torre do Tombo como "O testamento de Adão", y el vigésimo cumpleaños del 25 de abril, que a tono con las circunstancias este año se celebra a bombo y platillo, y a cuyos actos conmemorativos se ha su-

mado esta revista, que no en vano tiene dos buenos motivos para celebrarlo: el del fin del fascismo y el del comienzo del deshielo en las relaciones entre los dos estados peninsulares. La mesa redonda celebrada el 27 de abril en el Salón Noble del Instituto Español sobre el tema "25 de abril: 20 años después", contó con la participación del general Galvao de Melo, el teniente coronel da Fonseca, el capitán Durán Clemente, el periodista Manolo Bello y el dirigente comunista Aurelio Santos. Lástima que, a modo de cierre y como quien corre un tupido velo, alguien, amparándose en el verano, decidiera cubrir con una espesa capa de pintura rosa los murales de Alcântara, uno de los escasos



recuerdos que quedaban en Lisboa de los vientos de libertad que se desataron en esta ciudad un abril de hace ya 20 años. Toda conmemoración es también un entierro.

Por el resto, y como no es cosa de volverles a contar los actos programados, dado que los medios de comunicación españoles están haciendo un seguimiento exhaustivo del Lisboa-94, refiriéndonos sólo a las relacio-

nes hispano-portuguesas, que como dijimos tan escasa relevancia tienen en la programación oficial, en los últimos días de abril, Acarte en la sala polivalente de la Gulbenkian propuso como tema para celebrar el Día Mundial de la Danza "La nueva danza en el espacio ibérico", con la pretensión de mostrar los desarrollos más recientes en la producción de ambos países, facilitar el intercambio,

de vital importancia para las jóvenes compañías, y conjugar los distintos intereses de cara a poner en marcha una red de producción y distribución a escala de la Península Ibérica. En su primer día, el 29 de abril, Alfonso Ordóñez y Sabine Dahrendorf disertaron sobre "La nueva danza en España: tierra de nadie". M^a José Fazenda lo hizo sobre "A nova dança portuguesa no quadro da nova dança europeia". Fátima Anllo Vento habló de "bases para un espacio ibérico de la danza". Gil Mendo hizo "Algumas considerações sobre a importância da criação de uma rede ibérica de nova dança". Finalmente, Olga Mesa —"Nova dança no espaço ibérico"— y António Pinto Ribeiro —"O expressionismo do Sul"— analizaron el marco teórico en que se desarrolló esta iniciativa, que puede ilustrar el nivel de profundidad a que están llegando las relaciones culturales entre los dos países en algunos campos. Las comunicaciones continuaron durante el 30 de abril, culminando con un espectáculo de presentación de los coreógrafos Babeto Cidra, Blanca Calvo, Ramón Oller, Olga Mesa y Carlos Marquerie.

En el terreno de la literatura, dentro del programa de la Capital Iberoamericana de la Cultura, que comenzó a desarrollarse en abril, abriendo el mes de mayo tuvimos un encuentro de poetas de lengua portuguesa y española en la Casa Fernando Pessoa, al que

siguió el III Congreso Iberoamericano de Periodismo Cultural. No tiene, pues, nada de extraño que el propio Vitor Constâncio califique las relaciones culturales hispano-portuguesas de "auténtica explosión", por mucho que se las subestime en algunos eventos y pese a que España, o Castilla, siga siendo para los portugueses, como para otras nacionalidades de la Península, un magnífico "sparring" frente al que afirmar su identidad.

Y para acabar, si no un casamiento por lo menos el comienzo de un noviazgo. El primer reencuentro, tímido pero serio, entre el gallego y el portugués, dos hermanos que se fueron a hacer las Américas cada uno por su lado, tiene lugar el 24 de mayo de 1994. Desde que, allá por el s. XVII, en tiempos de Afonso VI, el recién independizado Portugal intentara raptar Galicia y llevársela al huerto, no se recuerda nada parecido. El caso es que, a raíz de la visita de Fraga, se firma un convenio para la creación de un Centro de Lengua, Literatura y Cultura Gallegas entre la Universidad y la Junta de Galicia y la Universidad Nueva de Lisboa (UNL), correspondiendo a Galicia financiar la iniciativa en lo referente a profesores, actividades y material bibliográfico, y a Portugal facilitar las infraestructuras, creándose una comisión para aprobar el proyecto de actividades anual del Centro. En palabras del presidente del Consejo

Científico de la UNL, se trata de "conjugar los caminos del Atlántico con los caminos de Santiago". Ahí es nada.

Por si quedaran dudas de la seriedad de las relaciones, Cavaco y Fraga comenzaron a renegón seguido a hablar de dinero. Resultado: dentro de tres años si Dios quiere Santiago y Lisboa estarán unidas por autopista, entre Vigo y Oporto circulará un tren a 100 por hora,



nuevos puentes unirán Vila Nova de Cerveira a Tomiño y Melgaço a Arbo, el parque nacional portugués de Peneda-Gerês se extenderá también por el sur de Orense y la TV Galicia se verá con toda nitidez en el norte de Portugal, donde posiblemente contará con delegaciones permanentes, gracias al nuevo repetidor que se va a instalar en Maia a tal efecto. Todo un futuro.

Escondido entre los pliegues de tanto acontecimiento, tuvo lugar hace unos meses en

Oporto un Congreso sobre Miguel Torga, viejo iberista que acaba de sacar el último volumen de sus diarios, donde por cierto se atreve a entonar su propio réquiem.

Este escritor, eterno aspirante al premio Nobel que con toda injusticia la literatura portuguesa nunca tuvo, es aún, pese a que varios de sus libros han sido traducidos al español, casi un perfecto desconocido en el "país de al lado", donde para la mayoría de los lectores la literatura contemporánea portuguesa empieza con Pessoa y acaba en Saramago sin nada en medio. Sin embargo, a él entre otros debemos la "explosión cultural" que ahora vivimos. Mientras Franco y Salazar, con su política de "costas volgadas" levantaban entre los dos países un telón de acero ibérico que sólo hace ahora 20 años comenzó a caer a golpes de clavel, Miguel Torga, en sus "Poemas Ibéricos", escritos entre 1952 y 1965, cantaba a la Península,

Terra nua e tamanha

Que nela coube o Velho-Mundo

[e o Novo...]

Que nela cabem Portugal e

[Espanha]

E a loucura com asas do seu

[Povo.]

Manuel López

EFEMÉRIDES

EL TRATADO DE TORDESILLAS: Vº CENTENARIO

CRISTÓBAL COLÓN en su *Diario de a bordo* nos dejó escrito, sobre la entrevista que mantuvo con D. João II en Sacaven, en el Vale do Paraíso, el día 9 de marzo de 1493, que D. João "mostró haber mucho placer del viaje haber habido buen término y se haber hecho; mas que entendía que en la capitulación que había entre los Reyes y él que aquella conquista le pertenecía. A lo cual respondió el Almirante que no había visto la capitulación ni sabía otra cosa, sino que los Reyes le habían mandado que no fuese a la Mina ni en toda Guinea, y que así se había mandado apregonar en todos los puertos del Andalucía antes que para el viaje partiese" (1)

En este texto están presentes algunas de las claves de los conflictos y enfrentamientos que mantuvieron durante algunos años Portugal y Castilla por la expansión oceánica de estos reinos en el siglo XV. La experiencia histórica era la propia de reinos vecinos y en expansión, con aspiraciones que con frecuencia pasaban las fronteras en unas ocasiones para atender a llamadas de

naturales y en otras a la ambición propia de los reyes. En esta ocasión tan sólo serían amenazas y preparativos, pues la mediación de la Santa Sede aún supo ejercer su autoridad y buenos oficios.

Los dos reinos más occidentales de la Península habían tenido enfrentamientos no sólo derivados de la delimitación del espacio en la reconquista. Desde la segunda mitad del siglo XIII, cuando Portugal termina su reconquista y Castilla-León completan la de la Andalucía occidental, harán todo lo posible porque aquel mar que todos temían y que permanecía ignoto sea privado y cerrado para ellos, las circunstancias y la imposibilidad de dominarlo en exclusiva hará que los dos reinos lo participen y, de aquí que pasen a dividirlo y a repartirse el mundo también.

La expansión atlántica portuguesa, que llenó las mejores páginas de la historia universal escrita por los portugueses: "o mundo do conhecimento começou a alargar-se até limites inimagináveis e o da convivencia a quebrar fronteiras para chegar hoje a todo o planeta em que vivemos" (2), ha merecido páginas tan im-

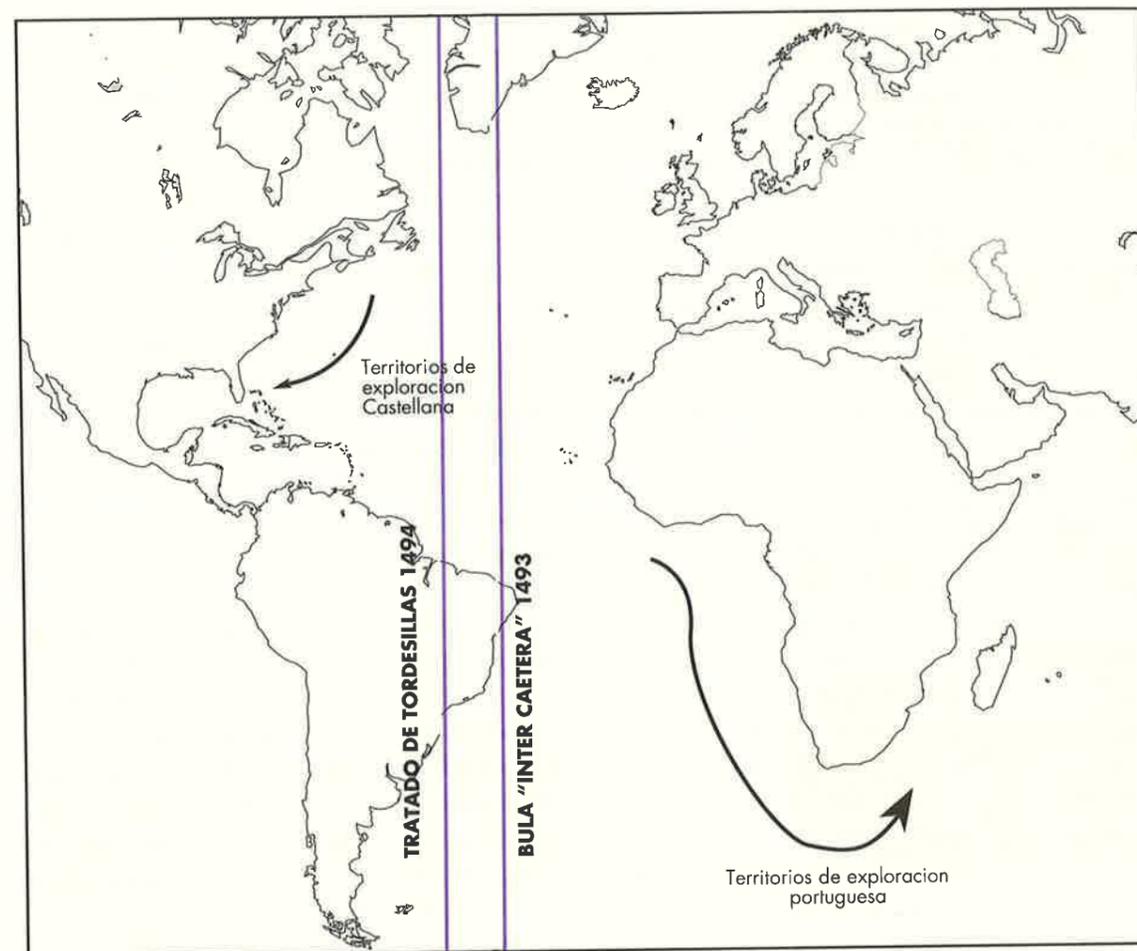
portantes como las escritas desde Duarte Pacheco Pereira en *De esmeraldo de situ orbis*, pasando por Luis Vaz Camões en *Os lusíadas*, por Gonzalo Eanes de Zurara en *Cronica da Guiné*, y hasta Vega Simões, Jaime Cortesão, Luis Albuquerque y tantos otros que han destacado el protagonismo de Portugal y sus gentes, sus reyes y sus héroes.. apareciendo como un caso raro de consenso histórico nacional.

El antagonismo castellano-portugués por el dominio del atlántico próximo está protagonizado por las islas Canarias. Las primeras noticias sobre estas islas, según recientes investigaciones (3), se deben al genovés LANZAROTE LOCELLO que viajó hasta ellas hacia 1336 con apoyo mallorquín y andaluz, y recogidas en el portulano de A. DULCERT hecho en Mallorca en 1339. Pocos años después, el papa CLE-

(1) COLÓN Cristóbal, "Diario de a bordo" Eds de Luis Arranz. *Historia 16* Madrid 1991 págs. 213-214.

(2) ALBUQUERQUE, Luís, *Dúvidas e certezas na história dos descobrimentos portugueses* Vega, 1990 pág 12

(3) QUESADA LADERO, M. Angel "Conquista y colonización de las Canarias", *Historia 16*, num..85. Madrid, 1985



Reparto del mundo entre castellanos y portugueses en virtud de la bula «Inter Coetera» y el tratado de Tordesillas.

MENTE VI concederá estas islas, con la dignidad de reino a LUIS DE LA CERDA, nieto de Alfonso X el Sabio, pero tanto portugueses como castellanos protestaron ante la Santa Sede, lo que recuerda el problema de las investiduras sobre la preeminencia del poder espiritual ejercido por la Santa Sede y el poder terrenal ejercido por los reyes Para los portugueses, el primero en llegar fue PES-SAGNO, genovés, a quien D. DINIS había dado el mando de la flota real portuguesa y habría visitado alguna isla antes de la concesión papal; por su parte Castilla

defendía la pretensión falsa y excesiva de que las Islas Canarias habían pertenecido en el pasado a la Mauritania Tingitana y ésta a los reyes visigodos y los reyes castellano-leoneses eran sus más legítimos herederos. Frente a unos y otros la Santa Sede mantenía que al no existir dueño político cristiano en las islas, los habitantes carecían de derecho de soberanía y de legitimidad para oponerse a la acción evangelizadora. Era esta una manera fina y no carente de mala intención de presentar la evangelización como pretexto para la conquista, como si la sobe-

ranía procediese más de la fe que del sentir y de la voluntad de los naturales. Aunque no hay que olvidar que la evangelización y con ella la cruzada era de aceptación social pues el mismo Zurara considera que una de las razones que movieron al infante D. Henrique fue la de traer a la iglesia de Cristo todas las almas que no la conociesen y en ella se quisiesen salvar (4). Esta consideración también será aplicada en América por España. Toda presencia

(4) ALBUQUERQUE, Luís, *Os descobrimentos portugueses*, Alca, 1985, pág.12

EL TRATADO DE TORDESILLAS

Representantes de los Reyes Católicos

Procuradores Plenipotenciarios

Enrique Enriquez, Gutiérrez de Cárdenas de León Rodrigo Maldonado	Mayordomo Mayor, Comendador Mayor Jurisconsulto	Consejero Real Consejero Real Consejero Real
--	---	--

Testigos

Pedro de León, Fernando de Torres, Fernando de Gamarra	Experto, Experto, Experto,	Asesor Asesor Asesor
--	----------------------------------	----------------------------

Secretario

Fernando Álvarez de Toledo,
Alto dignatario

Representantes de Juan II de Portugal

Procuradores Plenipotenciarios

Ruy de Sousa	Señor de Sagres I y Berage	Consejero Real
Juan de Sousa	Almotacen Mayor del Reino	Consejero Real
Arias de Almadana	Corregidor de la Corte	Consejero Real

Testigos

Duarte Pacheco Pereira	Cosmógrafo y Navegante	Experto
Juan Soares de Sequeira	Cosmógrafo y Navegante	Experto
Ruy de Leme	Cosmógrafo y Navegante	Experto

Secretario

Esleban Vaaz Secretario de Juan II Alto Funciona

ajena era molesta pues podía perturbar los planes de expansión. De ahí el interés por desplazar al competidor o en su defecto compartir con él el dominio.

A pesar de que Castilla y Portugal disientan con respecto a la Santa Sede por la merced concedida a Luis el Afortunado, tanto una como el otro acudirán a Roma a la petición de bulas y contrabulas como lo demuestra la solicitud de Don Henrique hecha al papa Eugenio IV sobre los dominios de las islas aún gobernadas por paganos, a lo cual se opuso Castilla mediante las *Allegationes* defendidas por Alonso García de Santa María, y tras demostrar mejores derechos,

concedió a los castellanos en la bula *Dudum cum ad nos* lo que antes había concedido a D. Henrique. Este reconocimiento más la experiencia conquistadora llevada a cabo en las islas desde 1393, ligada a intereses económicos y como todo el comercio africano de la época más cerca siempre del curso interesado por el botín y los esclavos que del pacífico tráfico de mercancías, hizo real esta presencia castellana en el Atlántico, aunque insidiosa y molesta para la expansión que los portugueses llevaron siempre con tanto sigilo

Ocasión para resolver esta situación a favor de Portugal fue la que brindó la guerra civil castellana a la muerte de Enrique IV, pero la fortuna no fue propicia a D. Afonso V que es derrotado en la batalla de de Toro (1476) (5), por el joven rey Fernando que sirviéndose del dinero de la Iglesia y de los pueblos logró mantener su ejército (6), mientras que el de Portugal, a su vez, fue apoyado por nobles castellanos. Las hostilidades terminaron con la paz de ALCAÇOVAS-TOLEDO (1479-1480), por la que se otorgan mutuo reconocimiento, los RR.CC. como reyes de Castilla y D. Afonso V como rey de Portugal. Esta paz preveía también la posibilidad de una futura sucesión mediante el acuerdo matrimonial; "establecía un entendimiento: Castela reconocía o fundamento dos direitos portugueses ao dominio da costa africana e das ilhas atlânticas, com excepção das Canárias, e comprometia-se a impedir que os seus

naturais, ou navegadores estrangeiros, preparassem nos portos castelhanos navios de comercio para aqueles lugares, salvo no caso de para iso possuirmos auto-rição expressa do rei de Portugal" (7) A este respecto se dice en el mencionado tratado que a Portugal correspondían "todas as ilhas que agora têm descobertas e quaisquer outras ilhas que se acharem ou conquistarem, as ilhas de Cánaria para baixo contra Guiné, porque tudo o que é achado e se achar, conquistar ou descobrir nos ditos limites para além do que já está achado, ocupado, descoberto, fica para os dito rei e príncipe de Portugal e seus reinos, tirando somente as ilhas de Canánaria" (8).

El papa SIXTO IV confirmaría el Tratado de Alcáçovas-Toledo por la bula *Aeterni regis* de 1481. Y nada se comenta, sobre las navegaciones al Oeste por lo que del lado portugués se interpretará que todo lo que se encuentre más allá a una supuesta línea horizontal o paralelo por debajo de las Canarias constituye zona propia y reservada. Contra esta pretensión los españoles restringen la zona de influencia portuguesa, según los estrictos términos castellanos del tratado "con-

(5) MAGALHAES, Francisco José, *John Cam Hobhou e Portugal Diari de Viagem, 1809. Livros Horizonte, 1995* "da inconclusa Batalha de Toro" (pág 261)

(6) MAQUIAVELO, Nicolás *El príncipe*, Oiticil, Argentina, 1980, pág. 79.

(7) SERRAO, Joel, *Diccionario de História de Portugal*, Porto, 1985, Vol VI, pág. 175

(8) TRATADO DE ALCAÇOVAS-TOLEDO (1479-1480)

tra Guinea", y de los latinos de la *Aeterni regis* "ultra et citra et in conpectu Guinae" (más allá, más acá y a vista de Guinea) (9)

Para Portugal los Reyes Católicos habían roto el tratado al mandar a Colón hacia las Indias, pues había superado el paralelo sur de las Canarias, y para los reyes de Castilla dicho tratado tan sólo obligaba a no ir contra Guinea. Tras la noticia proporcionada por el propio Colón a D. João II en la entrevista que comentábamos al principio, salió de Lisboa a la corte española RUI DE SANDE, al tiempo que el rey Fernando acudió, para asegurar su posición, a la autoridad del papa Alejandro VI quien concedería las "bulas alejandrinas" (10) en que se otorgan a los RR.CC. privilegios similares a los concedidos con anterioridad a los portugueses por otros papas. A su vez, los Reyes Católicos enviaron a LOPE DE HERRERA a Lisboa para "comunicar a D. João II el descubrimiento colombino y pedirle respeto para el mismo" (11)

En la bula *Inter coetera* de mayo de 1493, conocida también con el nombre de "bula de partición" para evitar el conflicto entre los reinos cristianos que hacían preparativos bélicos, trazaba una línea de polo a polo a 100 leguas al occidente de las islas Azores y de Cabo Verde, pero como estas islas no se hallan en el mismo meridiano, se trataba de una línea antigeográfica. Suponía de hecho esta bula la delimitación de los derechos concedidos en las bulas anteriores a Portugal y Castilla, y además tenía la signi-

ficación de ser el primer reparto que se hace del mundo en dos zonas de dominio e influencia, y será el último reconocimiento de la autoridad supranacional del papa.

El Rey de Portugal se siente perjudicado por este reparto y los RR.CC. acceden a una reunión de plenipotenciarios y de expertos que tendrá lugar en Tordesillas, en la que se abandona la propuesta inicial de D. João II de dividir la tierra por el paralelo de las Canarias, quedando el área situada al norte para Castilla y conservando así Portugal bajo su jurisdicción la zona explorada en la costa africana, ya reconocida en el Tratado de Alcáçovas-Toledo. El tratado de Tordesillas se firmó el día 7 de junio de 1494. De su contenido destacamos que en él se fija un meridiano de partición a 370 leguas al Oeste de Cabo Verde, por el que el globo terráqueo es dividido en dos hemisferios, siendo el occidental para Castilla y el hemisferio Oriental para Portugal. Por el desplazamiento de la "línea de delimitación" hacia el Oeste propuesta por Alejandro VI, "el rey portugués tuvo la clarividencia de reservarse Brasil, lo cual, como una coincidencia caía al oriente de la línea divisoria" (12) pero no por ello se defiende hoy un predescubrimiento de Brasil mantenido en secreto por Portugal, como durante algún tiempo la historiografía portuguesa mantenía, sino que en la determinación del meridiano no parece que mediase otra consideración que el "reservar para as navegações portuguesas una vasta

área de manobra no Atlântico, onde tinha interesses" (13) el rey D. João II. También se recoge el compromiso de no realizar exploraciones en el hemisferio atribuido a cada uno y ceder a la otra parte las tierras que involuntariamente encuentre en el hemisferio ajeno. Se fijaba un plazo de diez meses para trazar el meridiano (dos carabelas una portuguesa y otra castellana) y se autoriza a los súbditos castellanos a atravesar la zona lusa en su navegar hacia el Oeste pero sin detenerse a explorar en ella así como se comprometen a no acudir al Papa para que les librase del juramento

Esta última referencia inequívocamente nos habla ya de una modernidad donde la autoridad de la Iglesia no será temida como en épocas anteriores muy recientes. Así los derechos castellanos a las Indias se asientan más en los derechos derivados del descubrimiento que en las Bulas (14).

Se confeccionaron dos originales del tratado que comentamos uno escrito en castellano ratificado por los RR.CC. y el príncipe don Juan en Arévalo el 2 de julio de 1494 y remitido a Lisboa.

(9) O'DONNELL, Hugo, "El Tratado de Tordesillas" *Historia 16*, núm Madrid, 1995

(10) GIMENEZ FERNANDEZ, M. *Las Bulas Alejandrinas de 1493* - Sevilla, 1945

(11) MORALES PADRON, F. *Historia del descubrimiento y conquista de América*, E. Nacional, Madrid, 1981, pág. 140

(12) SOARES, Mario, "Portugal también es Iberoamérica" *El País*, Lunes, 7 de enero de 1992. Madrid.

(13) SERRAO, Joel, *obra cit.*, pág. 176

(14) MORALES PADRON, F. *Obra cit.* pág. 127

y otro escrito en portugués ratificado por D. João II en Setúbal el 5 de septiembre de 1494 y enviado a España. El primero se conserva en la Torre do Tombo de Lisboa y el segundo en el Archivo General de Indias de Sevilla.

Este Tratado abre la modernidad porque se basa en el compromiso de reinos que se mueven dentro de los parámetros propios de la monarquía autoritaria y no al arbitraje o mediación del papa aunque fuese confirmado por Julio II en 1506 a petición de D. Manuel I el Afortunado. Y gozó de una larga vigencia legal aunque con distintos niveles de cumplimiento entre los estados firmantes como en el conflicto planteado por la posesión de las Molucas que termina el contencioso entre Portugal y España en el Tratado de Zaragoza (22 de abril de 1529) por el que Carlos I cede la posesión de las Molucas a Portugal y D. João III en compensación le entrega 350.000 ducados de oro por "todo o direito, accao, dominio, propriedade e posse, que por qualquer modo pudesse ter para navegar e comerciar em Moluco"(15).

Ducados bien recibidos por unas arcas siempre necesitadas de numerario para la defensa de la ortodoxia religiosa y del imperio, así como para el imperio indiano cuyo descubrimiento) había provocado la firma del Tratado de Tordesillas. Por parte de las potencias europeas mereció poco respeto y muchos ataques a la situación de monopolio que España y Portugal pretendieron ejercer; no obstante, teniendo en

cuenta el nivel de cumplimiento a que estamos acostumbrados en la historia más reciente, nos parece que su observancia fue relativamente suficiente, y entre los países firmantes la consideración sería de aceptable. De una y otra manera, alcanza hasta el año de 1713 en que se firma la Paz de Utrech, que establece, tras la Guerra de Sucesión a la corona española, un nuevo orden internacional basado en el equilibrio continental europeo y en la hegemonía de Inglaterra en los mares. En esta paz España fue la gran perdedora, pues vió reducida su presencia en Europa, Inglaterra retenía como colonias Menorca y Gibraltar y aceptó la quiebra del monopolio indiano al permitir a favor de Gran Bretaña el "navío de permiso", de quinientas toneladas, que podía enviar anualmente a la América del Sur y el "derecho de asiento" relativo al monopolio de importación de mano de obra esclava africana, actividad a la que con anterioridad se habían dedicado tanto portugueses como franceses. Los españoles por un prejuicio ideológico religioso cayeron en la esquizofrenia de aprovecharse de la mano de obra esclava en el trabajo, pero no en el desarraigo forzoso de la población negra africana para las Indias. En este contexto Felipe V (6 de febrero de 1714) entregó a Portugal la colonia del Sacramento.

Frente a situaciones políticas recientemente superadas, el Tratado de Tordesillas se presenta como la primera división del mundo en zonas de exclusividad

política formalmente en vigor durante 220 años frente a los que 44 años que van desde el final de la Segunda Guerra Mundial y la caída el muro de Berlín a finales de 1989 en que el mundo contemporáneo ha estado dividido por dos sistemas ideológico político-económico antagónicos representados por las dos potencias hegemónicas de este período la U R S S y los EE UU. de América que disponiendo también de instrumentos militares al servicio de los sistemas, la inestabilidad ha sido constante a través de terceros países.

A pesar de la vigencia temporal tan prolongada el Tratado será ahora en la conmemoración del quinto centenario de su firma cuando aquella cláusula referida a la determinación de la línea de demarcación o meridiano de Tordesillas (48 35, 25,,) por aquellas dos naves, una portuguesa y otra española se cumpla, pero como los imperios español y portugués han desaparecido y en ellos se ha constituido países libres por lo que 500 años después será navíos de España Portugal, Argentina, Brasil, Uruguay y Venezuela los que señalen simbólicamente la línea de Tordesillas que un día dividió al mundo

Lisboa, marzo de 1994

Felipe Gutiérrez Llerena

(15) SOARES MARTINEZ, Pedro, *Historia diplomática de Portugal*. Verbo, 1984, pág. 101

BOCA BILINGUE RESEÑA

LIBROS

DE LA NATURALEZA DEL BREZO

Miguel Torga

Diário, XVI, Edición del aula, Coimbra, Diciembre 1993.

Abunda en las tierras trasmontanas este "arbusto eriáceo, ramoso, con flores pequeñas y cuya madera sirve para hacer carbón de fragua".

Dicho lo cual, piensen los exégetas lo que prefieran sobre por qué Adolfo Correia da Rocha, médico de profesión, natural de São Martinho de Anta, provincia de Trás-os-Montes, decidió hace más de cincuenta años que el del brezo — TORGA en portugués — sería su verdadero nombre, si es que la verdad de un hombre es lo que hace — y escribe — a lo largo de su vida.

Ahora, una rama más le ha salido a ese arbusto, y con ella cierra un Diário comenzado hace sesenta años y cuyo primer volumen apareció en 1941.

El autor de esta breve reseña tiene ante los ojos ese macizo, mozartiano, tremebundo, manriqueño REQUIEM POR MIM que cierra el libro; Requiem áspero y, en verdad "eriáceo", y siente un pudor más

que mediano: ¿Es que los portugueses, a estas alturas, necesitan una glosa, por más encomiástica que sea, de quien, entre otras cosas, es tanto tiempo uno de los candidatos al esperado Nobel en lengua portuguesa? Et sic de ceteris.

Sucede, sin embargo, que felizmente BB llega también a lectores que, bien que ilustrados, universitarios o incluso declaradamente iberistas, no han leído a Miguel Torga. En no pocos casos, su simple mención resulta en España una sorprendente novedad. No exageramos. Cuando casi se puede hablar de un pequeño pero contumaz desembarco de escritores lusoescribientes en España, abanderados por ese embajador de lujo que es José Saramago y tras él brillante estela, la obra de Torga ocupa en las librerías españolas un callado rincón.

Actualmente, en España hay publicados ocho títulos de Torga, seis en Castellano, uno en Gallego y otro en Catalán.

Las Ediciones de Cultura Hispánica editaron en Madrid, en 1984, los *Poemas ibéricos*, en traducción de Pilar Vázquez Cuesta.

La Editorial Alfaguara ha publicado, traducidos por Eloísa Ramírez, las siguientes obras: *La creación del*

mundo (1986), *Cuentos de montaña*, *Piedras labradas*, y *Día rio (1932-1987)* todas ellas aparecidas en 1988.

El Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada sacó a la luz en 1989 las *Odas*, en traducción de Antonio G. Montoya. De 1990 es *La creación del mon* en la Editorial Enciclopedia Catalana, traducida por Vimala Devi de Scabra. La versión al gallego de los *Contos de montaña* (Editorial Galaxia, Vigo, 1993) se debe a Concepción Fernández y B. Real.

Un diario, ya se sabe, son trozos de vida. De la vida propia, diaria y llena con frecuencia de miserias al minuto en forma de enfermedades nada metafóricas, agobios económicos, visitas impertinentes, atardeceres.

Y trozos de la VIDA, con mayúsculas, que no es sólo la de los otros sino algo más, la que el hombre descubre y a la vez crea con su mirada y con su palabra.

El Diario empieza el 11 de enero de 1990 y lo hace con un PORTICO ("Aqui começa a nova caminhada"), primero de los veinticinco poemas que jalonan el libro: un verdadero "poemario", por tanto, de versos rotundos, ásperos, de ritmo

que no duda en romper su arranque clasicista cuando la voz lo cree necesario. Versos que van del grito a la desolada clarividencia; versos que, sin saber bien por qué, nos llevan a acordarnos de Unamuno.

Greta Garbo que se ha muerto esta mañana; Xanana Gusmão que nos desasosiega; Sadam Hussein causando horrores, casi tantos como en Somalia las masacres al amparo del amigo americano... la nota telegráfica nacida de un diario, más eficaz que las largas reflexiones de tantos filósofos nutridos de sopa de convento.

Y "reflexiones", y los grandes "temas" torguianos, esos que están hace tiempo en los estudios críticos y en los manuales de literatura, claro que los hay, claro que están. La TIERRA, por ejemplo —que tampoco nos importa escribir con mayúscula—: Portugal, claro ("Desci nele a todos os abismos..."), Iberia entera. Cuando el 3 de septiembre el escritor atraviesa la frontera, sin policía, carimbos ni fiscais alfandegários, "a velha suspicácia de ibérico livre veio à tona agravada". Un iberismo dolorido (otra vez Unamuno...) quejoso, que se compagina con el europeo que nada tiene que ver con Maastrich:

"sou por nascimento e cultura, europeu, e quero continuar a sê-lo desvanecidamente. Mas sou também brasileiro, angolano, moçambicano, goês, macaense, cabo-verdeano, guinéu, timorense e cidadão de todos os mundo por nos descobertos".

La libertad enfrentada a la identidad, como valores del hombre que a veces obligan a elegir; el dolor y el aliento del hombre que, para resumir en cliché tan viejo como inevitable, es y se siente "de izquierdas de toda la vida", que respira tranquilo cuando en España, a pesar

de todos los pesares, en junio del 93 gana las elecciones el Partido Socialista. Que "o capitalismo só remenda farapos"...

Así podríamos seguir.

"O resultado —dice el autor en la página 199— está à vista: un estendal de dúvidas e gemidos... gritos de alma dum mortal que torceu mas não quebrou".

Exactamente como el brezo.

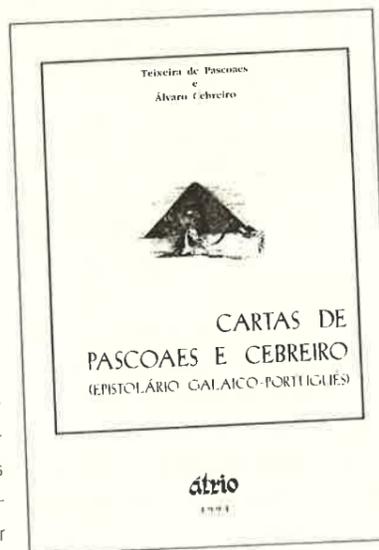
Elias Serra

CARTAS DE PASCOAES E CEBREIRO

Teixeira de Pascoaes e Alvaro Cebreiro

(Epistolario galaico-portugués). Atrio, 1994.

Interesante edición de un conjunto de cartas cruzadas entre el gran poeta portugués y el dibujante gallego entre 1921 y 1931. Esta publicación, como señala en el prólogo el responsable de la edición, António Cândido Franco, constituye el contrapunto necesario al *Epistolario ibérico* entre Pascoaes y Unamuno publicado por iniciativa de Joa-



quim Montezuma de Carvalho (quien cierra también la edición que ahora comentamos con una sugerente *Carta final*). Transcribimos algunos fragmentos de las cartas para solaz de gallegos integracionistas.

PASCOAES: ...A Galiza é a minha Pátria verdadeira, porque só nela encontro almas irmãs da minha! Um dia, hei-de ir a essa Terra Santa em piedosa romagem, hei-de ver e abraçar os meus irmãos.

...Um grande e fraternal abraço deste seu grande amigo e admirador que acredita na redenção da Galiza, com o alvoroço dum filho que espera ver ressuscitar a Mãe...

...Penso muitas vezes na sua pessoa e na sua e minha Pátria Galega...

CEBREIRO: ...Na sua carta deceme que un dia virá a Galiza —que é o Portugal esclavo— em piadosa romagem...

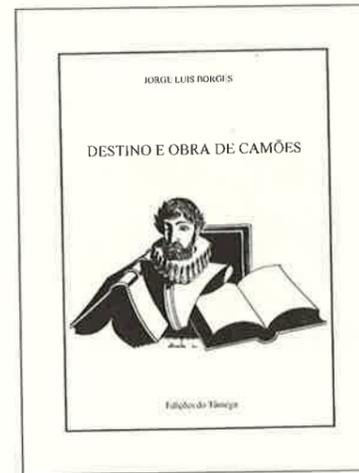
...O Teixeira de Pascoaes que nós queremos que venha é o Teixeira de Pascoaes poeta e apóstolo da redenção galega. O Teixeira de Pascoaes que tem escrito que "a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão castelhano", o Teixeira de Pascoaes que quer que o Portugal esclavo volte a pertencer a Galiza libre...

...Portugal é a minha Patria verdadeira. Un dia hei de ir a Portugal em romagem piedosa...

DESTINO E OBRA DE CAMOES Jorge Luis Borges

Edicoes do Tâmega. Amarante, 1993.

Edición bilingüe de una conferencia pronunciada por Borges en Buenos Aires en 1972 con motivo del IV Centenario de la primera edición



de *Os Lusíadas*. El texto ha sido traducido por Miguel Viqueira y va acompañado de un interesante escrito del sobrino de Borges, Miguel de Torre Borges: *Un día de Jorge Luis Borges*. Prólogo de Joaquim Montezuma de Carvalho.

José Planells

CUADERNA DE POESIA PORTUGUESA

Hace pocos meses ignoraba por completo quien era Adolfo Navas y, en consecuencia, desconocía totalmente la existencia de esta colección. Una tarde de la primavera del noventa y tres sonó mi teléfono, y hete aquí que una voz vagamente conocida surgió de las nieblas del pasado: era mi amigo Rogelio Ordoñez que me anunciaba la visita de Adolfo. Por causas que no vienen al caso, esa visita nunca se realizó. Mucho más tarde, a finales de noviembre, una celadora irrumpió en mi clase anunciándome una llamada: no era Rogelio, era el mismo Adolfo. Quedamos para almorzar aquel día, dado que yo viajaba ese mismo día para Madrid, en el Brisa, al lado mismo del I.L.B. Comimos y hablamos vorazmente, me dejé los dos últimos cuadernos y concertamos una frágil cita en Madrid,

que por motivos que tampoco vienen al caso, nunca se efectuó.

Comento someramente, dado lo exiguo del espacio permitido, el número VIII, editado el año noventa y dos, "Sentimiento del Crepúsculo", que según se dice en contraportada constituye casi toda la sección del mismo nombre del libro *Conhecimento do Apocalipse*, del poeta Paulo Teixeira, en versión de José Luis García Martín. En pocas palabras, la presentación es hermosa, cuidadísima, incluye como separata una fotografía de Bernard Plossu, el papel constituye un gozo para alguno de los sentidos más usados... en suma, un deleite. La traducción es justa, equilibrada, correcta. Lo único que, después de haberlo meditado mucho, seguimos sin comprender es que primero se incluye la traducción, y luego, ya en la página veintiuna, el original. Si no nos engañamos, en poesía es una disposición errónea.

Luis Parga

REVISTAS

ESPACIO/ESPAÇO ESCRITO

Revista de literatura en dos lenguas. Números 9 y 10. Badajoz. Invierno 93-94. Este doble número de ESPACIO/ESPAÇO ESCRITO, revista también bilingüe en español y portugués, dirigida por Angel Campos Pámpano y editada por la Diputación de Badajoz y la Junta de Extremadura, continúa la tradición, interrumpida durante dos años, de una de las pocas publicaciones periódicas de literatura de ámbito peninsular. Igual que los números anteriores (e incluso más) *Espacio* sorprende, en primer lugar, por la cuidadísima confec-



ción gráfica realizada según diseño de Luis Castillo. Bilingüe y bicolor, este número de la revista se distribuye en dos bloques: El primero, consagrado a Juan Goytisolo, bajo el predominio del color naranja. El segundo, del que es protagonista José Saramago, se enmarca en juegos gráficos presididos por un azul-morado. Un fragmento del *Auto-retrato num grupo* de Almada Negreiros ilustra portada y contraportada de la revista sobre los respectivos fondos naranja y azul. Papel, ilustraciones y composición gráfica hacen de esta revista una de esas joyas bibliográficas que tanto convidan al manoseo y la contemplación.

No menor elogio merece el conjunto de textos de y sobre Goytisolo y Saramago aquí reunidos y que constituyen una espléndida presentación y comentario a la obra de ambos autores. El bloque dedicado a Goytisolo lo encabeza un texto de Saramago y, paralelamente, el bloque de Saramago va precedido de uno de Goytisolo. En cada uno de ambos bloques, además de textos de los autores estudiados, aparecen entrevistas, análisis, estudios o simples comentarios firmados por algunas de las máximas figuras de la literatura y la crítica literaria que se

hace en las dos lenguas peninsulares de ámbito universal. Una diferencia (¿significativa?) que el lector no dejará de observar es que mientras todos los textos consagrados a Goytisolo (con excepción del de Saramago) están escritos en castellano, en el bloque dedicado a Saramago alternan el portugués y el español.

El volumen se completa con un texto dedicado a la memoria de Antonio José Saraiva y un homenaje a José de Almeida Negreiros en el centenario de su nacimiento. Este número de *Espacio* va acompañado de una separata con el facsímil, sobre cartulina gris, de las pruebas de imprenta del poema de Almeida Negreiros *A Scena do Odio* publicado en ORPHEU.

ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPANICOS. NºIII. 1993

El *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, publicado por la Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil, recoge un amplio conjunto de trabajos, estudios universitarios en su mayor parte, sobre temas hispánicos (en el sentido más amplio de HISPANIA: Portugal, España, Iberoamérica). La revista, con artículos escritos en español o portugués (a excepción de uno en francés) está dividida en 5 secciones:

ESTUDIOS LINGÜÍSTICOS (4 artículos): "Elementos de una Gramática para la enseñanza del Español en Brasil"; "Estructuras básicas de la oración en español y portugués"; "Cartas: un estudio sobre el coloquialismo"; "Gramática y diccionario: contraste e historia en el estudio de la lengua".



ESTUDIOS LITERARIOS (14 artículos): Estudios sobre Rulfo, Calderón, El Lazarillo, Leopoldo Marechal, Borges, Garcilaso de la Vega, el Inca, Lorca, João Cabral de Melo Neto y César Vallejo, Yuri Triniánov, Juan Valera, Julio Cortázar.

HISTORIA Y CULTURA (9 artículos): "Dos cartas inéditas"; "El Camino de Santiago"; "Presencia musulmana en el nacimiento de Madrid"; "Los Freiráticos o amantes de monjas en Portugal en los siglos XVI y XVII"; "Relaciones bilaterales entre Brasil y España"; "Aux sources du Caramuru en 1730"; "El Descubrimiento de América y su repercusión cultural: Imago Mundi medieval y Mundo moderno"; "Visões barroquizantes de Lezama Lima e Alejo Carpentier".

ESPEJO IBEROAMERICANO (2 artículos): Dos poemas de Jorge Guillén; Nota preliminar a un soneto de Quevedo en traducción.

HISPANISMO EN BRASIL (documentos, noticias, reseñas).

Con sus 330 páginas, el ABHE es la más extensa de las revistas publicadas en español y portugués. El lector se habrá percatado, a partir de las referencias anteriores, de la

amplitud e interés de los temas tratados. En los antípodas de *Espacio/Espaço escrito* por lo que se refiere a la concepción gráfica, el ABHE está impreso con gran economía de medios y suple la ausencia de diseño gráfico con la cantidad y densidad de los artículos publicados. El español levemente defectuoso de algún que otro artículo da testimonio de la existencia de hispanistas brasileños que no se arredran a la hora de escribir en la lengua cervantina.

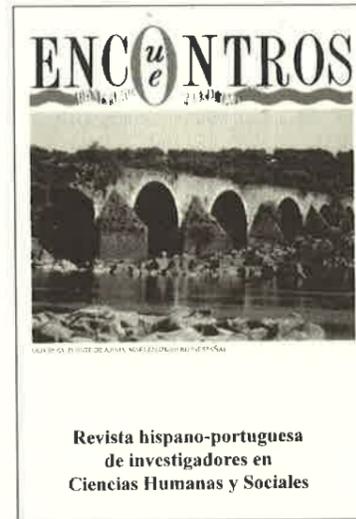
La revista está dirigida por Juan Manuel Oliver Cabañes y forman parte del consejo de redacción, representantes de diversas universidades brasileñas y de la Consejería de Educación.

ENCUENTROS/ENCOUNTERS. Revista hispano-portuguesa de investigadores en Ciencias Humanas y Sociales. nº 2. Olivenza 1993.

Después de 4 años de ausencia (el nº 1 apareció en 1989) resurge de nuevo esta revista en español y portugués, dirigida por Luis Alfonso Limpo y publicada por el Ayuntamiento de Olivenza.

Aunque la revista se ocupa de algunos temas lingüísticos y literarios "Préstamos lingüísticos portugueses en español"; "Castro" y "Raquel" "¿Tragedias paralelas?"; "Alor: origen y resultados posteriores de un topónimo", el grueso de la publicación está consagrado a la investigación histórica y a temas relativos a la ciudad fronteriza de Olivenza, "capital espiritual da Iberia do futuro", según expresión de Agostinho da Silva, quien, a su vez, da nombre al Centro de Estudios Ibéricos que forma parte de la Universidad Popular Oliventina.

Cinco artículos de carácter históri-



co exploran diferentes aspectos de las relaciones entre España y Portugal a lo largo de los siglos. Otros seis artículos, finalmente, se centran en el estudio del emblemático puente de Ajuda así como de cuestiones diversas en relación con la ciudad fronteriza. Esperamos que el número 3 de Encuentros/Encounters no se haga esperar tanto como lo hizo el número 2.

CAIA/CAYA. Revista de grande informação do Alentejo e Extremadura. Nº 1 Janeiro 1994

Se trata de una revista de información general publicada en la ciudad fronteriza de Caya y cuyos artículos aparecen todos en versión bilingüe, rigurosamente traducidos del Portugués al Español o viceversa (nos ha parecido observar mayor calidad en las traducciones portuguesas que en las castellanas, bien que no formulemos esta observación de manera rígida ni definitiva). Esta revista constituye pues una aportación importante para que la desaparición de los controles fronterizos no sea un mero formalismo sino que se traduzca en un acercamiento real entre los pueblos

situados a ambos lados de la línea divisoria entre España y Portugal.

Economía, Política, Cultura, Reportajes y Temas de Sociedad constituyen diferentes secciones de esta revista dirigida por Idilio Pinto Cardoso y cuyo interés es predominantemente de carácter local. Copiamos la versión portuguesa del texto que encabeza la primera página de esta primer número: "DE KLERK E RODRIGUEZ IBARRA. *Dois grandes exclusivos para Portugal, é a grande proposta da edição nº 1 da CAIA: duas figuras ímpares da história política actual, com diferentes sensibilidades e em diferentes latitudes. De Klerk está a dois meses de Eleições na Africa do Sul, enquanto Rodríguez Ibarra se prepara para a sua 4ª recandidatura à cadeira dos destinos da Extremadura.*"



TRANVIA. Revue der Iberischen Halbinsel. Nr. 32. Berlin, Marzo de 1994

TRANVIA es una publicación trimestral que aparece en alemán pero que se ocupa exclusivamente de temas relacionados con la península ibérica. La mayor parte de los cola-

boradores son hispanistas o lusistas, casi todos residentes en Alemania.

El número 32 tiene como tema principal la Revolución de los claveles en Portugal. Enumeramos, traducidos, los títulos de algunos artículos: *La revolución portuguesa de 1974/75; Cuatro cartas hacia Portugal, de Rudi Dutschke; La revolu-*



ción de los claveles: más claveles que revolución; El movimiento de las fuerzas armadas; 25 de Abril y ocupación de tierras en el Alentejo; Gran aprendizaje en el Alentejo; Viadago: observaciones posrevolucionarias; La literatura portuguesa en la época de la revolución de los claveles; La muerte de Mario Dionisio, etc.

TRANVIA, que sostiene una línea editorial decididamente progresista e independiente de las corrientes culturales dominantes en Alemania, se ocupa con pasión y rigor de temas ibéricos (políticos, culturales, literarios) y parece hacer caso omiso de la frontera existente entre España y Portugal.

El número previsto para Junio promete centrarse en "Encuentros interculturales" y el de Septiembre en "Latinoamérica: cultura, literatura".

José Planells

TEATRO

Se estrenó en Febrero la obra teatral *Ñaque ou de Píolhos e Actores*, de José Sanchis Sinisterra, con la producción de la compañía mediterránea **Teatro Meridional**. En el teatro **A Comuna**, dos únicos personajes, Solano (el actor español Alvaro Lavín) y Ríos (a cargo del portugués Miguel Seabra), sobre un escenario desnudo y despojado de cualquier decorado, reflexionan y divierten a lo largo de cerca de dos intensas horas de teatro no efecticista e inteligente.

Es *Ñaque* una reflexión sobre la condición del actor, en su relación con el público (un público que,

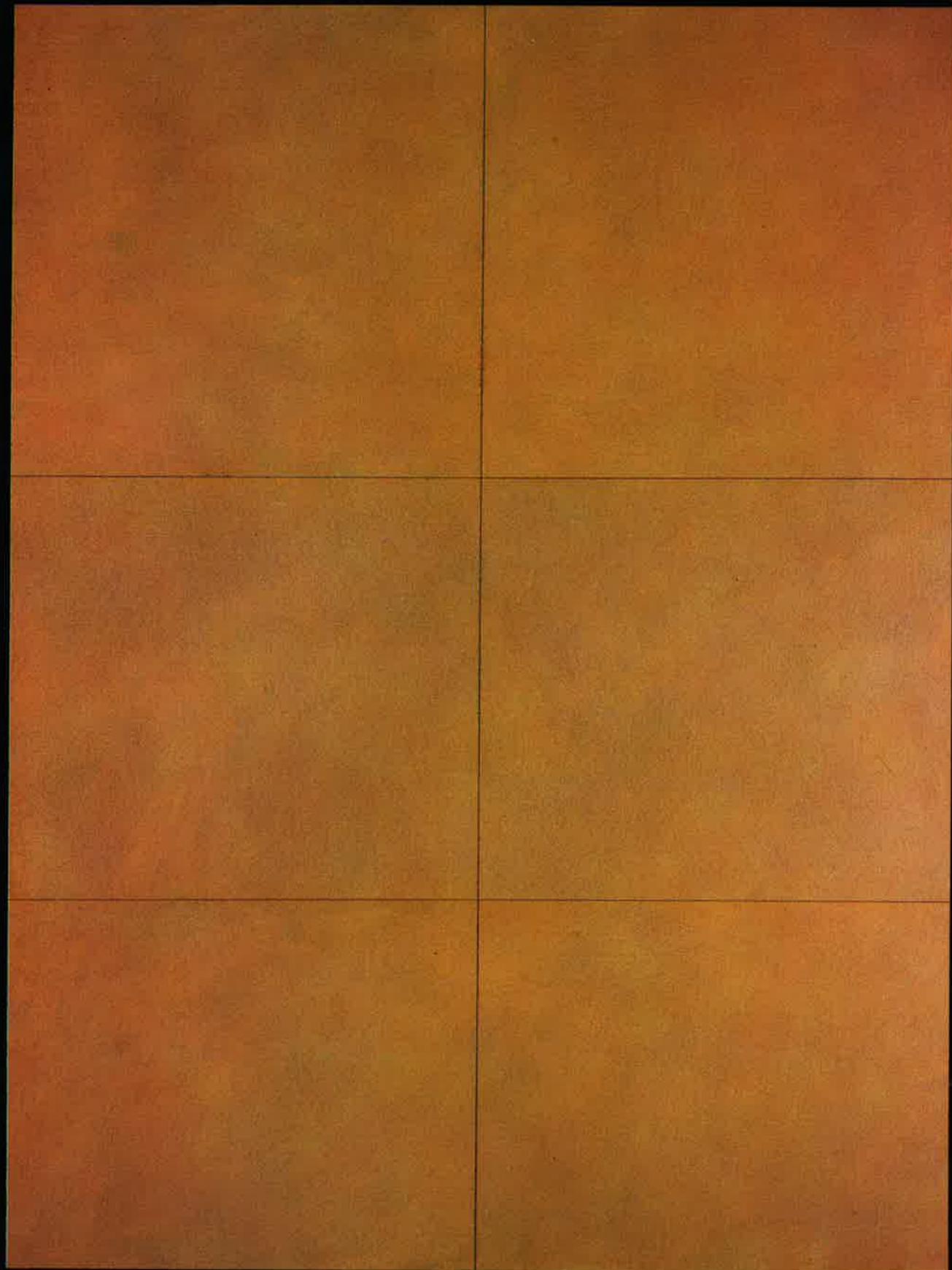
aparentemente, sólo mira y escucha) y con el mundo y la vida en general. Solano y Ríos, dos de los comediantes que podemos encontrar en *El Viaje Entretenido* de Agustín de Rojas, dialogan entre sí, poniendo en evidencia la fragilidad de su errante condición. Son actores —tienen como únicos compañeros a los piojos— y actúan para sentir, para ser personas y no como esos mismos piojos. La ilusión, y la realidad, en entredicho.

Eternos errantes, están cansados. Sinisterra nos trae a Solano y Ríos desde el Siglo de Oro —un Siglo de Oro "marginal"— hasta hoy. El rigor, que hace parte de la dramaturgia del creador de "Ay, Carmela!", se manifiesta, por ejemplo, en

esa interesante exposición que hace de las diversas formas teatrales que las compañías itinerantes solían representar, allá por 1600.

Sobre el montaje de la compañía **Teatro Meridional**, se puede decir que, siendo extremadamente sobrio, no llega a mostrarse árido ni fatigante, puesto que sabe ser lúdico y expresivo. Destáquese, desde un primer momento, la interesante idea de darle a uno de los dos actores voz española y al otro voz portuguesa. Además, tenemos aquí una excelente interpretación por parte de Miguel Seabra y Alvaro Lavín.

Pedro Santa María de Abreu.



ÂNGELO DE SOUSA Sin título. 1992. Acrílico sobre tela. 120 X 90 cm
Fotografía: **Gustavo de Almeida Ribeiro**